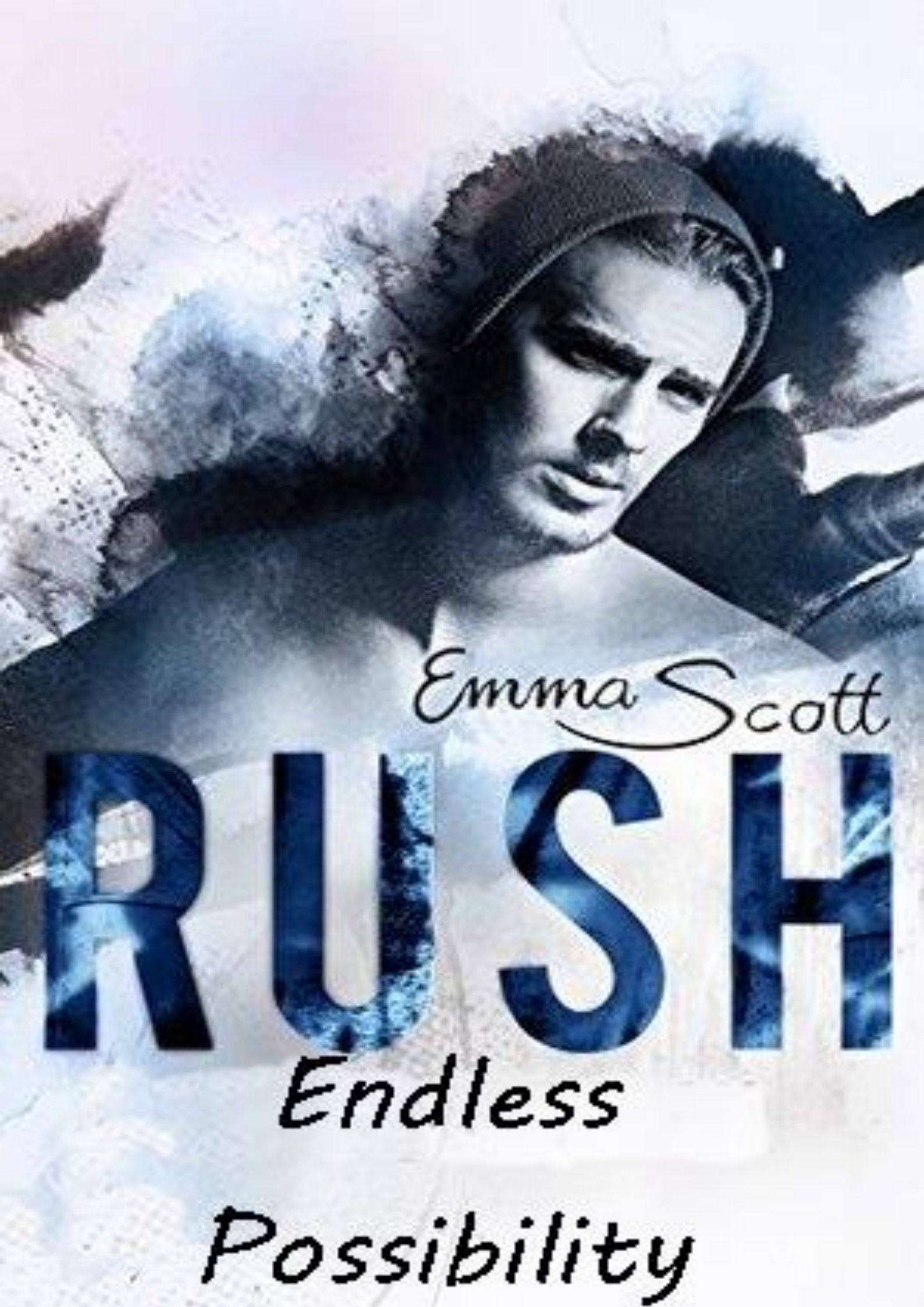


A man with dark hair and a slight beard is wearing a dark hooded sweatshirt. He is looking off to the side with a serious expression. The background is a bright, cloudy sky with some darker, smoky or misty patches. The overall tone is dramatic and atmospheric.

Emma Scott

RUSH

Endless

Possibility

Síntese

Após a desastrosa festa da Planeta X, Noah Lake sabe que deve aprender a lidar com sua raiva e amargura, aprender a viver como ele é e não como ele havia sido. Ele parte em uma jornada impossível, sozinho, na esperança de se tornar digno do amor de Charlotte e de matar os demônios de uma vida antiga que está perdida para ele.

Enquanto ele faz seu caminho árduo pela Europa, após a turnê de Charlotte, Noah escreve sobre suas experiências que se tornarão suas memórias, e é somente depois de ler suas palavras que Charlotte começa a entender completamente as dificuldades que Noah sofreu por causa dela; uma jornada que quase o quebrou em mente, corpo e espírito. Ela sabe o que deve fazer: mostrar a Noah que, enquanto ela é a luz na escuridão dele, ele é a música em seu coração e que sem ele, ela também estaria perdida.

Possibilidades sem fim é o capítulo final de uma história de amor sobre aceitação, paz e o vínculo entre duas almas que se encontraram iguais e o felizes para sempre que ambos merecem.



Disponibilidade:

Tuka

Tradutora:

Dri

Revisora Inicial:

Anny

Revisoras Finais:

Bia e Lu

Leitura Final:

Tuka

Diagramação:

Federicci

Arlequina's Legacy Traduções
ALT



Prólogo

Charlotte

Hospital Lenox Hill

Fevereiro...

Meus passos ecoam pelo amplo corredor de linóleo para se juntar aos sons dos aparelhos e vozes, silenciosas a essa hora da noite, mas ainda altas nos meus ouvidos. Os hospitais não são locais de descanso e o ar é úmido com desinfetante e lágrimas. Eu odeio isso. Odeio que ele esteja aqui novamente. Isso não é justo. *Ele já pagou suas dívidas, um milhão de vezes.*

Eu não deveria estar aqui também; o horário de visitas terminou, mas a equipe de enfermagem é branda comigo. Ou eles não querem uma cena. Provavelmente o último.

A placa na parede diz 8C. O quarto dele. Respiro fundo, para infundir minha voz com força para remover o tremor. Caso contrário, Noah saberá imediatamente como estou com



medo. Ele também está assustado. Ele tenta não demonstrar; afastar isso e enterrar, mas eu sei que ele está. Eu o *conheço*.

É tarde, mas Noah está acordado, com os olhos abertos e focados no nada. Ele parece fraco e pálido sob as cobertas, e muitos tubos e fios estão saindo de seus braços. Muitos aparelhos monitorando o ar nos seus pulmões; sua temperatura e batimentos cardíacos.

Eu tenho o coração dele, penso ferozmente. *Dele e meu, eles batem juntos*.

Noah vira a cabeça quando eu entro, e um sorriso aparece em seus lábios. Ele sempre sabe quando sou eu.

— Oi, baby. – diz ele, cansado. — Que horas são?

— Quase onze. – eu cruzo o quarto até ao lado dele e largo minha bolsa pesada aos meus pés. — Lucien levou todos para casa, mas eles voltarão logo de manhã. Ava também.

— Ava está vindo? – ele pergunta e um franzido aparece em seu rosto. — Deus, que confusão.

Eu beijo meus dedos e toco no franzido em suas sobrancelhas escuras. — Eles são sua família. Nada os afastaria, e é assim que deve ser.

Ele não diz nada, mas sei que ele está se martirizando. Como se a culpa fosse dele, as enxaquecas foram implacáveis. Ou que desmaiou ontem à tarde como um boneco com as cordas cortadas.

Ele pega minha mão. — E você? Vá para casa, baby. Durma um pouco.

— Uma ova. – digo suavemente, tirando meus sapatos.

— O horário de visita não terminou?



— Ele não se aplica a mim.

Ele consegue sorrir. — Só posso imaginar o que aconteceria se eles tentassem expulsá-la.

— Não vai acontecer. Chega para lá. Você está monopolizando a cama.

Deitei-me ao lado dele, com uma perna vestida de jeans jogada sobre a dele que está embaixo dos cobertores. Deitamos frente a frente, com nossos dedos entrelaçados e nossos corpos se tocando tanto quanto a cama estreita permite.

— Charlotte, você está tremendo.

— Está frio aqui. É tão frio nos hospitais, você já percebeu isso?

Ele balança a cabeça levemente contra o travesseiro. — Sinto muito, baby. Eu nunca quis te assustar. É por isso que não disse nada. Ou talvez estivesse tentando não me assustar. Pensei que, se admitisse o quanto ruim estava, tornaria real. — ele ri secamente. Enigmático. — E sim, eu estava certo. Tudo parece muito real.

Ele fecha os olhos como se sua cabeça doesse com mais uma enxaqueca. Ele teve tantas nos últimos meses; mais do que eu poderia contar. Mais do que ele estava disposto a me dizer. O suficiente para alarmar os médicos que solicitaram hoje uma série de exames: tomografias computadorizadas, ressonância magnética e até raios-X, “*apenas por segurança*”, além de um milhão de exames de sangue, até que pensei que haviam drenado Noah a seco.

O medo de que esses testes resultem em algo ruim se envolveu em todos nós que mais amamos Noah e nos deu um nó bem apertado. Algo que exigiria mais cirurgia, outra craniotomia, talvez. Só de pensar a palavra me fez tremer.



Ou talvez isso fosse algo pior. Afinal, havia palavras piores. *Aneurisma. Lesão cerebral. Tumor.* E pairando acima de tudo, o terrível espectro de uma palavra que eu nem conseguia *pensar*; aquele ladrão traiçoeiro e ávido que rouba muito deste mundo e nunca está satisfeito.

— Não culpo você por ter medo, Noah. — digo. — Ninguém culpa.

— É, bem, eu deveria ter dito algo antes, mas não queria voltar aqui. Eu pensei que tinha terminado.

— Eu sei. — eu pressiono seus dedos nos meus lábios. — Mas desta vez é diferente. Você vai ficar bem.

Ele assente e nós dois sabemos que minhas palavras não passam de desejo de esperança.

— Tenho boas notícias sobre o seu livro. — digo intensamente. — Yuri entregou um manuscrito impresso. Então você pode segurá-lo. Sentir o peso do *seu* livro em suas mãos.

Noah faz uma careta. — Ainda não está terminado.

— Eu acho que é o jeito dele de encorajá-lo. — eu aperto seu braço. — É emocionante. Len Gordon realmente quer! Claro, que eu ficaria mais animada se você me deixasse ler, *sempre...*

— Ainda não terminei. — diz Noah novamente, e eu olho para ele. Ele não está empolgado ou emocionado, mas parece zangado. Ou com medo. Ou ambos, com cada emoção disputando o centro do palco. — Eu queria terminar antes de você ler. Antes que alguém o leia. Mas não tem um final. — Seus olhos castanhos procuram por mim, com suas mãos segurando as minhas apertando mais forte. — Não vejo um final, Charlotte. Qual vai ser?

— Feliz. — digo. E eu *declaro*. — Será um final feliz, Noah.



Ele fecha os olhos, terminando a busca infrutífera. — Estou tão cansado, baby. Eu quero dormir agora.

Eu aceno e beijo seus lábios. — É claro. — digo, embora eu queira que ele continue falando comigo até que se sinta melhor, mas percebo, com uma pontada aguda, que não tenho nada a dizer. Não há como ajudá-lo.

Ele se afasta para o que eu espero que seja um sono reparador, ininterrupto pela dor, e eu deito ao lado dele, vigiando-o, com nossas mãos entrelaçadas. Eu luto para manter meus pensamentos longe do “ses”; as inúmeras coisas que podem sair da boca do médico quando a manhã chegar. Mas o desejo de ajudar Noah é forte e isso me deixa inquieta.

Noah está dormindo e eu preciso deixá-lo dormir, mas também preciso ouvi-lo. Saber seus pensamentos, mantê-lo o mais perto possível de mim nesta hora sombria.

Olho para minha bolsa, para onde está o livro dele. Ele não queria que eu lesse até terminar, mas eu preciso. Tenho que saber como chegamos a este lugar, e por que ele escondeu sua dor de mim. Eu tinha que saber o que aconteceu com ele na Europa. Ele fez as pazes com a cegueira, mas como chegou a isso foi uma jornada longa e árdua que teve seu preço. Eu queria - não, *precisava* - saber o que ele desistiu e sofreu por mim. Por nós.

Eu cuidadosamente me libertar dele, e saio da cama. Tiro o livro da minha bolsa e sento na cadeira perto da janela. O livro é fino, não mais que cem páginas, encadernado em papel grosso, grampeado três vezes com aqueles fechos de latão. Abro o livro na página inicial, ainda com suas fontes e formato irregulares e ásperas.



Possibilidades sem fim

Um livro de memórias

Noah Lake

Dedicação

Para Lucien.

O deus do meu universo sombrio que disse: "Haja luz", e então havia...

Charlotte

A luz na minha escuridão. A razão pela qual vivo em vez de existir. Você é o amanhecer de todos os meus novos dias.

Minha infinita possibilidade.

Pisco com lágrimas com essas palavras e viro para o primeiro capítulo.

Li sobre os primeiros amores de Noah: adrenalina, velocidade e medo. Li algumas de suas façanhas no *Planet X* e sua sede de viajar, para nunca parar de viajar e experimentar o mundo em todo o seu esplendor. Eu li os eventos anteriores ao acidente e depois o próprio acidente; uma angustiante queda na dor e na escuridão. Fiquei horrorizada ao descobrir que a recuperação dele foi muito pior do que eu já havia visto; muito mais vívida em suas próprias palavras do que as terríveis fotos do Google de sua lesão que eu já tinha visto. Palavras mais terríveis como craniotomia e líquido espinhal cerebral; válvulas e parafusos, enxertos que ficaram sépticos... E dor. Muita dor. Meu amor suportou tanta dor que mal posso imaginar isso.



Com lágrimas borrando as páginas, li a descrição de Noah do dia em que lhe disseram que a sua cegueira era permanente; uma lista comovente de experiências, lugares e pessoas que ele nunca viu, incluindo os rostos de seus próprios filhos.

Li sobre sua reabilitação e os cuidados incríveis de seu terapeuta, um homem sábio chamado *Harlan Williams* - um homem que eu instantaneamente queria rastrear e abraçar por como ele cuidou do meu Noah durante o pior de sua dor.

Li sobre o retiro solitário e sem esperança de Noah, para o sobrado aqui em Nova York, e sobre sua sucessão de assistentes, a quem ele procurou afastar como ele tinha feito com sua família.

E então, li sobre mim mesma, do dia em que nos encontramos frente a frente, e aqui está Noah escrevendo sobre esperança e o início de algo novo e bom. Nós. Nosso amor bagunçado, bonito e de altos e baixos que começou com uma entrevista de emprego que ele não queria dar a uma jovem que precisava de apenas um pouco de segurança e paz para deixar seu coração ferido.

Continuei lendo até chegar ao que procurava quando, eu peguei o livro: o lugar onde Noah e eu estávamos separados, para que ele pudesse exercer o que pensava ser a busca de nos colocar - e ele próprio - juntos novamente.

Esta era a parte da nossa história que eu não conhecia, e era isso que eu precisava ler: o que aconteceu com ele na Europa e depois; por que ele conduziu-se à beira do precipício e como ainda não se sentia como se isso fosse o suficiente.

Estou com medo do que estou prestes a ler, pois esta é *minha* jornada para o desconhecido escuro.



Com uma respiração abalada, viro a página e começo.





Cidade de Nova York

Eu a deixei.

Apenas escrever as palavras agora, semanas depois, ainda me dá um soco no estômago. Deixei Charlotte e foi a pior coisa e a melhor coisa que eu já fiz.

A festa no *Planet X* foi um desastre, assim como ela tentou me avisar que seria. A humilhação de caminhar sozinho no salão de baile, um naufrago sem nada para me animar e sem capacidade de ver a costa era sobrevivível. Mas o Deacon McCormick prendeu minha Charlotte em um elevador e tentou pegá-la a força. Isso foi imperdoável.

Não disse uma palavra na delegacia enquanto Charlotte repassava o que aconteceu, mas por dentro eu estava gritando. Deacon agarrou o queixo dela, tentou beijá-la até que ela usou o spray de pimenta que minha irmã havia lhe dado.

Meus dedos doíam onde atingi Deacon quando ele e Charlotte saíram do elevador contaminado, e por isso me concentrei nisso durante a declaração da polícia, para tentar não enlouquecer de raiva. Eu flexionei meus dedos sem piedade, saboreando a dor. Mas esses ossos deveriam ter sido quebrados. Minha mão não doeu o suficiente. Não tinha batido nele *com força suficiente*. Ouvi o medo e a humilhação na voz de Charlotte enquanto ela transmitia o que aconteceu, e eu queria matar Deacon. Eu não era



um cara violento, mas naquele momento, se ele estivesse na minha frente, eu bateria nele até que fosse eu quem eles estariam jogando na cadeia.

Esse incidente me mostrou o quanto longe eu estava de ser capaz de dar a Charlotte a vida que ela merecia. Minha estupidez e orgulho a colocaram na pior das situações. A raiva e a amargura ainda estavam lá, escondidas sob a superfície. Meu desejo infrutífero de que as coisas voltassem a ser como eram, de retomar minha vida de onde parou, foi tão potente como sempre... um veneno que se infiltrava entre Charlotte e eu e nos arruinando. Eu tive que ir embora.

Não tinha um plano. Voltamos para o sobrado e imediatamente fui para meu quarto e comecei a fazer as malas, pegando as roupas aleatoriamente. Precisava ir embora rapidamente, antes que pudesse mudar de ideia.

Charlotte me trouxe meus óculos de sol e bastão branco - de Valentina de todas as pessoas - e eu fui destruído novamente. Graças às mentiras de Deacon, Val havia me beijado e Charlotte provavelmente também tinha visto isso.

— O que você está fazendo? — Charlotte perguntou, com sua voz embargada e se enchendo de lágrimas.

Nos salvando, eu queria dizer, mas isso parecia muito heroico, e eu era tudo menos isso. Eu estava tentando superar a humilhação do meu próprio fracasso. Eu tive muitos naquela noite, mas acima de tudo, falhei em proteger Charlotte. Deacon, eu sei, tinha me atingido muito mais forte do que eu o atingi. Ele me bateu onde dói mais, e Charlotte quase pagou o pior preço.

Era a hora de ir. Ela chorou e a abracei, senti-a segurando minha camisa, ouvi suas lágrimas e dor. Pedi que ela esperasse por mim. Nem sabia o que estava dizendo, o que estava pedindo.



Esperar pelo quê? Para eu organizar minha vida, eu supunha, embora eu não fazia ideia de como. Mas eu sou egoísta há meses, e essa foi a primeira coisa que fiz que eu senti vontade de retribuir. Parecia horrível e comovente, mas não havia mais nada para eu fazer.

— Eu te amo, Charlotte. — eu disse a ela. Pela primeira vez. Dizendo isso a ela quando a deixei. Partindo *porque* eu a amava. — Eu te amo mais do que eu e essa é a única razão pela qual posso sair por aquela porta hoje à noite.

Eu a beijei então, para provar e senti-la uma última vez, mas também para silenciá-la. Se ela me dissesse para não ir, eu teria desistido. A dor no meu coração era um peso principal. Ajoelhar-me e pedir perdão a ela teria sido muito mais fácil. E errado.

Então eu a beijei rapidamente e a deixei, e fechei a porta atrás de mim.



Pisei na calçada nas primeiras horas da manhã. Ainda estava quieto; o ar estava denso pela umidade, talvez chuva. Peguei meu bastão branco na bagagem e caminhei pela calçada até sentir a curva do meio-fio. Dobrei a esquina, fora da vista do sobrado, se Charlotte pensasse em me seguir, e peguei meu celular no bolso. Eu disse a ela que chamei um táxi, mas isso era mentira. Eu não tinha plano, nem ideia do que fazer a seguir. Disse ao meu celular para ligar para Lucien.

Eu ainda estava vestindo um smoking, pelo amor de Deus, embora eu tenha estado fora de



alcance há muito tempo. Abri os três primeiros botões da minha camisa enquanto esperava completar a ligação, sentindo como se estivesse sufocando.

A voz adormecida de Lucien respondeu.

— Allo? Noah?

Tanta preocupação. E eu o tratei tão mal. Este homem, que tinha sido como um segundo pai para mim. Quem me aturou, que contratou assistentes para mim enquanto eu os demiti sistematicamente ou os afastei. Um por um. Ele me trouxe Charlotte, e arruinei isso também? Toda a besteira que eu me escondi atrás estava desmoronando, me deixando nu e exposto aqui fora na rua. *Perdido*.

— Lucien. – resmunguei, com minha voz soando tão destruído e ferido quanto me sentia. Eu disse algo que não disse a ninguém desde o acidente. — Eu preciso de você.



Eu não estava no condomínio de Lucien há uma década. Lembrei-me vagamente de arte de bom gosto - principalmente esculturas de vidro e cristal de *Waterford* - e o cheiro de seus cigarros Dunhill. Quando ele me levou para dentro, o cheiro daquela fumaça e sua cara colônia eram como um tiro de nostalgia no braço. Ele me sentou em uma cadeira de couro - se era o mesmo que eu lembrava, era de uma cor verde profunda - e acendia um cigarro.



— Então... — Lucien disse, exalando. — Conte-me.

— Deixei Charlotte.

— Eu percebi. Por quê?

— Para nos salvar.

Do lado de fora das janelas, senti o calor do sol em meu braço e os sons da cidade voltando à vida enquanto eu morria por dentro. contei a ele tudo o que aconteceu na festa do *Planet X*, as palavras saindo da minha boca - uma torrente de vergonha que eu precisava deixar escapar antes que o orgulho a reprimisse.

Disse a Lucien como a Charlotte havia trabalhado tão incansavelmente para me mostrar uma vida melhor, e como eu a paguei, deixando-a sozinha com aquele bastardo, do Deacon.

— Mas ela está segura agora. — Lucien disse, com sua voz com toque de gelo.

— Sim. — eu disse. — A salvo de mim. Ela fará uma audição na próxima semana para uma orquestra que estará em turnê. Eles vão por toda a Europa, e sei que ela entrará. Ela é boa demais para não entrar.

— Fiquei com a impressão de que Charlotte sentia falta de contato com sua música ultimamente. Isso é desde que o irmão dela morreu?

— Ela está recuperando. Encontrando-a novamente. Essa turnê... é perfeita para ela. É o momento dela. Sei disso, e acho que ela também. E ela... ela queria que eu fosse com ela. — eu disse, com a dor apertando o meu coração. — Mas eu não posso acompanhar. Apenas vou afundá-la. Ela passou os últimos meses vivendo para mim. Ela precisa viver para si mesma.

— E você não acha que essa é uma decisão que ela pode deve ter sozinha?



— Claro que ela deve. — eu disse. — E se eu não estivesse fodido, faria o que ela quisesse. Mas *estou* ferrado - a festa da noite passada é prova suficiente. Então eu não posso ir com ela e estragar tudo também. Ela continuava se colocando diante de mim, em vez de se concentrar em sua música. E turnê ou não turnê, eu tenho que descobrir como viver. Se eu não posso fazer isso... eu não sou bom para ela. Não como eu sou.

Silêncio.

Eu me movi irritadamente. Admitir estragar tudo já é bastante difícil. É um milhão de vezes pior quando você não consegue ver o rosto da pessoa para quem está admitindo. Eu me senti como um prisioneiro de olhos vendados esperando o machado cair. Ou não.

Finalmente, a cadeira de Lucien rangeu; Imaginei que ele sentou-se, ponderando, com a fumaça flutuando em seus cabelos grisalhos como tentáculos preguiçosos. — A questão permanece, então, o que você vai fazer? Você disse a Charlotte para esperar por você. Esperar pelo quê?

— Eu não sei. Não sei o que diabos estou fazendo. — eu esfreguei as minhas mãos no meu rosto. — Sinta-se livre para compartilhar quaisquer ideias brilhantes.

— Noah. — disse Lucien. — Mesmo que eu tenha uma resposta, isso será para você descobrir. Mas eu lembraria que você tem o amor de uma jovem extraordinária. Por favor, lembre-se disso antes de se enterrar no próprio ódio.

As palavras de Charlotte na delegacia voltaram para me assombrar.

“Deacon me apoiou no canto do elevador. Ele... agarrou o meu queixo. Forte. Forçou minha boca aberta...”



Eu estremeci. — É tarde demais.

— Quoi¹?

— Nada.

Esfreguei a minha nuca, onde uma suave dor começou a aumentar. Aparentemente, a noite não terminou de ser uma merda monumental; o monstro estava acordando.

— Enxaqueca? — A voz de Lucien soou mais aguda, abalada pela preocupação.

Balancei a cabeça e peguei o casaco de smoking para tomar meus remédios.

Charlotte, é claro, pensou em colocá-las no meu bolso antes de sairmos para a festa.

— Eu também estou de ressaca.

O ar ficou mais forte com a surpresa de Lucien. — Você bebeu?

— Ah sim. Estou cheio de más decisões hoje à noite.

Ouvi a cadeira chiar, passos sobre as tábuas do piso e depois uma torneira aberta. Lucien voltou e pressionou um copo de água contra a minha mão. Guardei de novo o *Azapram* e o tomei. Então, colocou sua mão no meu ombro. — Venha.

Ele me levou para o seu quarto de hóspedes que cheirava a limpeza, mas sem uso. Sentei-me na cama e imediatamente percebi o quanto estava cansado. A dor de cabeça era lenta, devagar. Pensei que o medicamento e o sono me atingiriam antes dela explodir, mas não me importava tanto assim. *Bem feito.*

¹ *Quoi: significa “o que?” em Francês.*



— Há um banheiro em frente à cama à esquerda. — Lucien disse.
— Depois que você tiver uma chance de descansar, conversaremos e talvez uma solução para sua situação se torne conhecida.

— Lucien. — eu disse antes de ele fechar a porta. — Obrigado.

— Claro, meu garoto. Durma bem.

Ele disse isso como um amigo, e não como um homem que recebeu muito dinheiro do meu pai para cuidar de mim, e essa foi a melhor coisa que aconteceu comigo a noite toda.

Caí na cama. A dor na minha nuca desapareceu e eu apaguei.



Livro das Revelações

Há poucas coisas que lembram uma noite desastrosa mais do que acordar sozinho em uma cama fria. Acordei procurando Charlotte. Entendi para um espaço vazio para sentir o seu calor, sua pele e a suavidade de seus cabelos. Eu queria seus lábios nos meus, sorrindo contra a minha boca enquanto ela me dizia "bom dia". Eu só estava dividindo uma cama com ela no sobrado por pouco mais de uma semana, mas já havia começado a parecer uma vida.

Mas ela não estava no sobrado. *Eu* não estava no sobrado. Levei um momento para organizar os aromas e sons do quarto e lembrei que era o quarto de hóspedes de Lucien em seu condomínio na Park Avenue. Ele estava no vigésimo terceiro andar e tinha uma vista espetacular do Central Park. Eu tinha treze anos ou mais na última vez que estive aqui e, é claro, não apreciei a vista. Então, eu queria apenas ir mais alto.

Então, eu pensei que era invencível.

Eu me sentei devagar. Sem enxaqueca, mas minha boca parecia que estava comendo sujeira pelo pouco da noite toda e meu estômago não estava feliz com isso. Senti meu caminho ao redor da parede até encontrar a porta do banheiro, depois tive que procurar o maldito banheiro. Eu me xinguei por não visitar Lucien com mais frequência quando pude ver a porra da planta do apartamento dele.



E o seu rosto. A aparência de Lucien - os detalhes exatos - estava escapando da minha memória, como um esboço lentamente apagado. Meus pais também. E Ava. Eu via a Charlotte, mas só porque toquei seu rosto com tanta frequência. Mas agora que ela se foi; e se eu também perder isso?

O pensamento me deixou mais enjoado do que minha ressaca.

Mijei que durou aproximadamente dez horas e depois me atrapalhei em direção à cozinha. Felizmente, Lucien me ouviu e me levou para a mesa do café, enquanto me servia uma xícara de café preto forte.

— Com fome? — ele perguntou. — É bem depois da hora do almoço.

Eu balancei minha cabeça. — Estou impedindo você de trabalhar?

— De jeito algum.

Lucien, como o meu pai, estava semi-aposentado. Ele tinha um escritório na Wall Street, onde administrava o dinheiro e os negócios imobiliários de meu pai e os de vários outros clientes. Mas principalmente do meu pai. Ele era mais família do que empregado e agora passava a maior parte do tempo cuidando da aposentadoria de meus pais. Desde o meu acidente, ele foi rebaixado ao meu guardião. Cuidando de mim depois de eu expulsando todo mundo da minha vida.

Por que ele?

Não sei o que havia sobre Lucien Caron, mas ele era a única pessoa que eu podia tolerar, mesmo quando estava no controle do meu humor mais sombrio. Havia algo constante nele que me acalmava, ou talvez ele fosse apenas impenetrável ao meu sarcasmo, onde todo mundo fora levado por ele. E eu sinceramente esperava



que ele não desaparecesse também.

— E você dormiu bem? – ele perguntou agora, com sua voz suave.

— Acho que sim. Não acordei com nenhuma epifania.

Lucien fez um barulho como *Hmm*. Ouvi o movimento de um isqueiro e depois o cheiro de fumaça. — E Charlotte? Você vai falar com ela hoje?

— Não. – eu disse. — Essa é a única coisa que sei. Ficarei longe dela. Para deixá-la se preparar para sua audição sem interferência ou distração comigo.

— Você tem certeza de que ela fará o teste?

— Sim, ela vai. Ela é forte. E corajosa. – eu engoli. — Ela fará isso e entrará. Eles seriam loucos de não lhe dar uma vaga.

— Hmmm. – Uma expiração de fumaça. — Falando nisso, tenho notícias sobre a transação que me pediu para fazer em Connecticut.

— Você encontrou um violino? – perguntei. — Ou você vendeu o carro?

— Ambos, de certa forma.

Três anos antes do meu acidente, comprei um *Camaro Z28 Tribute* 1969. Preto com listras brancas de corrida, bloqueio monstruoso e 450 cavalos de potência depois de eu acelerar. Eu o comprei porque estava precisando para um trabalho, e depois de passar um ano nele, de vez em quando, era uma obra-prima de engenharia e velocidade. Tive um amigo que me deixou dirigir em *Daytona* uma vez, e essa foi uma das maiores emoções da minha vida.

Na manhã em que Charlotte e eu fomos assaltados, e seu violino roubado, fomos conhecer minha família em Connecticut. Minha irmã,



Ava, tinha me falado um pouco sobre o que um instrumento perdido significava para um músico do calibre de Charlotte. Isso, além da própria confissão chorosa de Charlotte de que ela se sentia "amputada", me levou a agir.

— Ela precisa de algo excepcional. — eu disse a Lucien, falando em francês, caso Charlotte escutasse. — Mas não estou pedindo aos meus pais. Vai vir de mim, cem por cento.

Lucien estava hesitante. — O tipo de violino que você deseja comprar para Charlotte tem um custo proibitivo. Você pode acabar com suas economias ou sacar do seu plano de previdência, não recomendo nenhuma opção. Ou...

— Ou venda o Camaro.

— Oui.

Eu não poderia dirigir. Eu não conseguia esconder isso em algum lugar e admirá-lo. Estava guardado em uma garagem em Miami, acumulando poeira. E, no entanto, isso doeu.

Eu disse as palavras antes de poder recuperá-las. — Faça isso.

Agora, mentalmente me preparei para ouvi-lo me dizer que o carro tinha sumido. Não deveria ter importado. Afinal, era para Charlotte, mas era literalmente o último remanescente da minha antiga vida. Uma personificação real do estilo de vida rápido e perigoso que sempre foi definitivamente para mim.

— Você encontrou um comprador para o Camaro?

— Eu encontrei. A oferta é bastante generosa e a venda será finalizada até o final da semana.



Eu esperei me sentir extremamente mal por isso, mas, em vez disso, senti como se um fardo tivesse sido levantado.

Este. Este é o primeiro passo para deixar tudo ir. Neste momento, bem aqui.

— O violino é outra questão. — dizia Lucien. — Existe um leilão na Christie em *Haia* para um *Johannes Cuypers*.

— Um o quê?

— Um bom violino. Um excepcional.

Excepcional. Exatamente o que Charlotte merecia. — Ótimo. Compre.

Lucien riu. — Seria assim tão simples. Mas farei o possível para garantir isso antes que a turnê comece.

Assunto resolvido e um silêncio caiu entre nós. Praticamente podia ouvir o sorriso de Lucien sumir de seu rosto.

— Prossiga. — eu disse. — Diga.

— E o que devo dizer?

— Você acha que estou cometendo um erro? Ou sendo um idiota, deixando-a como eu deixei?

— Você sabe disso melhor do que eu. — Lucien respondeu uniformemente. — Mas eu estou preocupado com ela? Sim, claro.

— É a melhor coisa. E você não está sempre me dizendo que a melhor coisa raramente é a mais fácil?

— Sou conhecido por usar essa frase de tempos em tempos.

— Bem, isso não é fácil. É a coisa mais difícil que eu já fiz, então tem que estar certo.



— Sua convicção é admirável. — disse Lucien. — Mas inútil se você não tem nenhuma direção. Meu apoio em você deixar a Charlotte - uma jovem que eu amo e aprecio como se fosse minha filha - é tolerável desde que faça o que prometeu. Isso? — ele bateu palmas. — Vamos. Aulas de braille? Um cão-guia? Tenho certeza de que existem facilidades para os cegos nos quais você pode aprender como viver de forma independente. Diga as palavras e eu farei ou adquirirei qualquer coisa que você precisar.

— Eu não sei. — eu virei minha caneca de café várias vezes. — Estou disposto a ter aulas, eu acho. Mas... não parece certo. Ou o suficiente. Isso não parece *comigo*.

Lucien fez um som como *hmmm*, profundamente em sua garganta. — Você precisa encontrar sua epifania, Noah. — disse ele sem rodeios. — E rapidamente. Charlotte está sofrendo com a sua partida, não é? E você é bastante infeliz sem ela.

— Infeliz é pouco.

Eu ouvi uma cadeira ranger; Lucien levantou-se, com suas palavras vindo do alto. — Então é imperativo que você responda à pergunta: *o que você fará?* com a resposta certa. E rapidamente, antes que seja tarde demais.



Quatro dias depois, e eu não tinha feito nada. Meus pais queriam me ver, mas eu não tinha vontade de ir a Connecticut e explicar o fracasso no *Planet X* para eles, nem havia descoberto



meu grande plano. Deitei-me, procurando pelo o meu cérebro uma solução para o meu problema que não envolvia sentar atrás de uma mesa aprendendo Braille, ou aprender truques bonitos para ler rótulos de latas de comida, ou como cozinhar uma refeição sem queimar a casa ou a mim mesmo.

Na tarde do quinto dia, o Lucien recebeu uma ligação. Charlotte apresentou formalmente sua demissão como minha assistente. Eu queria voar para Lucien e pegar o celular, ouvir a voz de Charlotte, mesmo que isso significasse ela me xingando. Mas eu me coleí no sofá com os punhos com os nós dos dedos brancos e ouvi. Foi uma ligação curta e, quando Lucien terminou, eu o ouvi suspirar.

— Então? – eu me inclinei para frente. — Ela entendeu, certo?

— Ela entendeu.

Um feroz orgulho passou por mim. — Bom para você, baby. – murmurei baixinho.

— Ela partirá para a Europa em quatro dias. – disse Lucien.

Minha cabeça virou. — Quatro dias? O violino não chegará a tempo.

— Pensei nisso. – disse Lucien. — Charlotte chega a Viena na próxima semana, mas a turnê não começa duas semanas depois disso. É bem possível que tenhamos garantido o violino até essa data e que possamos enviá-lo antes de seu primeiro concerto em 2 de julho.

— Eu gostaria de poder colocá-lo nas mãos dela. – eu murmurei.

— Estou feliz por ela, mas, caramba, ela estará tão longe.

— Sim. – disse Lucien. — Ela me disse que será uma turnê rápida. Dezesete cidades em um mês e meio.



— O que prova apenas que a minha suspeita de que se eu a acompanhasse, ela passaria o tempo todo arrastando minha bunda por aí, em vez de se concentrar em sua música.

— Hmmm.

— Mas gostaria de ouvi-la tocar. – disse, falando principalmente comigo mesmo. — Eu realmente gostaria disso.

— Tomei a liberdade de pesquisar uma instituição que o ajudará a viver de forma independente. – dizia Lucien. — A Fundação Helen Keller. No Brooklyn. Bastante respeitável.

— O quê? Ah sim. OK.

— Talvez você possa passar o verão estudando e depois voar para Viena para encontrar Charlotte sozinho. Mostre a ela que você dedicou tempo e esforço para cumprir sua promessa, colocando suas novas habilidades à prova.

— O que? Sozinho?

A ideia parecia absurda. E assustadora. Passei a maior parte da minha vida adulta sem deficiência visual andando pelas cidades do mundo e seus aeroportos. Muitas vezes era um desafio como pessoa com visão. Para fazer isso cego? Impossível.

Mas, quanto ao resto, pedi a Charlotte que me esperasse, mas esperar o que? E por quanto tempo? Se eu não tentaria aprender a viver cego, por que diabos eu a deixei?

Eu acenei com a mão. — Sim, Vá em frente. Inscreva-me. Aulas, Braille, tudo isso.

— Ótimo. – disse Lucien. — Eu vou tomar as providências neste minuto.

Suspirei. — Ótimo.





Naquela noite, eu estava deitado no quarto de hóspedes, ouvindo o Concerto para Violino No. 5 de Mozart no meu celular quando Lucien bateu.

— Isso chegou para você. — disse ele, e senti a cama afundar. — É o software que Charlotte recomendou. Com ele, você pode ler e escrever em um computador, e até ficar online e ler a Internet. Ele lerá a tela para você. Tecnologia extraordinária!

Ele parecia tão animado com isso. Eu consegui dar um leve sorriso.

— Parece bom.

— Bastante! — Lucien disse. — E sua inscrição na *Fundação Helen Keller* está completa. As aulas começam na próxima semana, para que haja tempo para uma visita a *New Haven*. Seus pais estão ansiosos para vê-lo.

— OK. Obrigado.

— Noah?

— Sim?

— Estou orgulhoso de você.

A porta se fechou e deitei na cama. Ele estava orgulhoso. Eu estava tão em conflito como sempre. Aulas na *Fundação Helen Keller*. Ainda me pareceu, embora eu não pudesse ver que tinha outra opção.



Naquele tempo, quando eu ainda trabalhava no *Planeta X* e algum artigo não estava se encaixando como eu queria, eu começava a digitar. Qualquer coisa e tudo sobre o assunto em que eu estava trabalhando e improvisando. Escrevendo e alguém ligava. E quando terminava, eu selecionava as melhores e mais verdadeiras partes e as organizava no artigo.

Eu precisava disso agora. Ser capaz de expressar todos os meus sentimentos e pensamentos sobre o que seria necessário para cumprir minha promessa a Charlotte para que eu pudesse analisá-los. Um amontoado de palavras, talvez, mas algumas delas flutuariam para o topo e eu teria minha resposta.

Chamei por Lucien de novo no quarto e pedi que ele configurasse o software que Charlotte me enviou em seu laptop, pois o meu ainda estava no sobrado. Lucien estava com 65 anos, mas ele ainda estava preciso como um chicote. Ele o colocou em funcionamento e me mostrou como falar com isso, e como fazer com que isso lesse para mim. Então me deixou com isso.

Brinquei com o microfone por uns bons dez minutos, me sentindo extremamente estúpido. Mas a pergunta precisava ser respondida.

Você quer aprender a viver cego? Então, porra, aprenda. Não há outro caminho.

Só que não era isso que eu queria. Não *queria* aprender a funcionar às cegas. Eu não queria ser cego. Minha tristeza não era profunda ou poética. Era sinistra em sua simplicidade. Eu queria enxergar de novo e nunca enxergaria. Esse foi o meu tormento: duas forças implacáveis, pressionando-se uma contra a outra como placas tectônicas ao longo de uma falha e esperando a outra ceder. Com minha cegueira eu não podia e não queria, então fiquei preso entre eles. E isso estava destruindo a minha vida.



— Não quero ser cego. — disse em voz alta.

Diga-nos algo que não sabemos, gênio.

Aparentemente, meu editor interno havia se tornado um idiota desde o acidente.

Mas isso foi o cerne do problema. Esse foi o problema. Eu não queria ser cego. Eu gostaria de nunca ter pulado daquele penhasco. Ou que eu pulasse na hora certa, ou em outra hora e sofri uma lesão diferente. Algo que não era tão malditamente uma mudança de vida.

Sem perceber, comecei a falar, acalmando minha angústia amarga com uma realidade alternativa. Uma fantasia do que poderia ter sido...

Saltei tarde demais. Eu sei disso mesmo quando meus pés deixam a elevação rochosa. Eu tenho tempo suficiente para pensar 'Isso vai acabar mal' e então estou na água, curvando-me no mergulho. A água me joga e eu bato contra as rochas. A dor explode no meu lado direito. Parece que uma armadilha gigante de aço quebrou minha perna do tornozelo ao quadril. Ou talvez um tubarão me mordeu. A dor é ao mesmo tempo a profunda agonia de quebrar ossos e o calor ardente de carne cortada. Em pânico, eu quase inalo a água do oceano enquanto caminho até a superfície.

Mergulhadores locais me levam para a praia. Eu respiro fundo para me acalmar e depois quase perco tudo de novo em ver minha perna direita. É um show de terror, não há outra maneira de dizer. Dobrada e torcida, a pele arrancada, parece que tenho três joelhos em vez de um, e o sangue está escorrendo na areia. O sol está quente na minha pele úmida, mas começo a tremer.

Uma ambulância chega e sou levado ao hospital naval e levado de avião ao UCLA Medical Center no dia seguinte. Três cirurgias



depois, eu acordo com o Lucien e meus pais ao meu redor, todos tentando muito não olhar para a minha perna. Eu não quero olhar para ela. Está preso em andaimes de metal do meu tornozelo até logo acima do joelho direito. Pinos de aço do andaime penetram na minha pele inchada e machucada em oito lugares diferentes, mantendo meus ossos no lugar, embora eu tenha mais hastes de titânio do que ossos agora.

Eu quero vomitar, mas os médicos me dizem que mesmo que pareça terrível, eu poderei andar, correr e viver uma vida normal novamente, dado tempo e muita merda de reabilitação...

— Poderia ter sido pior. – eles me dizem repetidamente.

Poderia ter sido pior. Malditos homens.

Quando posso, eles me levam de avião para o Hospital Lenox Hill, em Nova York, por mais algumas semanas, até que os pinos saiam. Minha perna presa está livre, e depois vou para White Plains para fazer fisioterapia. Meu terapeuta é um cara legal chamado Harlan Williams. Conversamos e brincamos - nada sério - enquanto trabalho para colocar minha perna de volta onde estava.

Duas semanas depois, estou com uma cinta de tornozelo e quadril e mancando de muletas. O aparelho não pode durar mais seis semanas, então meus pais me emprestam seu sobrado em Nova York e Lucien me contrata um assistente para me ajudar em casa.

Um cara chamado Trevor. Ele está bem, mas não lhe dou muito o que fazer.

Quero recuperar minha independência o mais rápido possível e voltar para o Planet X. Yuri, meu editor, está insistindo que ele precisa de mim e estou mais do que feliz em agradecer.



Mas ainda preciso me recuperar e estou entediado como o inferno preso no sobrado. Alguns amigos meus da PX param e vamos para um brunch na Amsterdam Street, meu assistente às vezes pede.

Deacon, Logan, Polly, Jonesy e eu pegamos uma mesa no Bistro de Annabelle e nos sentamos por boas duas horas, deixando nossa garçonete irritada. Ela é uma morena bonitinha fazendo o possível para se manter animada por nós, enquanto passamos maus momentos com mais café sem fim, risadas altas, palavrões e irritação geral.

O crachá dela diz Charlotte, e Deacon a chama de "Doce Charlotte" e olha e brinca com ela, às vezes de forma inadequada. Ela tem olhos bonitos, eu penso, mas por outro lado ela não lhe dá atenção. Eu tenho minha perna em uma cadeira no canto, inclinandome para trás, como se não me importasse com o mundo. E eu não me importo. Vou me recuperar completamente e retomar minha vida exatamente de onde parei.

Por fim, uma gerente com um penteado sério e muita maquiagem, educadamente, ainda que de maneira objetiva, pergunta se há mais alguma coisa que precisamos e pegamos a dica. Pegamos nossas coisas e Deacon paga a conta. Nós saímos pelo labirinto de mesas e, por último, eu mancando lentamente de muletas.

Estou na metade do caminho quando percebo que deixei meu boné de beisebol dos Yankees em cima da mesa. Volto para pegá-lo e encontro a garçonete olhando para o cheque com lágrimas nos olhos. Ela fecha o livro de couro preto quando me vê e rapidamente se afasta. "Esqueceu uma coisa?" ela pergunta com falsa alegria e um sorriso vacilante.

"Meu boné." digo. Ela é baixa e eu sou alto. Eu me elevo sobre ela. "Deacon deixou péssima uma gorjeta? Ele faz isso."



“Ah não, não, quero dizer... está tudo bem.” diz ela, virando-se para enxugar os olhos. “Eu sinto muito. Eu só... hum, tipo é um mês difícil. Você sabe como é.” ela me olha de cima a baixo em meu caro jeans e camisa de grife. “Ou talvez não.”

A garçonete percebe o que ela disse, e outra rodada de desculpas saem quando ela começa a empilhar nossos pratos sujos. “Ah meu Deus, eu sinto muito. Sério. Eu tenho esse mau hábito... de falar sem pensar. Não sei por que disse isso. Enfim, hum...”

Eu rio e pego no bolso de trás a minha carteira. “Não se preocupe com isso. E pegue isso. Para o seu problema.”

Ofereço-lhe quarenta dólares e seus olhos se arregalam. De perto, seus olhos são ainda mais bonitos - grandes e luminosos, mas tristes também.

Um rubor deixa sua pele escarlate. “Ah, não, eu não posso. Não, por favor.”

“Está tudo bem, sério.” ela se move ainda mais rápido agora, sem olhar para mim.

Encolho os ombros e largo vinte na mesa. “Espero que seu mês melhore.”

Ela para e fica olhando o dinheiro, na guerra consigo mesma.

“OK. Obrigada.” ela diz finalmente, com a voz embargada. Ela pega o dinheiro e coloca no avental.

Eu me sinto meio mal, pobre garota.

“Tenha um bom dia, Charlotte.” digo, e começo a mancar para longe.

Ela me fala: — Espero que a sua perna melhore logo.



Isso foi nobre da parte dela, considerando que enormes bastardos tinham estado com ela a manhã toda. Ou talvez ela esteja apenas fazendo seu trabalho.

Eu aceno a mão para ela sem olhar para trás e deixo Annabelle's.

O tempo me cura. Eu volto ao trabalho. Para o Planet X. Para o mundo e todas as suas emoções e beleza. Eu não volto para o sobrado dos meus pais; inferno, eu quase não fico em Nova York. Não volto à Annabelle's e nunca mais volto a ver ou pensar naquela garçonne bonitinha com olhos tristes.

— Porra. — sussurro enquanto a máquina lê a última linha do que eu escrevi.

Estou enjoado. Com nojo. *Aterrorizado*. Minha própria imaginação levou minha fantasia de '*apenas uma perna quebrada*' e a levou em uma maré terrível a uma conclusão terrível.

Quando meus nervos param de tremer e consigo me afastar da terrível realidade alternativa fabricada, a clareza me atinge como uma lufada de ar fresco.

Sabia o que precisava fazer. Eu precisava cumprir minha promessa a Charlotte, mas passar um verão sufocante em uma sala de aula no Brooklyn, preso atrás de uma mesa e a milhares de quilômetros de distância dela não era o caminho para fazer isso. Eu não era sedentário. Eu era um viajante do mundo e sempre fui. Agora que minha bunda estava fora do sobrado - graças a ela - andar devagar era melhor do que não me mover.

Eu tive que continuar andando. Sempre. Por ela. Ela estava no fim de uma estrada longa e escura, onde eu seria cercado por obstáculos impossíveis e talvez até perigos, mas eu tinha



que fazer essa jornada. Eu tinha que fazer todo o possível por Charlotte. Tudo e qualquer coisa.

Porque a ideia de fracassar, de viver sem ela na minha vida, era um pesadelo pior que a cegueira.



Preparando para Iniciar

Lucien e eu fomos à casa dos meus pais em *New Haven* e contei a eles meu grande plano: seguir a turnê de Charlotte pela Europa - sem o conhecimento dela - por conta própria. Naturalmente, eles achavam que eu era louco e meu pai estava prestes a me renegar por preocupar minha mãe. Lucien também não estava feliz, mas conseguiu acalmar meus pais. Somente Ava, de todas as pessoas, pensou que eu estava fazendo a coisa certa.

— Não é perseguição, é? — perguntei por telefone. — Quero dizer, ela vai pensar que eu sou algum tipo de idiota assustador por segui-la por aí...?

— Escondido nos arbustos do lado de fora do quarto de hotel? — Ava riu.

— Algo parecido.

— É mais provável que ela fique chateada por você estar lá o tempo todo e não poder ficar com você. — disse minha irmã, séria agora.

— Vou ter que me arriscar para que ela me ouça quando acabar e me perdoe.

— Ela ama você. Ela vai te perdoar.

— Você iria?



— Eu iria. — disse Ava. — Se funcionasse.

Eu pensei duas vezes tentando seguir adiante. E se viajar as cegas pela Europa sozinho não matasse os demônios que me atormentavam? O mais provável é que a viagem os acabe até que resmunguem de exaustão. Apenas a ideia de viajar para uma cidade sozinho - não importava que fosse dezessete - me fez querer me deitar e puxar as cobertas sobre minha maldita cabeça até que toda a louca ideia tenha desaparecido.

— Tem que funcionar. — eu disse a Ava. — Não tenho mais nada.

— Então, vá em frente. — respondeu ela. — Mas Noah? Tenha cuidado, porra. Quero dizer. Londres é apenas um voo curto para qualquer lugar da Europa. Você me liga se a coisa ficar perigosa ou estranha. Ou inferno, volte para casa se for demais. OK?

— Ok. — eu menti. Eu não sabia se meu plano maluco ia funcionar, mas sabia - com total certeza - que desistir estava fora de questão. E a certeza, como costumava dizer meu velho amigo Harlan, é seu próprio tipo de paz.



Chegou a véspera da partida de Charlotte para Viena.

Ligue para ela, seu imbecil, eu disse a mim mesmo. Se a deixar ir sem se despedir, você pode estragar tudo antes mesmo de começar.



Peguei meu celular e as palavras "*Ligar para Charlotte*" estavam nos meus lábios, quando meu telefone tocou, anunciando sua ligação. Inspirei e expirei devagar, desejando que meu coração parasse de bater nas minhas costelas.

— Oi, querida.

— Oi. – disse ela. — Lamento ligar tão tarde. Ou sequer atendê-lo. Eu não sabia se você queria falar comigo...

Eu apertei meus olhos com força. Ela parecia tão insegura, com sua voz cheia de lágrimas e saudade. Mas era tão bom ouvi-la novamente. — Claro que sim. – eu disse. — Eu queria falar com você todos os dias nos últimos dias. Mas eu tinha medo de dificultar a nossa vida.

— Já é muito difícil.

— Eu sei. – eu inspirei profundamente. — Lucien me contou sobre sua audição. Isso é incrível e ainda não estou surpreso. Estou tão orgulhoso de você.

— Eu vou embora amanhã. – disse ela. — Lucien te contou isso também?

Ela estava chorando. Cristo, eu não poderia fazer isso. Estava tudo errado, eu estava nos arruinando, e milhares de outros pensamentos como esse passaram por mim em um momento.

— Não chore, baby. Por favor, não chore.

— Não tenho muito a dizer sobre o assunto. Noah, isso é a coisa certa? Porque é horrível.

— Isto é. Por favor, confie em mim. – Minha garganta começou a fechar. Eu limpei a garganta. — Lucien vai levá-la ao aeroporto amanhã. Ele o encontrará no sobrado às onze horas.



— E onde você estará?

— Desejando estar lá, para te beijar e te abraçar uma última vez antes de você ir. Eu te amo.

— Eu também te amo. – ela sussurrou. — Eu te amo, Noah. Eu te amo.

Segurei o celular com tanta força que pensei em iria quebrá-lo. Eu tive que supervisionar meu desejo ou desmoronar naquele momento. — Tenha um voo seguro, Charlotte. – eu consegui dizer, e desliguei.

O celular caiu no chão enquanto eu segurava minha cabeça em minhas mãos. Eu me sentei assim por um longo tempo.



No dia seguinte, sentei-me no escritório de meu pai, escrevendo no meu próprio laptop. Eu começara o que pensava ser um prólogo. Um prólogo do que eu não sabia. Tive a vaga ideia de documentar minha viagem pela Europa à medida que avançava. Como a própria jornada maluca, escrever sobre isso parecia certo, mesmo que eu não pudesse imaginar como tudo terminaria no final.

Lucien voltou de levar Charlotte para o aeroporto.

O ciúme se agitou no meu estômago por ele poder vê-la, conversar com ela, abraçá-la e dizer adeus.

— Ela conseguiu, não é?



— Sim, sim. — disse ele. Eu o ouvi sentar-se na cadeira em frente à mesa. — Ela foi bem.

— Como ela estava?

— Adorável, *bien sûr*². — respondeu Lucien. — Você tem certeza de que deseja fazer isso?

Eu soltei uma risada curta. — Inferno, não. Mas você sabe o que está em jogo. Você acabou de levá-la ao aeroporto.

Lucien fez um barulho, mas eu pude ouvir que ele estava sorrindo.

— Realmente. E tenho boas notícias. Você teve o lance vencedor para o violino Cuypers.

Sorri no que pareceu a primeira vez em eras, desde que deixei Charlotte. — Sério? Caramba. Quanto?

— US\$ 42.000. O Camaro foi vendido por US\$ 47.600, o que lhe permitiu pagar o seguro, a remessa e o manuseio especiais para Viena.

Recostei-me, com o alívio me percorrendo. — E ele é bom, certo? O violino?

Eu ouvi o sorriso de Lucien tingir suas palavras. — O melhor. Ou, pelo menos, o melhor na sua faixa de preço.

Porque é isso que Charlotte merecia. O melhor violino que eu podia pagar, e a melhor versão de mim quando tudo estivesse dito e feito.

² *bien sûr*: significa “evidentemente” em Francês.





Adeus

No aeroporto, Lucien esperou comigo no meu portão. Ele recebeu uma dispensa especial da segurança para me acompanhar até o avião para decolar. Sentamo-nos lado a lado no saguão da classe executiva da *Austrian Airlines*, ele bebendo champanhe e uma garrafa de água para mim.

— Se você se lembra. — ele disse, divertido. — Sugerir que você tentasse viajar para *uma* cidade sozinho.

— É tudo ou nada. — eu disse, sorrindo como um idiota. Eu senti-me bem. Otimista. Ingenuamente inconsciente da tempestade de merda que me esperava. — Você me disse para responder à pergunta, então eu respondi. É isso que eu devo fazer.

— Eu sei. Estou preocupado com você até a medula dos meus ossos velhos, mas também sei como isso é certo para você. — Lucien riu.

— Nada mudou. Você ainda é o temerário que sempre foi e eu não mudaria você por todo o chá na China.

Eu aliviei um suspiro. — Obrigado. Isso significa muito para mim, Lucien. *Você* significa muito para mim, embora eu saiba que não disse o suficiente.

— Noah! Eu não pensei que você era do tipo sentimental.



— Culpe Charlotte por isso.

— Hmm, acredito que vou agradecer a ela.

Eles chamaram o meu voo e nós nos levantamos e Lucien me guiou para a fila para entrar. Eu o senti me observando.

— Alguma dúvida? – ele perguntou suavemente.

— Um milhão delas. Mas não é isso. – eu hesitei. — Estou... não me lembro mais como as pessoas são. Minha mãe e meu pai... Eles são como fotos borradas. E Ava. Eu sei que ela é linda e é tudo o que ficou. E você. Não me lembro de você, Lucien.

— Está tudo bem, meu garoto. Já superei o meu auge. – ele disse, tentando ser gentil enquanto de repente eu estava tomado por um excesso de emoção. Uma represa - uma das centenas dentro de mim - começou a rachar.

Eu me virei para Lucien, e antes que eu pudesse pensar um pouco mais ou me preocupar com o que as outras pessoas pensavam, coloquei as mãos no rosto dele e olhei para ele... e ele voltou. Tudo dele; seus olhos gentis, sobrancelha grossa e com um sorriso estampado no rosto.

— Obrigado por tudo. – eu disse intensamente, e então me afastei da segurança dele, para o escuro desconhecido.



Viena

É muito triste quando o voo é a melhor parte da sua turnê europeia. É verdade que eu sabia que isso não seria um piquenique, mas não estava preparado para o quanto totalmente despreparado eu realmente estava. Dormi durante o voo e acordei com esperança e otimismo. Eu me preparei mentalmente para toda a provação, como costumava fazer antes de um grande salto ou acrobacia nos meus velhos tempos no *PX*. E funcionou... até pousarmos.

O avião taxiou, parou e então as pessoas começaram seu êxodo louco para decolar. Eu estava na classe executiva, mas isso não impediu que meus companheiros de viagem agissem como se houvesse um concurso para ver quem poderia se levantar, pegar suas malas e depois ficar esperando as portas se abrirem por mais tempo. Fui cercado por pernas e malas de mão.

Sentei, imóvel no meu assento, com as minhas entranhas se contorcendo em nós, até parecer que o avião estava quase vazio. Uma mão macia tocou meu braço.

— Senhor?

— Não sou fã de multidões.

— Claro.

Coloquei meus óculos de sol, peguei o meu bastão branco e a bagagem de mão: um bolsa de



couro de carteiro que guardava meu laptop, celular, passaporte e outros dispositivos especiais para os cegos que trouxe comigo. Minha tábua de salvação.

— Posso ajudá-lo? Ou ligar para alguém no portão?

Queria dizer "*sim*" tanto que poderia provar. Mas eu tinha três regras férreas:

1. Nunca perca um concerto.
2. Não se esconda nos hotéis.
3. Não peça ajuda, a menos que seja absolutamente necessário.

Eu tenho que fazer o máximo possível por conta própria, pensei. Caso contrário, qual era o objetivo disso?

— Não, obrigado. Eu cuido disso.

Desembarquei e usei meu bastão para encontrar as dimensões do túnel que levavam do avião ao portão. Estava quieto no túnel. Seguro. Então terminou e o Aeroporto Internacional de Viena se abriu diante de mim. Imediatamente eu sabia, com aquela famosa certeza de Harlan, que estava completamente fodido.

Uma muralha de som. Não, uma *caverna* de som. Parece me atacar de um milhão de direções e ângulos diferentes, distorcendo a dimensão do espaço e destruindo completamente qualquer esperança que eu tivesse de caminhar.

Eu paraliso. Meu peito apertou e as minhas mãos segurando o bastão estavam suadas. Como no inferno eu achei que isso era uma boa ideia? Como eu poderia fazer isso? Eu não *poderia*



fazer isso. Eu não estava fora do avião trinta segundos e já tinha terminado. Isso era impossível.

Não! Inspirei pelo nariz e tentei ignorar como me sentia quase exatamente o mesmo que estava na beirada de *La Quebrada*, reunindo coragem para mergulhar.

Uma mão macia no meu braço me assustou.

— Você está no piso 3. — disse a mulher, a aeromoça do avião. — O piso é um corredor amplo, mas reto. A alfândega está no fim. Além dela, estão os elevadores. Você precisará descer para o primeiro piso. Há a retirada de bagagem e você pode encontrar o trem ou...?

— Táxi. — eu disse, engolindo meu pânico.

— Táxi, sim. Mas, por favor. Deixe-me ligar para um atendente para ajudá-lo.

— Não, não, obrigado. — eu disse, já me sentindo melhor agora que tinha pelo menos a menor da ideia da planta. — Eu posso fazer isso. Obrigado.

— Sem problema, realmente.

Irritação reapareceu. Minha velha inimiga. Isso estava rindo de mim, mostrando os dentes. *Você acha que pode me vencer? Apenas espere.*

— Eu posso fazer isso. — eu disse com os meus próprios dentes rangendo, então me forcei a sorrir. Mas Cristo, a linha na areia entre onde eu estava e onde eu precisava estar por Charlotte era tão longa e tão profunda que até *eu* podia vê-la a uma milha de distância.

A aeromoça disse. — Se insiste, Senhor. Aproveite a sua estadia em Viena.



Eu posso fazer isso. Apenas faça. Como o anúncio diz.

Eu comecei a andar.

Meu bastão bateu de um lado para o outro, sem obstruções, mas o tamanho do aeroporto era esmagador. Eu senti a abertura acima e ao meu redor, e surgiu arrepios na minha pele e suor ao mesmo tempo. Não sei o que você chamava de ansiedade, mas isso me dominou: era o oposto da claustrofobia, mas com os mesmos tons de pânico. Os alto-falantes suspensos fizeram anúncios em alemão, francês e inglês. Conversas, próximas e distantes, eram um zumbido de fundo, embora alguns passassem zunindo, ficando cada vez mais altos e desaparecendo enquanto as pessoas passavam. Muitas pessoas. Muitas pessoas, porra. Meu voo foi durante a noite; Já eram nove da manhã na Áustria. Um novo dia. E parecia como se todo o país estivesse se movendo pelos corredores ecoantes do aeroporto.

Encontrei a Alfândega, mas só porque encontrei o cara no final de uma das filas. E esperando na fila, eu vim a saber, que era uma contingência para a qual não havia me preparado. Parece a coisa mais fácil do mundo: você ficar na fila. A fila se move e você se move com ela. Só que eu não tinha como saber quando a fila se moveu. Eu fiquei o mais perto que ousei do cara na minha frente; um homem que cheirava a couro, café e cabine de avião esterilizada. Tenho certeza de que parecia um tarado esgueirando-se sobre ele, mas funcionou. Quando o senti se mover, eu me movi, cuidadosamente usando meu bastão nos calcanhares para manter uma sensação de distância. Finalmente era minha vez.

— Passaporte, Senhor.

Já o tinha pegado por medo de segurar a fila em o procurar na minha bagagem de mão. Fui dar e bati minha mão na divisória à prova de balas que me separava do cara da Alfândega. Senti



meu pescoço queimar quando encontrei o pequeno espaço abaixo onde você desliza seus documentos.

— Você está visitando a Áustria para negócios ou lazer?

— Lazer. — eu disse, embora já soubesse que era uma grande mentira.

— Nada a declarar? — ele perguntou.

— Apenas meu orgulho.

— Perdão?

— Desculpa, nada. Nada a declarar.

Ouvi-o carimbar meu passaporte e senti-o tocar meus dedos. — Os elevadores estão à sua esquerda. Aproveite a sua estadia.

Movi-me para a esquerda - ou o que pensei que era a esquerda. Meu senso de direção era uma merda. O que eu considerava "esquerda" muitas vezes não era deixado o suficiente ou em excesso. Eu tive incontáveis batidas nas canelas nos meus dias no sobrado para provar isso.

Encontrei uma parede e um bebedouro em vez dos elevadores. Quase me inclinei para beber, como se quisesse mostrar que pretendia estar lá - e saciar minha humilhação ardente. Mas isso seria muito patético, até para mim.

Procurei no meu celular, esperando que a orientação pudesse funcionar de alguma forma aqui. Eu poderia pedir para encontrar a Starbucks mais próxima - sempre há uma Starbucks - e depois perguntar a um barista onde estava a maldita retirada de bagagem. Poderia até ser ousado e comprar um café enquanto estava nela.



— Direções para a Starbucks. – eu disse ao meu telefone.

— Começando a rota para... Starbucks. – Meu telefone respondeu.

— Siga para noroeste ao longo do saguão três.

Noroeste?

— Porra. – eu murmurei.

Eu estava forçando meu cérebro por outra ideia brilhante que não me envolveu a andar sem rumo, quando soube que os austríacos não estavam lá e observavam cegos idiotas se debaterem impotentes sem fazer nada a respeito.

A voz de um homem mais velho se dirigiu a mim. — Was brauchen Sie³?

— Hum... os elevadores?

— Você é Americano?

— Americano. – eu concordei.

— O que você precisa? Bagagem?

— Sim, retirada de bagagem. Se você pudesse me dizer onde...?

— Ja, ok⁴. Kommen⁵.

Ele me pegou pelo braço e me puxou.

— Espere, desculpe. Se você pudesse me dizer para onde ir...?

— Eh?⁶

³ Was brauchen Sie: significa "O que você precisa?" em Alemão.

⁴ Ja, ok: significa "Sim, tudo bem." em Alemão.

⁵ Kommen: significa "Venha." em Alemão.

⁶ Eh?: significa "hã?", "sim?" em Alemão.



Podia imaginar o cara piscando para mim como se eu fosse algum tipo de idiota por resistir à sua ajuda. E ele estava certo. Era óbvio que minha regra de não pedir ajuda tinha que acabar rapidamente. Antes mesmo de sair do aeroporto. Não era possível fazer isso sem ajuda, e não era como *obter* ajuda que tornaria essa viagem um passeio no parque. Modifiquei mentalmente a Regra #3: Peça ajuda sem sofrer um chute no meu orgulho a cada maldito tempo.

Respeitosamente - eu esperava -, me afastei de suas mãos e peguei a dobra de seu braço. Eu sorri em sua direção geral.

— Melhor assim.

— Ok, é o instinto. – disse ele e eu o senti encolher os ombros.

Andamos cerca de dez passos antes que o homem parasse e dissesse: — Rolltreppe. – Um nanossegundo depois, aprendi que era em alemão para *escadas rolantes*. Eu quase perdi o equilíbrio tentando encontrar o degrau que descia, e meu coração caiu em algum lugar na vizinhança das minhas bolas enquanto eu agarrava a grade.

— Es tut mir Leid⁷. Langsamer⁸. – disse o homem. — Hum, mais devagar? Eu vou mais devagar.

Se você não se importa... Humilhação queimou meu pescoço. *Langsamer*, pensei. Eu teria que me lembrar disso.

Descemos duas escadas rolantes até o saguão principal e, em seguida, o tamanho do aeroporto aumentou para alturas e larguras ainda maiores. Evidentemente, a retirada de bagagem ficava a cerca mil quilômetros de distância, enquanto caminhávamos por séculos nesta mini cidade lotada e cavernosa, onde os sons vinham por toda parte; cada um amplificado e multiplicado para números infinitos. Os cheiros de café e comida quente

⁷ *Es tut mir Leid*: significa “Eu sinto muito.” em Alemão.

⁸ *Langsamer*: significa “Mais devagar.” em Alemão.



vieram e desapareceram e, embora eu mataria por um café forte, parar estava fora de questão. Meu guia estava em uma missão, e eu estava muito assustado com a enormidade desconhecida do aeroporto para fazer qualquer coisa, a não ser ser conduzido.

Finalmente, chegamos à retirada de bagagem; Ouvi a esteira de malas, o zumbido de máquinas transportadoras que traziam malas e vozes. Centenas delas. O lugar estava lotado e a realidade de como eu estava despreparado me atingiu novamente como um peso de chumbo. Tantas contingências que eu nem sequer considereei. Como saber qual bagagem era minha, ou qual porra de mala pegar enquanto elas passavam. A raiva antiga explodiu, como uma risada zombeteira.

— Companhia Aérea? – O homem perguntou.

— Austríaca. – eu disse. — Da cidade de Nova York.

— Kommen. – Meu guia me puxou de um pântano de pessoas para outro. — Aqui. Eu já vou. Ich bin spät⁹. – eu o senti dar um tapinha no meu braço e sua voz estava pesada de preocupação. — Viel Glück, junger Mann¹⁰.

— Danke¹¹. – eu disse. — Vielen Dank¹².

Um murmuro de entendimento e então ele se foi.

Isolado da minha âncora, eu estava à deriva em um mar de som no escuro. Uma tormenta me atingiu; pessoas muito próximas, falando palavras que não significavam nada para mim; nenhuma maneira de me orientar, sem memória em que confiar. Isso era loucura e eu me senti menos do que são, de pé no centro de todo esse caos.

⁹ Ich bin spät: significa “Estou atrasado.” em Alemão.

¹⁰ Viel Glück, junger Mann: significa “Boa sorte, jovem.” em Alemão.

¹¹ Danke: significa “Obrigado.” em Alemão.

¹² Vielen Dank: significa “Muito obrigado.” em Alemão.



Por Charlotte. Você está fazendo isso por Charlotte.

O pensamento me acalmou um pouco. Respirei fundo várias vezes, concentrando-me na respiração, deixando as pessoas se separarem ao meu redor como um rio correndo em volta de uma pedra. Não tendo como identificar minha bagagem, meu grande plano era esperar até que a multidão diminuísse. Depois que todos pegassem sua bagagem, eu via se pegava o que restava ou encontrava um funcionário do aeroporto para me ajudar antes de colocar minha bagagem na cadeia de bagagens perdidas.

Após cerca de dez minutos de pé na escuridão superpovoada, tentando o meu melhor parecer casual e não em pânico ou patético, uma mão macia tocou meu braço.

— Você está esperando sua bagagem? — Uma mulher e americana. Ela riu timidamente. — Quero dizer, é claro que você está. Todos nós estamos.

Eu sorri fracamente. — Estou esperando a multidão diminuir um pouco.

— Ah, você não precisa fazer isso! Eu posso ajudar. Como ela é?

— É azul e meio grande. Do tipo rolante.

A jovem ficou em silêncio por alguns momentos, então: — Talvez essa?

Eu a ouvi se esforçar e me inclinei para ajudar. Juntos, colocamos uma bagagem na lateral do transportador.

— Aqui está uma etiqueta... Noah Lake. Esse é você?

— Esse sou eu. Muito obrigado.

— Sem problema. — disse ela e pigarreou. — Você tem alguém vindo buscá-lo?



— Não, mas se você pudesse me apontar na direção de um ponto de táxi, isso seria incrível.

— Eu ficaria feliz em ajudar. – disse ela brilhantemente, e não me escapou que o tom de sua voz havia mudado para um que me lembrava bem da minha vida passada. O som leve e emplumado de flerte. E então eu senti suas mãos em mim, quando ela gentilmente me virou.

— Em frente há portas automáticas. Saia e vire à direita, passe por um pequeno café e está logo ali.

A imprecisão de suas direções fez meus dentes doerem, mas essa mulher deve ter visto minha hesitação.

— Sabe? Deixe-me levá-lo lá eu mesma. Podemos parar no café... eu posso comprar um café para você?

Na minha vida passada, eu teria aceitado. E até além. Dar uma esticadinha no meu hotel no meio da manhã, talvez. Depois, um almoço mais tarde, mais ginástica artística nus e, finalmente, uma escapada sem problemas, que não deixava ressentimentos ou apegos. Fiquei maravilhado com o quanto fácil tudo tinha sido... e quanto longe eu estava daquele cara. Eu só queria Charlotte, só iria querer Charlotte. Meu amor por ela era tão profundo que deixava espaço para mais nada, nem mesmo curiosidade.

— Esse é o seu tipo de oferta, mas eu tenho que ir. – eu disse. — Obrigado novamente.

Dei à mulher o que esperava que não fosse um sorriso idiota e segui as instruções dela em direção ao ponto de táxi. Ou tentei.

Antes de deixar Nova York, Lucien e eu tínhamos debatido o que eu precisava trazer para sobreviver e não me atrapalhar enquanto viajava. Eu trouxe o mínimo de roupas para vestir todos os dias, mas para os shows de Charlotte, tive



que trazer algo de bom. Lucien tentou me convencer disso, mas minha necessidade primordial de não parecer um maldito imprestável venceu. Eu tive que trazer uma mala grande o suficiente para dois ternos e acrescentei uma lavanderia à seco em todas as cidades em minha busca.

Mas essa porra de bagagem. Levei exatamente 3,2 segundos para determinar que seria a desgraça da minha existência. Arrastá-la atrás de mim com uma mão e segurando meu bastão branco na outra me fez sentir como se alguém tivesse cortado meu braço esquerdo. Meu braço de escudo. Além disso, era pesada como o inferno, e tentei não pensar em como seria arrastar aquela coisa em trens ou ônibus, de cidade em cidade.

Saí do aeroporto, senti o tapete sob meus pés virar cimento e segui para a direita. Lentamente. Cristo, eu fui lento. Não é apenas lento. *Tímido*. O caos controlado do aeroporto se transformou em um deserto selvagem de uma cidade estranha. Os sons de carros sozinhos - tantos carros - me encheram de pavor. Eu tive que me lembrar de que eram apenas carros parando lentamente no meio-fio para deixar as pessoas entrarem, e não máquinas da morte dirigidas por maníacos loucos.

Eu segui em frente até meu bastão bater em um obstáculo. Eu esperava que fosse o sinal de ponto de táxi, mas era o calcanhar de alguém.

— Eh?

— Desculpe. Táxi?

— Não, não, *dieser Weg*¹³. Kommen.

Desta vez, o homem pegou meu braço e eu o deixei. Como se você tivesse uma escolha. Ele me levou pela calçada mais alguns metros. — Aqui.

¹³ *dieser Weg*: significa “por aqui” em Alemão.



Esperei na fila do ponto do táxi por uns bons vinte minutos até a minha vez. Um taxista - pelo menos eu esperava que fosse um taxista - tirou minha bagagem de mim e fui para o banco de trás do táxi. Eu caí nele, sentindo como se tivesse jogado um xadrez mortal repentino por cinquenta horas seguidas.

— Wo gehst du hin¹⁴?

— Hum... Grand Hotel Vienna?

— Americano?

— Sim. – eu disse, inclinando-me para trás.

— Ah, sim! Go Yankees¹⁵, hein?

Eu levantei um polegar sem entusiasmo. — Go Yankees.



O Grand Hotel Vienna era um hotel de luxo, escolhido por Lucien por causa de seus serviços de atendentes. Ele me reservou em hotéis cinco estrelas em todas as cidades, para que eu nunca ficasse sem ajuda de primeira classe em inglês, caso eu precisasse.

Mas este hotel ficava a poucos minutos a pé da *Gesellschaft der Musikfreunde*, onde Charlotte tocava pelas próximas três noites. Era arriscado ficar tão perto, mas Lucien insistira em facilitar as coisas o máximo possível em Viena, minha primeira

¹⁴ *Wo gehst du hin?: significa "Onde você vai?" em Alemão.*

¹⁵ *Go Yankees: é um grito de torcida de futebol americano. Significa "Vai Yankees"*



cidade, até me acostumar com toda a experiência.

Deixei o porteiro levar minha bagagem e me levar para a recepção. Fiz o check-in e peguei meu cartão de crédito, mas soube que Lucien havia pago por esse hotel. Um pequeno presente de boa viagem. Uma onda de saudade caiu sobre mim tão forte que eu tive que segurar o balcão por um segundo.

Fui levado novamente aos elevadores, depois ao meu quarto. Eu dei uma gorjeta ao porteiro de €10,00 - identificável para mim pela dobra que fiz no canto. Quando ele se foi, caí na cama, aproveitando o silêncio misericordioso. A quietude. O fato de que eu não precisava me sentir em outro lugar, exceto no banheiro, e que eu poderia fazer isso sem olhares curiosos ou com pena de mim.

Eu queria dormir, mas a regra #2 elevou sua cabeça feia: *não se esconda em hotéis*.

Com um gemido, levantei-me da cama, joguei minha bagagem na cama e comecei a desfazer as malas. Senti meu caminho pelo quarto para obter a planta, colocar as roupas na cômoda, pendurar os ternos e depois me virei para minha bolsa que carregava todas as minhas tábuas de salvação.

A orientação foi minha primeira prioridade. Antes de partir, eu realmente fui à *Helen Keller Foundation* para uma sessão cheia de dicas sobre como se locomover. Eles me aconselharam a trazer fones de ouvido para que eu pudesse ouvir as direções enquanto andava pelas ruas das cidades estranhas e equipou meu celular com um programa chamado *Lingo* que traduzia qualquer frase ou palavra que eu pedisse.

Também me deram cartões de sinalizações 3x5, cada um marcado com um pedido educado de ajuda em ruas movimentadas, impressas em diferentes idiomas. A ideia é que você fica na esquina, segurando um cartão no éter escuro e



espera alguém veja. Eles leem e o ajudam a atravessar. Soou tudo muito bem... em teoria.

Na vida real, a ideia de ficar em uma esquina assim estava a um pequeno passo de implorar. Peguei os cartões com um sorriso educado e uma promessa mental de nunca usá-los. Mas de alguma forma eles acabaram na minha mala. Lucien, suponho.

Segundo, a orientação não estava sendo enganado ou roubado. Eu tinha um leitor de dinheiro do tamanho de um cartão de visita. Enfiava a nota no leitor e ela me indicaria o valor nominal. Eu dobrava o canto da conta de uma certa maneira, para poder dizer quanto era antes de colocá-lo na minha carteira de verdade, que eu mantinha em um cinto e que enfiava nas minhas calças. Meus cartões de crédito também estavam lá, enquanto eu tinha um cartão de crédito cortado e cinquenta euros guardados no que chamei de carteira de isca - uma que eu mantinha no bolso do paletó. Se alguém tentasse me roubar, eu daria isso a eles e esperava que fosse o suficiente.

Instalei meu laptop, com meu software de escrita, na mesa da suíte, de frente para uma janela. Senti a luz do sol na minha mão e virei o rosto para ela, permitindo-me um momento de satisfação. Eu tinha feito isso. Era horrível e mentalmente exaustivo de uma maneira que eu não poderia imaginar, mas consegui. Eu estava na mesma cidade que Charlotte e hoje à noite eu estaria na mesma sala que ela.



Jantando no restaurante do hotel, pegando um táxi para a sala de concertos e abrindo



caminho para a bilheteria, todos estavam cheios de dificuldade e estresse, mas, às quatro para as sete, um assessor me levou até o meu assento: na última fila, andar superior, mais próximo da porta para que eu pudesse sair rapidamente.

Eu sentei na cadeira macia, com meu bastão branco apoiado entre os joelhos, completamente apagado. Minha satisfação anterior foi destruída. Isso foi demais. Muito difícil. Estressante demais para sair de novo e de novo, para espaços desconhecidos, sem a menor capacidade de me orientar. Eu tinha chegado à sala de concertos, mas a que custo?

A orquestra, Charlotte entre eles, afinou, e então a multidão ao meu redor explodiu em aplausos - pelo maestro ocupando seu lugar no pódio que eu imaginei. Um silêncio e depois... música.

Eu não tinha ideia do show, é claro. Não reconheci nada das quatro ou cinco peças que tocaram, mas isso não importava nem um pouco. A música tomou conta de mim e me carregou ao longo de suas correntes suaves. O violino de Charlotte era indistinto do resto da orquestra, mas imaginei que poderia ouvi-la de qualquer maneira. Ela estava lá. Na mesma sala comigo, mesmo que aquela sala fosse enorme, e ela e eu em extremos opostos. Minha Charlotte estava lá, e eu podia senti-la, sua energia, amor e tudo o que ela colocou em sua música. Senti o estresse do dia afrouxar seu aperto em minha mente e músculos.

Esse sentimento, essa euforia da possibilidade, reforçaram a ideia de que eu estava fazendo a coisa certa. Obviamente, isso seria mais difícil do que eu imaginava. A coisa mais difícil que eu já fiz, mas não era esse o ponto?

Eu não desistiria. Não pude. A longa estrada escura estava diante de mim, mas eu a percorreria porque Charlotte Conroy estaria me esperando do outro lado.



A estrada mais sombria

A turnê mudou e eu a segui. Depois de Viena, foi para Veneza, uma cidade de beleza e singularidade incomensuráveis, agora reduzida a um labirinto de passarelas precárias, praças cheias de pombos, merda de pombos e ruas estreitas que terminavam em paredes de arenito.

Depois, seguimos para Florença, onde as ruas de paralelepípedos ameaçavam me fazer tropeçar a cada dois passos, e sua famosa arte permanecia trancada do outro lado da cortina escura.

Gostaria de poder dizer que ficou mais fácil, mas não foi. Inúmeros erros e obstáculos marcados a cada momento, e considerei um bom dia em que não me perdi irremediavelmente. Cheguei aos shows de Charlotte, mas o esforço necessário para fazer isso foi extraordinário.

Há muitos detalhes para listar; uma ladainha de frustrações e constrangimentos que me deixaram com os dentes rangendo, com a raiva fervendo sob a exaustão e minha pele escarlate de humilhação. Segurei as filas lotadas tentando pagar por ingressos, almoço ou café. Sofri com os silêncios educados, mas suspiros impacientes de funcionários e caixas, garçons e recepcionistas de hotéis, enquanto me atrapalhava em pedir comida, pegar roupa para lavar a seco ou arrastar minha maldita bagagem em um trem que já estava lotado.

Eu tive que pedir ajuda em todos os lugares, todos os dias, para estranhos que passavam,



agarrando-os enquanto passavam e esperando que perdoassem minha intrusão. Ou - pior ainda - interromper conversas com um alemão terrível ou parar um italiano, orando para que alguém que falasse inglês dissesse para mim *qual era o meu lugar?* Qual o caminho para a bilheteria? Qual o caminho para o ponto de táxi ou estação de trem, ou recepção do hotel? *Qual o caminho para Charlotte?* Eu queria gritar, cair aos pés dela e tocar sua bochecha, sua mão... só por um momento, para me lembrar para o que era tudo aquilo.

Atravessando ruas no escuro, aproximando-se de outros pedestres, sentindo-se sem as mãos para me guiar ou me arrancando do caminho de carros que se aproximavam cujas buzinas tocavam para a minha humilhação para que todos ao meu redor ouvissem. Usando aqueles cartões estúpidos que a Fundação me deu, porque eles realmente funcionavam e eu teria sido morto sem eles.

A grande maioria das pessoas no planeta é gentil antes de ser cruel, mas eu não escapei das risadinhas e golpes dos não tão gentis. Eu me senti mãos me roubando nos trens e senti o choque do medo percorrer-me, imaginando o que viria a seguir? Ser deixado sozinho? Ou talvez uma faca entre as costelas de um ladrão mais insistente? Eu não tinha como saber, avaliar as pessoas ao meu redor quanto a possíveis perigos. Eu tinha que confiar. Tinha que esperar. E, às vezes, eu simplesmente orava.

Palavras que nunca, na minha vida passada, foram usadas para me descrever pairavam sobre mim todos os dias. *Desamparado. Lento. Hesitante. Perdido.*

E essa foi apenas a primeira semana.

Liguei para Lucien à noite para fazer o check-in e disse a ele várias vezes que estava bem, com a mentira saindo tão facilmente da minha língua. Enviei um e-mail para Charlotte



uma vez naquela semana, falando em minha pequena máquina que não traduzia o cansaço ou o desejo da minha voz. Apenas palavras. Para ela, linhas escuras em uma tela branca, que não revelaram um indício de esforço por trás delas. Eu disse a ela que a amava e que sentia falta dela, e que estava trabalhando para me tornar íntegro para que pudéssemos ficar juntos, porque estava claro para mim que eu teria que me despedaçar primeiro e voltar a me juntar. Essa jornada iria me destruir de todas as formas, ou eu me levantaria vitorioso ou me destruiria, e do jeito que as coisas começaram, eu temia que fosse a última.

E depois ficou pior.





Roma

No trem noturno de Florença para Roma, uma enxaqueca me acordou de uma soneca superficial na minha cabine com cama. Dormi com minha bolsa com minha tábua de salvação embaixo do travesseiro fino e senti dentro dela o pequeno frasco de comprimidos. O trem sacudiu e todos caíram na minha mão.

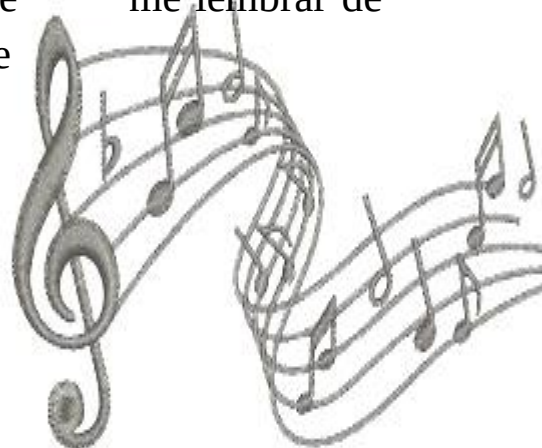
Todos os três.

Eu me esforcei para me lembrar da última vez que tive enxaqueca. Fazia um tempo. Foi o que quase me matou? Aquela que terminou com Charlotte me salvando, me dando banho e o beijo que mudou tudo entre nós?

Engoli um Azapram a seco e fiz uma anotação mental para pedir a Lucien que me enviasse mais. As enxaquecas eram muito raras, então eu provavelmente ficaria bem pelo resto da viagem, mas é melhor prevenir do que remediar. O monstro sem o Azapram acabaria comigo.

E eu já estava andando no limite. A antiga raiva e amargura - o ódio absoluto da minha situação - foram despertados, e cada dificuldade era mais lenha na fogueira, até que o inferno se acendeu. Senti febre. Meus dentes rangeram e eu tive que me lembrar de me acalmar antes que o Monstro acordasse de novo.

Roma era uma cidade de arte e história, mas para mim era apenas barulho, cheiros e pessoas,



e um número infinito de maneiras de se perder irremediavelmente. O que era a Capela Sistina para mim? Ou o Pieta? Ou até o Coliseu? Outra perda para enfrentar; outra batalha para lutar contra a amargura: eu estava visitando as cidades mais antigas do mundo, e tudo o que as tornava magníficas estava trancada longe de mim, exceto por vestígios de memória.

Tentei apreciar Roma como eu estava, não como eu gostaria de ser, pois esse também não era um dos meus objetivos? *O objetivo?* Eu não podia ficar no meu hotel confortável. Eu tive que enfrentar o enorme e lotado caos da cidade, para absorver o melhor que pude. Vivenciar isso como um cego e encontre a alma de Roma - ou qualquer outra cidade que visitei - sem *procurá-la*.

Em um nível mais prático, planejei almoçar, comprar um gelato ou um cappuccino e me preparar para o show de Charlotte naquela noite. Mas Cristo, as complicações embutidas em cada um desses atos foram suficientes para me fazer querer arrancar meus cabelos.

Fui do meu hotel até a Fonte de Trevi, obedecendo aos comandos do GPS no meu ouvido. Cheguei sem incidentes, sem me perder ou ganhar uma buzina. Uma pequena vitória. Eu me senti muito bem. O sol estava quente, mas não abafado, e o som da fonte era reconfortante. Imaginei as gotículas pegando o sol e brilhando como diamantes por um breve momento antes de desaparecer em uma bacia azul insustentável.

Sentei-me por um longo tempo e pude até ter sorriso. A raiva que fervia logo abaixo da superfície foi reduzida a ferver por enquanto. Charlotte pode estar passeando com suas amigas. Não era sensato ficar muito tempo em um só lugar. Decidi usar meu GPS para encontrar um café e almoçar tarde antes de voltar.



Levantei-me rapidamente e a dor repentina quase me derrubou. O monstro foi despertado pelo meu movimento. A parte de trás da minha cabeça doeu quase imediatamente, e eu recuperei o fôlego.

Novamente?

Acabei de controlar uma enxaqueca na noite anterior. Era a mesma dor, tendo enganado o Azapram, ou era outra? Eu procurei na minha bolsa as pílulas e tomei uma. Restou apenas um. Peguei o meu celular para ligar para Lucien e disse para ele me enviar mais. Então, o terremoto aconteceu.

Tinha que ter sido um terremoto, não é? Por que o chão estava inclinando? Tropecei de lado, como se eu fosse um artista falho de Vaudeville e o grande gancho tivesse me tirado do palco. Eu levantei meu cotovelo a tempo e a dor irradiou por todo o braço e depois pelo quadril quando bati no chão. Meu bastão branco bateu e rolou. Minha bolsa bateu forte, e eu tive um flash de preocupação por todos os dispositivos que precisava para sobreviver. Imediatamente, vozes e pés me cercaram; mãos me agarrando me sentaram.

Eu estendi minha mão para nada, como se eu pudesse segurar o que estava fazendo o girar preguiçoso que eu sentia no meu corpo, e lentamente parou. Vozes me bombardearam com perguntas que não pude responder.

— Stai bene¹⁶?

— Posso chiamare qualcuno per voi¹⁷?

— Chi è con questo uomo¹⁸?

¹⁶ *Stai bene?: significa “Você está bem?” em Italiano.*

¹⁷ *Posso chiamare qualcuno per voi?: significa “Posso ligar para alguém para você?” em Italiano.*

¹⁸ *Chi è con questo uomo?: significa “Quem está com esse homem?” em Italiano.*



Procurei o meu bastão e alguém o pressionou em minhas mãos, enquanto outra pessoa deslizou minha bolsa por cima do ombro. Mãos mais estranhas me ajudaram a me levantar.

— Eu estou bem. — eu disse, com minha voz rouca. — Ok, grazie¹⁹. Grazie mille²⁰.

— Aonde você vai? — perguntou um homem com uma voz com sotaque americano. — Eu ajudo.

Eu estava prestes a recusar educadamente, mas minhas pernas pareciam gelatina e minhas mãos tremiam. A enxaqueca rugia ao fundo. *O que há de errado comigo?*

— Aonde você vai? — O homem perguntou novamente. — Hospital?

— Não, não. Sem hospital. Hassler. — eu consegui dizer. — Hotel Hassler.

Ouvi assobios e gritos e fui guiado para um táxi - ou pelo menos esperava. Meu salvador subiu ao meu lado.

— Per favore²¹, Hotel Hassler, e rápido.

— Você não precisa... — Comecei, mas desisti. Eu não sabia o grau do inglês que o meu salvador sabia e o táxi já estava se movendo de qualquer maneira.

Havia uma curta caminhada do meu hotel até o Trevi: o táxi chegou em menos de cinco minutos. Eu procurei minha carteira, mas senti uma mão no meu pulso.

— Não. Sente-se.

¹⁹ Grazie: significa “Obrigado.” em Italiano.

²⁰ Grazie mille: significa “Muito obrigado.” em Italiano.

²¹ Per favore: significa “Por favor” em Italiano.



Eu assenti fracamente. Sentar era bom. Deitar seria melhor. Depois de algumas idas e vindas em italiano, a porta se abriu do meu lado e meu salvador estava me ajudando. Ele me guiou para os degraus e para a calma do hotel. Eu sabia que ele me levou ao lugar certo - os sons e cheiros eram como eu me lembrava deles.

— Va bene, adesso²²?

— Hum, claro. Obrigado. Muito obrigado. Deixe-me pagar pelo táxi...

— Não, não. — Uma mão áspera bateu no meu ombro. — Prenditi cura di ti²³. Tome cuidado.

Outro estranho sem nome e sem rosto aqui e se foi novamente. Meu mundo estava povoado por eles; anjos da guarda que eu nunca mais encontraria, mas quem me possibilitou dar o próximo passo para Charlotte.

Caminhei para o meu quarto no terceiro andar e sentei na beirada da cama. Eu queria desmoronar e dormir, mas algo muito próximo do medo me manteve rígido.

— Era o calor. E exaustão. — eu falei.

E a enxaqueca? Dois em dois dias. Isso nunca aconteceu antes.

— Estresse. — eu respondi, e isso parecia certo. Deus sabia que eu estava estressado além de todo acerto de contas, a cada segundo dessa viagem.

Um leve alívio me relaxou e a exaustão apareceu. Eu disse ao meu celular para mandar uma mensagem de texto para Lucien pedindo mais Azapram na próxima cidade - *Barcelona, Espanha* - e depois acertei o despertador para

²² *Va bene, adesso: significa "Está bem agora?" em Italiano.*

²³ *Prenditi cura di ti: significa "Se cuida." em Italiano.*



tirar uma soneca. Eu queria dormir por um milhão de anos, mas Charlotte tinha um show naquela noite e eu não podia perder. Regra #1.

Acordei no meio do meu pesadelo de sempre, engasgando com nada, lutando por ar. Respirei fundo e tentei me lembrar de onde estava. Uma cama. Eu estava vestido - jeans e uma camiseta. Ainda estava com os meus sapatos e o quarto estava quente e abafado.

Roma. Estou em Roma.

Apertei o botão do meu relógio. A hora é 06:07 da tarde.

Porra! Pensei em acertar o despertador, mas aparentemente eu estraguei tudo também. O show de Charlotte era às sete. Isso me deu menos de uma hora para fazer a barba, tomar banho, vestir, comer e encontrar o meu caminho para o local do show. No meu estado, eu precisava de *pelo menos duas horas* para conseguir tudo isso. E foi aí que eu não estava sentindo como se meus ossos estivessem cheios de chumbo. Mas perder um dos shows de Charlotte estava fora de questão.

Afastando todos os meus medos e inquietação sobre a tontura da minha mente, senti ao redor da mesa lateral o telefone do hotel. Depois de algumas tentativas frenéticas, encontrei o botão que ligava para a recepção e pedi um prato de espaguete, porque era tudo o que meu cérebro débil podia pensar. Comida italiana = espaguete. Patético.

— E o seu vinho? – A mulher perguntou.

Os italianos não saíam da cama sem uma taça de Chianti, a julgar por quantas vezes me ofereceram vinho em Veneza e Florença.

— Sem vinho. Somente água. Por favor.

Eu tateei meu caminho para o banheiro e para o barbeador elétrico que eu havia montado na pia. Raspei minha barba por fazer um pouco mais, depois alterei a temperatura da água devagar no



chuveiro. Eu estava correndo o mais rápido que pude, mas uma vez que a água me atingiu, caí e virei meu rosto para o jato, com meu cansaço se expandindo e se espalhando por mim com o calor da água.

Charlotte. Onde você está? Por que você não está aqui comigo?

Como se fosse uma sugestão, o desejo por ela invadiu através de mim, rápido e quente. Meu corpo sentia falta dela tanto quanto eu. Ferozmente.

Sem minha visão, experimentei intimidade com Charlotte quase inteiramente através do toque. Eu não conseguia olhar para uma foto dela e mergulhar em seu sorriso ou na beleza de seus cabelos caindo ao redor do rosto ou no inchaço de seus seios contra o vestido. Eu tinha que tocá-la para lembrar dela, pois todas as minhas lembranças dela eram apenas sensações.

E Deus, eu senti falta de tocá-la. Eu senti falta do jeito que seus lábios se pareciam nos meus enquanto ela sorria. Senti falta dos fios sedosos de seus cabelos através dos meus dedos. Senti falta do peso suave dos seus seios em minhas mãos. Senti falta dos beijos dela, especialmente da maneira enlouquecedora em que ela deslizava a língua sobre os lábios e depois tocava os dentes com uma lufada de ar quente, antes de finalmente me dar toda a boca, me permitindo entrar. Cristo, apenas esse beijo me deixava duro. Toda vez.

Imaginei-a então, tê-la no chuveiro, encostada na parede, nua e molhada; sua pele quente e escorregadia... Eu gemi e me segurei na mão, precisando do orgasmo e do alívio. Algum pinga de prazer neste deserto de miséria.

Mas eu não poderia ter isso. Minha audição supersônica detectou uma batida na porta externa. *Serviço de quarto*. Não tive tempo de terminar e eu achei que provavelmente seria melhor *não* cumprimentar o cara com uma tremenda ereção.



Abri a torneira de água fria e o calor da paixão, por mais imaginado que fosse, sumiu. Minha raiva, no entanto, apenas queimou mais intensamente.

Com uma bandeja de comida com cheiro delicioso esperando por mim, passei minhas mãos pelos meus ternos, tentando lembrar qual era como pele de tubarão cinza escuro e qual era o marinho claro. Eu não conseguia me concentrar. Meus dedos, eram como olhos cansados e não conseguiam focar. Passei uns bons cinco minutos e estava tentando lembrar onde coloquei minhas malditas gravatas. Quando me vesti, o espaguete estava frio, mas eu me sentei para devorá-lo de qualquer maneira.

Depois, vesti meu terno e enfiei minhas tábuas de salvação na minha bolsa de carteiro, mas para o meu celular, perguntei como dizer: "*Onde fica a bilheteria?*" em italiano e depois passei mais alguns segundos atormentados procurando o meu maldito bastão branco que rolara embaixo da cama.

"Dove si trova la biglietteria?"

— Ótimo. Como se diz “foda-se” em italiano?

“*Fottermi*”, meu celular respondeu prestativamente.

— Você acertou.



Pedi ao porteiro que me chamasse um táxi para o *Teatro dell'Opera di Roma* e sentei-me pesadamente no banco de trás. Meu celular dizia



que faltavam dez para as sete, enquanto o GPS no meu ouvido dizia que o trajeto durava quinze minutos.

— Fottermi. – eu murmurei. *Isso seria útil*, pensei.

O trânsito estava ruim. Pelo menos imaginei que estivesse a julgar pelos inícios e paradas do táxi, e pelos palavrões e buzinas intermitentes que ouvi na frente. Eu ia me atrasar, não havia maneira de contornar isso. E se o local era do tipo que não permitia que os retardatários aparecessem, eu estava fodido.

Mas falando sério, quem se importava? Toda essa maldita corrida por nada. Para quê? Para ouvir a minha namorada, mas não vê-la? Nem sequer ouvi-la, se eu estava sendo honesto; ela era apenas uma das três ou cinco ou, muitos violinistas que uma orquestra precisava. Os bastardos nem sequer tiveram o senso de deixá-la tocar solo, então por que diabos eu estava me incomodando? Para que era todo o trabalho e sofrimento? Para me tornar melhor? Isso não era o *melhor*!

A raiva ferveu através do meu sangue, e aquele velho ódio contra o Monstro se contorceu e se enrolou em mim como um ninho de cobras. Como eu pensei que isso iria funcionar? Ou que Charlotte estaria lá para mim quando tudo estivesse dito e feito? E se ela ficasse chateada por eu estar ali o tempo todo e ela nunca soubesse disso? Ou se ela achasse patético que eu a segui pela Europa como um cachorro abandonado cujos donos haviam se mudado sem ele? E se ela ficasse cansada de esperar?

E se ela conheceu outra pessoa?

Minha perna estava movendo com impaciência, mas parou de repente com o pensamento. Cada parte de mim ficou fria e minha ladainha furiosa ficou em silêncio.



E se Charlotte tivesse conhecido outra pessoa?

Sim, me perguntei com a voz sarcástica na minha cabeça. E se ela conhecesse um cara, algum músico da orquestra? Um flautista com um grande instrumento que ele queria que ela tocasse?

— Cale-se.

— Che cosa²⁴? – Meu taxista perguntou.

Eu o ignorei. Eu tinha perguntas mais importantes para responder. Tais como: com quem Charlotte passava o tempo todo? Algum músico idiota, talvez, que pudesse falar sobre libretos, sextetos e ritmos até que as vacas voltassem para casa? Ou um bastardo gentil que a levou para cafés e comprou gelato, café ou vinho? Vinho suficiente para deixá-la embriagada e que ele pudesse roubar um beijo e ela pudesse decidir que gostou? Que ela gostava dele, desse cara que podia ver seu rosto e dizer como ela estava linda à luz da lua italiana, e que podia visitar museus com ela nos seus dias de folga, ou na Capela Sistina, ou na Fonte de Trevi...

Um cara cuja vantagem sobre mim - além de sua visão perfeita, é claro - era sua presença. Ele estava lá para ela, compartilhando sua jornada e, embora não estivesse no DNA de Charlotte me trair, seu coração era grande, generoso e cheio de amor que ela estava ansiosa por compartilhar, que ela precisava compartilhar.

Por que não? Fazia sentido que ela se apaixonasse por um músico, um homem mais culto que não falava palavrão tanto quanto eu, ou tivesse *problemas de visão ou humor, ou... que não se embebedasse e permitisse que ela fosse atacada no elevador por alguém que você chamou de amigo?*

Ou aquilo.

²⁴ *Che cosa?: significa "O que?" em Italiano.*



Minha imaginação febril e cheia de ciúmes chegou a compor um trecho sonoro do e-mail que eu tinha certeza que agora esperava por mim no meu laptop quando voltei ao hotel.

Noah, sinto muito. Eu não quis que isso acontecesse...

Minhas mãos apertaram meu bastão branco como se fosse a garganta de seu novo namorado. Eu quase disse ao taxista que virasse. Jogo a toalha. Levantei a bandeira branca. Enfie em mim um tridente, eu terminei.

— Tudo bem, Teatro. — disse o taxista, e eu percebi que o táxi havia parado.

Eu não me mexi. Eu não queria. Isso foi demais pra caralho. Muito difícil.

Pare de reclamar. Você está aqui, então vá ouvi-la.

Bem, por que diabos não, pensei com um sorriso. Eu não tinha nada melhor para fazer.

Paguei o táxi e fiz meu caminho penoso para o local. Os assessores me guiavam para o meu lugar - sempre na última fila, no canto - e eu ouvia algum maldito concerto ou sonata ou o que diabos fosse, esperando a música me acalmar, como costumava acontecer em outras noites. Não esta noite. Esta noite eu estava tão impenetrável quanto uma parede de tijolos; as notas musicais atingiam em mim como pedras.

Uma peça terminou e a plateia retornou com aplausos respeitáveis enquanto eu pensava em me abaixar e tirar uma soneca. Com meus óculos de sol, quem diabos saberia? E eu me importaria mesmo assim? Não, eu certamente não me importaria.

E então aconteceu.



Um violino solitário começou a tocar uma melodia suave e melancólica enquanto a orquestra tocava atrás - gentilmente, como se não perturbasse a música simples do solista. Uma delicada teia de prata pairava no preto da minha imaginação, espirais e guirlandas de som, emergindo daquele único violino, até que todo o Teatro brilhava nos olhos da minha mente.

Ouvi, mal respirando, e quando terminou, a plateia ficou em silêncio. Um batimento cardíaco, uma respiração e depois uma erupção de aplausos dez vezes mais alto do que em qualquer peça anterior.

Virei-me para a pessoa à minha esquerda e encontrei o delicado pulso de uma mulher. — Quem era aquele? – perguntei e aponte para o palco. Eu esperava que essa senhora falasse inglês o suficiente para responder, embora meu coração já soubesse a resposta.

— A programação diz que o nome dela é Charlotte Conroy. – disse a mulher com sotaque do Oriente Médio. — Eu nunca ouvi falar dela, mas ela foi extraordinária, não foi?

— Extraordinária. – Recostei-me no banco e começou a peça seguinte – um italiano indisciplinado que mal ouvi.

Tudo bem, baby, respondi, porque Charlotte estava falando comigo, mesmo que ela não soubesse que eu estava lá para ouvir. Ela não conheceu outra pessoa - a ideia era ridícula para mim agora. Ela estava me esperando, e seu coração doía por mim, tanto quanto o meu doía por ela. Eu ouvi na música dela, tão claro como se ela estivesse falando palavras.

Minha raiva derreteu como cera no sol quente.

Não vou desistir, prometi a ela. *Eu não vou. Não importa o quanto difícil seja*, eu juro, *Charlotte*, eu continuarei. *Por você, baby. Por você...*



Levantei da cadeira no momento em que a última nota da última peça se dissipou no ar e voltei para o hotel, determinado a recomeçar de manhã. Sem mais reclamações, sem mais birras. Charlotte ainda estava esperando por mim e que raios me partam se eu não fizesse tudo ao meu alcance para fazer com que sua dor no coração significasse alguma coisa.

Deitei na cama me sentindo melhor do que em dias, e mergulhei no que eu esperava que fosse um sono profundo e restaurador...

... isso durou talvez uma hora. Eu acordei com uma dor furiosa na minha nuca. Mal cheguei ao banheiro antes de vomitar meu prato de espaguete de US\$ 43 e me movi ao redor - em profunda agonia - para encontrar meu frasco de Azapram. Com um comprimido restante. Peguei-o com as mãos trêmulas e engoli.

E agora eu não tinha nenhum.



Barcelona

O Monstro era mais rápido que uma entrega.

Minha primeira noite em Barcelona foi gasta com enxaqueca. Eu não tinha comprimidos para tomar. Liguei para a recepção pedindo aspirina, mas foi como colocar um curativo em uma artéria que jorrava.

Sentei-me no banheiro do meu hotel cinco estrelas em Barcelona, esperando uns segundos até que a força da enxaqueca na minha cabeça começou a aliviar. No começo, eu pensei que estava apenas delirando com a dor, mas não, senti uma diminuição gradual de agonia fundida, para agonia simples (um grande passo) para uma dor de cabeça realmente ruim, e finalmente nenhuma.

Um som como um soluço estourou do meu peito e garganta, e coloquei o braço sobre os olhos, respirando fundo. *Não posso mais fazer isso*, pensei. *Já é o suficiente. Estou fora.* Mas não posso voltar atrás.

Apertei o botão do meu celular. *"Agora são 8:10 da manhã."*

Pensei em tudo o que precisava fazer hoje antes da apresentação de Charlotte às oito da noite. Lavagem a seco na lavanderia, almoço e jantar, encontrando a sala de concertos... Grande.

Então pare, veio um pensamento.

— Não. — eu disse ao lugar vazio.



Essa é a terceira enxaqueca em cinco dias, e veio outra.

— Foda-se. Eu estou estressado.

Mas o pequeno medo que havia se firmado em meu íntimo quando perdi o equilíbrio em Roma, aproximou mais. A ideia de que algo estava errado comigo era como uma erva daninha que continuava tentando criar raízes e, não importa quantas vezes eu a arrancasse, ela voltava a crescer.

— *Não.* – disse novamente, no escuro. Eu estava apenas cansado - mais do que cansado. Exausto dessa provação, constantemente estressado e com medo de ser roubado, perdido ou arruinado, e sentir tanta falta de Charlotte que mal conseguia respirar.

Ainda assim...

Murmurei um palavrão e me levantei do chão do banheiro. A tontura me atacou de uma só vez. O lugar inclinou e tombou abaixo de mim, como um navio jogado no mar. Eu me segurei no balcão, enquanto meu medo transbordava e tentava me afundar.

Passou. Você sentou-se rápido demais e não comeu.

Nada de trágico nisso.

Eu tinha que comer. Eu me sentia muito fraco, e não podia me aventurar a lavar a roupa muito menos qualquer outra coisa, até que eu tivesse comida. Procurei o telefone na mesa de cabeceira e meus dedos percorreram os botões, esperando por um que parecesse mais proeminente que o resto. Todos eles pareciam o mesmo. Apertei um aleatoriamente e ouvi uma gravação, em espanhol, do que presumi ser um anúncio do próprio hotel. Uma daquelas coisas informativas que estão constantemente tocando com música suave por trás delas.



Bati o telefone e peguei novamente. Tateei o teclado numérico e fiquei aliviado ao descobrir que 0 ainda estava sozinho, na parte inferior, onde deveria estar. Eu apertei, esperando por uma atendente. Consegui uma. Uma jovem atendeu.

— Buenos días, recepción²⁵. Cómo puedo ayudarte²⁶?

— Sim, você fala inglês? – perguntei asperamente.

Uma pausa. — Sim, senhor. Como posso te ajudar?

— Eu quero pedir um café da manhã. Serviço de quarto.

— Muito bem, senhor. O que você quer?

— Não sei. – eu esfreguei minha testa e meus olhos que pareciam cansados, apesar de terem tido os últimos dois anos de folga. — Comida. Café da manhã. Eu não ligo.

— Você precisa de um menu, senhor?

— Eu tenho um menu. – eu disse entre dentes. — Não consigo ler. Pode me dizer o que tem?

— Você... deseja que eu leia para você o menu inteiro, senhor?

— Sim... Não, apenas... – eu pensei que estava lá, no ponto de ruptura. Eu respirei fundo. — Ovos. Você tem ovos, porra?

A mulher pigarreou, obviamente tentando ao máximo manter-se calma com o idiota americano gritar com ela no telefone.

— Temos ovos, senhor...

— Ok. Ovos, café, torradas... tanto faz. Apenas traga. Quarto 42.

²⁵ *Buenos días, recepción: significa "Bom dia, recepção." em Espanhol.*

²⁶ *Cómo puedo ayudarte?: significa "Como posso te ajudar?" em Espanhol.*



Bati o telefone e um segundo depois o joguei e tudo o mais que estava sobre a mesa ao lado. Minhas mãos estavam tremendo. Minha respiração saiu em suspiros altos. *O que está acontecendo comigo?*

Respirei fundo várias vezes, concentrando-me apenas na inspiração e na expiração até o desejo de gritar ou esmagar algo mais desapareceu. Fiquei com as pernas trêmulas e fui para o banheiro, onde joguei água fria no rosto. Eu levantei meu rosto no espelho. Do outro lado da cortina escura havia um homem abatido, pálido e doente, com olheiras. E os próprios olhos - que Charlotte achava tão atraentes - eram assombrados e sem graça. Seus olhos inúteis estão mais sem expressão e vazios do que nunca.

Eu não precisava ver para saber isso. Se Charlotte me visse agora, ela choraria. Ava gritaria e *depois* choraria. Minha mãe choraria e meu pai me odiar por machucá-la novamente. E Lucien...

Caminhei de volta para o quarto, pisando no abajur que joguei da mesa. Encontrei meu celular na cama, enterrado debaixo das cobertas. Eu quase liguei para Lucien, dizendo a mim mesmo que era apenas para ouvir sua voz. Para falar com alguém que me conhecia, então não me sentiria tão encurralado. Mas eu sabia que se eu ligasse para ele, não seria para conversar. Eu diria para ele me reservar um voo para casa naquela mesma noite.

Faça isso, disse a voz da razão que tantas vezes parecia Ava em minha mente. *Você já era*. Ela estava certa. Eu não poderia sobreviver a outra enxaqueca sem o remédio. Agora não.

— Charlotte, me desculpe. — eu murmurei e comecei a apertar o botão do meu celular quando uma batida bateu na porta.

— Serviço de quarto, senhor.

Eu segurei o celular na minha mão e minha cabeça caindo de exaustão.



Outra batida. O botão do meu celular estava macio sob o meu polegar.

— Senhor?

Respirei fundo, como se eu pudesse sugar força, a força e coragem do ar ao meu redor. *Charlotte...*

— Entre.

— Seu café da manhã, senhor. – eu ouvi uma bandeja abaixando.
— E um pacote chegou para você. Esta manhã.

Estendi minha mão trêmula. — Mostre-me. Por favor.

— Claro.

Uma mão fria e seca pegou a minha e a levou para a bandeja, para um pacote quadrado embrulhado em papel. Rasguei e um frasco caiu e rolou sobre a mesa.

— O que diz?

— Az... Azapram...

— Tudo bem, obrigado. Vá. Você pode ir agora.

Fiquei sentado na cama por um longo tempo enquanto meu café da manhã esfriava, virando o frasco várias vezes na minha mão. Doze cápsulas.

Isso é tudo o que eles me dão de cada vez. Mas se as enxaquecas continuassem nesse ritmo, eu iria embora em duas semanas.

Vá embora. Apenas vá.

Mas não iria. Charlotte nunca tinha desistido de mim. Nunca.

Levantei-me e tomei meu café da manhã.



Amsterdã

Eu persevererei no café da manhã e dezenas de outros depois, mas isso era inevitável: eu estava entrando em colapso exatamente como havia previsto. A ira ardente em Roma degenerou em desespero em Barcelona e piorou por Nice, Paris e Bruxelas; uma erosão terrível que me fez sentir escavado. Eu estava abaixo da raiva, em algum lugar. Debaixo da escada em um porão sem luz. Um porão empoeirado. Ou na redoma de vidro de Sylvia Plath, talvez, onde tudo era sem ar e velho.

Quando cheguei a Amsterdã, eu já estava farto.

Era por volta das nove da manhã quando o trem de Bruxelas chegou à estação Central e uma mão me empurrou de um cochilo superficial. Puxei minha bagagem do trem, com a ajuda de alguém - o condutor, talvez - e depois me arrastei para o terminal.

— Balcão de informações? — eu pedi para alguém que passou por mim.

Eu chamei isso de pescar: estiquei uma linha - meu braço - na esperança de agarrar alguém que pudesse me dar as informações que eu precisava. Foi humilhante fazer isso a princípio. Agora, não me incomodei com detalhes. As sutilezas eram cansativas demais.

— Ah, sim. — disse o cara que eu peguei. Um rapaz, talvez da minha idade. — Ok, por aqui.



Ele me levou até o balcão de informações e de lá fui guiado ao ponto de táxi com um táxi à espera. Os passeios de táxi eram geralmente um alívio.

Reunir a vontade de sair do espaço conhecido e da segurança de um táxi pelo desconhecido de uma rua ou algum hotel mexeu com meus nervos e me deixou drenado. Mas eu já estava exausto e meus nervos pareciam ter adormecido. Eu entrei no táxi. Eu paguei a tarifa.

Na minha maldita suíte de luxo que eu não podia ver ou apreciar, encontrei a cama king size e queria deitar nela e não me mexer o dia todo. Mas descobri que não estava realmente cansado. Mentalmente exausto além da imaginação, sim, mas na maioria das vezes eu não dava a mínima.

Desfiz a minha mala e continuei o meu processo - não porque precisava ou queria, mas porque não conseguia pensar em um motivo para não fazê-lo. Ou qualquer outra coisa para fazer. Apenas um passo mecânico após o outro.

Coloquei minha roupa para o show de Charlotte na noite seguinte; o VTO teve a noite de folga, o que significava que eu também. Arrumei meus dispositivos, montei meu laptop e passei pelo perímetro do quarto para obter suas dimensões e me orientar da cama para o banheiro.

Tomei um banho quente, me perguntando se isso iria dar um pontapé no meu corpo. Isso não aconteceu. Até então, era meio-dia e decidi sair para almoçar. Eu precisei. Se eu me deitasse na cama, não me levantaria novamente. Talvez não por dias, e quando Lucien ligasse, ouviria na minha voz que eu tinha que parar.

Depois de almoçar, sentei-me à minha mesa no café e me perguntei vagamente o que eu deveria fazer com o resto do dia. Estive em Amsterdã na minha vida passada. Uma bela cidade de canais com ciclistas andando pelas



ruas de paralelepípedos; marcos importantes e história. A Casa de Anne Frank estava aqui, mas o que eu ganharia com isso? Uma voz baixa e cada vez menor me incentivou a ir e experimentar como experimentei. Que eu sentiria a história importante daquele lugar, mesmo que não pudesse vê-la, e perder isso seria um desperdício terrível.

Optei por perder.

Depois, houve o museu Van Gogh. Arte inestimável a menos de um metro do meu rosto, e pode ser ilegível.

Isso pode parecer que eu estava com pena de mim mesmo, mas, na verdade, essas perdas não me afetaram. Apenas fatos que eu não tinha como mudar e não podia me preocupar em me preocupar em primeiro lugar. Isso foi progresso? Ou aceitação do meu destino? Eu disse a mim mesmo que era, mas a mesma voz baixa sussurrou que era a coisa mais distante disso.

Eu tive que sair desse pânico. Isso era tão profundo que não era nem depressão. Apenas nada. Pedi ao garçom que me desse o nome de outro café. Um tipo diferente de café, que vendia mais que comida. Se não conseguisse mudar minha realidade, cederia um pouco e deixaria de *pensar* tanto.

Meu garçom me deu um nome e me ajudou a chamar um táxi.

— Café J. — eu disse ao taxista. Não, não há Anne Frank ou Van Gogh para mim. Eu ia ficar chapado, e foda-se tudo, isso parecia a melhor ideia que eu já tive.

Era começo da tarde. As ruas estavam quase vazias quando saí do táxi. Parecia que o café estava escondido em um cantinho calmo da cidade. Mas as pessoas - não eu, mas as pessoas de verdade - tinham emprego e trabalhavam e não fumavam maconha às 14:04 da tarde. em um dia da semana. Dentro do café, eu esperava pelo



menos alguns turistas, mas não pude perceber pelas conversas abafadas se havia algum outro americano lá.

— Um baseado, por favor. — eu disse ao cara atrás do balcão. O lugar parecia escuro e acolhedor, mas imaginei luzes de neon atrás do balcão ou talvez menus com giz colorido.

O cara pigarreou. — Hum, tudo bem. Você pode ser mais específico? Temos cerca de cem tipos diferentes.

— Surpreenda-me. — eu murmurei.

— Mais caro, melhor qualidade. — disse ele. — Mas você também precisa comprar um café.

Sorri. — Sim, isso faz sentido. Um estimulante para acompanhar o meu depressivo.

— Hã?

— Nada. Café preto. E o seu baseado mais caro. Estamos em um canal? — eu pensei que cheirava a água, mas não podia ter certeza, pois o café em si era penetrante com uma variedade de outros aromas fortes.

— Sim, você quer um lugar para o canal? Posso te ajudar.

Ou os baristas holandeses de maconha eram fanáticos pelo atendimento ao cliente, ou o fato de eu ter pago o equivalente a US\$ 33 dólares por um baseado o fez ir além, mas o cara me acompanhou pelo café até um terraço ao ar livre e me sentou em um sofá. Ouvi algumas vozes, no sofá que eu tinha para mim. Por enquanto.

— Seu café está na mesa à sua direita. — O cara pressionou uma caixa de fósforos na minha mão. — Você quer que eu acenda?

— Não, cara, eu estou bem. Obrigado.



E depois de dois baseados, eu *estava* bem. Melhor do que me senti em eras. Paguei um prêmio e foi isso que recebi.

— Essa é da boa. — eu murmurei e ri de mim mesmo.

Eu não ria há muito tempo. Isso também foi bom. Meu corpo inteiro estava bem, e eu podia sentir - mas não faço nada a respeito - o sorriso estúpido e preguiçoso no meu rosto.

Essa foi uma apatia melhor. Meus ossos derreteram no sofá, e a escuridão que me prendia parecia mais leve de alguma forma. Todos os pensamentos pesados e pesar, e a dor de sentir falta de Charlotte que estavam me sobrecarregando estavam agora sem peso e à deriva. Acenei para eles e eles desapareceram no ar. *Como fumaça*, pensei com outra risada. Recostei-me no sofá enquanto meu café esfriava ao meu lado.

Sinceramente, não sei quanto tempo fiquei lá; o tempo passava, marcado por conversas ao meu redor que iam e vinham. Eu tinha presença de espírito o suficiente para deixar meu baseado acabar antes da metade do caminho, ou então eu provavelmente teria entrado em coma. Pensamentos em comida se infiltraram na névoa verde ao meu redor, mas sair do sofá era muito esforço. Em vez disso, decidi fazer algo que nunca havia feito antes em toda a viagem e isso iniciou uma conversa.

Havia um pequeno grupo de pessoas que agora estavam dividindo meu sofá à minha esquerda. O baseado estava me deixando ousado. Ou estúpido. Ou ousadamente estúpido. Eu me virei para eles e disse: — Um bom dia para isso, não é?

Uma pausa. Um silêncio. Eu apenas ri, e então eles riram também, e assim, eu tinha quatro novos amigos. Todos jovens - da minha idade ou quase - e todos os estudantes universitários,



todos eram capazes de falar inglês.

O aperto de mão de Bram era áspero e forte, como sua voz.

Schuyler era o piadista, seu aperto de mão frouxo e leve, como sua risada.

James era britânico; ele deu à minha mão um aperto firme e formal e me chamou de "companheiro", com sua voz totalmente carregada de curiosidade.

E Anika era suave e doce, e cheirava a caramelo. Ela apertou minha mão e a segurou. Eu percebi que ela não iria me soltar até eu me afastar.

Meus novos amigos me bombardearam com perguntas: por que eu estava lá, com quem estava e o que diabos um cara cego estava fazendo sozinho em Amsterdã? Respondi a todas as perguntas com uma estúpida falta de cautela, e alguém me ajudou a acender o baseado novamente.

— O que você faz para viver, Noah? — James perguntou.

— Sou... sou escritor. — eu disse.

Essa foi a primeira vez que disse isso. Parecia estranhamente arrogante. Eu tinha feito o suficiente para merecer o título? Pensei em todos meus artigos para o *Planet X* e me dei permissão para usar a palavra.

— Eu costumava escrever para uma revista. Agora sou freelancer... por assim dizer. — eu ri, pensando em como escrevi ditando em uma máquina. — *Por assim dizer*. Sim, exatamente! Entendeu?

Eles não entenderam, mas todos riram da mesma maneira que as pessoas chapadas riam: sem mais nem menos.



— E por que você está viajando pela Europa? Você está sozinho? — Schulyer perguntou.

— Isso parece muito louco para mim. — acrescentou James rapidamente.

— Minha namorada é violinista em uma orquestra. — eu respondi lentamente, tentando fazer com que as palavras que saíssem da minha boca correspondessem às palavras que meu cérebro queria que eu falasse. — Ela está em turnê e eu a estou seguindo... Isso. A turnê. E para a pesquisa. — eu acrescentei. — Como uma pessoa cega viajaria pela Europa. O meu livro é sobre isso.

Sim, isso parecia bom. Mediocre, mas era verdade suficiente para ser crível.

Anika se aproximou de mim e murmurou. — Ahhh, você está fazendo isso pela sua garota. Por amor! Você está fazendo isso por amor!

— Sim. — eu disse, sorrindo preguiçosamente. — Isso também. — *Isso acima de tudo.*

Compartilhei meu baseado com eles e, embora claramente já tenha conquistado Anika, isso trouxe os caras ao redor. Melhores amigos instantâneos.

— Porra, cara, isso é forte. — disse James, tossindo.

— Neuk mij dood²⁷. — disse Bram e parecia que ele estava batendo no peito. — Sterk²⁸. Isso é *forte* para você, Amerikaanse²⁹.

— Esse é do bom. — eu disse prestativamente.

²⁷ *Neuk mij dood: significa algo como “Poxa vida.” em Holandês.*

²⁸ *Sterk: significa “forte” em Holandês.*

²⁹ *Amerikaanse: significa “Americano” em Holandês.*



— É do bom! – Schuyler disse com uma risada estridente, e todos nós rimos com ele.

— Você fala holandês, Noah? – Anika perguntou animadamente. Parecia que tudo o que ela fez foi animadamente. Ela não conseguia ficar parada. Eu podia senti-la vibrando ao meu lado, como um fio elétrico.

— Eu falo francês. – eu disse.

— Ahh, eu amo francês. Tão romântico. Diga-me, o que você diz à sua garota em francês para deixá-la excitada?

Os outros riram. Eu consegui sorrir.

— Ela não fala francês.

— Não? Que pena. Que desperdício. – Anika se inclinou para mais perto. — Eu falo francês. Talvez você possa me dizer algo picante, oui?

Naturalmente, eu não tinha a menor ideia de como Anika poderia ser, mas naquele momento fui atingido por uma impressão muito forte: uma garota com um rosto suave, mas olhos frios e sérios. De pele quente, mas com um toque contundente. Um tapa. Alguém que batia em um homem e depois chorava histericamente depois, pedindo perdão.

— Anika, niet een slet van jezelf niet te maken³⁰. – Schuyler riu. — Noah, me agradeça. Apenas disse a ela para não se fazer de vagabunda na sua frente.

— Slet?³¹ – Anika gritou no meu ouvido. — Aqui está um pouco de *inglês*. Vá se foder, Schuyler!

³⁰ *niet een slet van jezelf niet te maken: significa “não se torne uma vagabunda” em Holandês.*

³¹ *Slet: significa “vagabunda” em Holandês.*



Schuyler apenas riu e bateu no meu joelho com a mão para chamar minha atenção. — Ei, você precisa aprender holandês, não é? Eu te ensino. Diga isso. É muito importante: *Neuken in de keuken*.

— *Noykehn in de koykehn*. — eu murmurei, me sentindo estúpido. Dei uma tragada no baseado e me senti instantaneamente menos idiota. — O que isso significa?

— Foda na cozinha. — disse Schuyler, e riu como uma hiena.

— Isso meio que perde algo na tradução. — eu disse. — Se você quer algo para rimar... “*Foda na caminhonete*.”

Todos caímos na gargalhada disso, com a conversa mais idiota da história da palavra falada.

— Schuyler, idiota. Ensine a ele algo que ele possa usar. — disse Bram. — Noah, diga, *Ik moet mijn zonnebrils avond dragen*.

— Isso não vai acontecer. — eu disse secamente.

— Isso significa, *eu uso meus óculos de sol à noite*. — disse Bram. — E você usa, não é?

— É. — eu disse, sorrindo suavemente quando uma memória antiga ecoou fracamente em minha mente. — Como o Bono.

— Como o Bono! — Schuyler gritou.

Todo mundo riu tanto que eu sabia que eles deviam estar altos como uma pipa, e a vaga inquietação que senti por meus novos 'amigos' foi rebaixada ao zumbido de fundo. Conversamos e rimos de nada, e fiz piadas estúpidas até que eu não conseguia mais sentir o sol no meu rosto.

— Ei, Noah! — Schuyler disse, de repente. — Vamos jantar e depois... como você diz, “boates”.



— Você já esteve em uma boate em Amsterdã? – Anika perguntou.
— Você deve vir conosco!

— Sim! – Bram berrou. — Mas qual? *Paradiso? Escape* ou...

— *Escape*. – eu disse imediatamente. — *Escape*.

— Noah quer *Escape*. – Schuyler gritou. — Vamos ajudá-lo a escapar³²!

Anika entrelaçou o braço no meu e eles me levaram para fora do café em uma nuvem de maconha, risos e talvez até um pouco de perigo. Eu senti isso, espreitando logo abaixo da superfície, mas não tinha o poder ou a energia para investigar. No último mês, meus instintos se tornaram um quinto sentido, me afastando de situações - ou becos escuros - eu podia sentir, mas não ver.

Mas esses quatro se moveram rápido demais, e eu fui pego por eles como um nadador movido por uma onda - impotente para fazer mais do que cair até que parasse. E que Deus me ajude, a parte de mim que ansiava pelo perigo, que o procurara como uma droga, *gostava* disso. O raio que percorreu ao longo dos meus nervos foi um milhão de vezes mais potente que o baseado.

Pegamos sanduíches de broodje³³ em um café e, em seguida, a turma me levou ao Club *Escape* no carro de Bram. Eu pensei que deveria ser muito cedo para uma boate, mas antes que a música alta e pulsante me inundasse, meu relógio me disse que era perto das 20h.

— Você tem um relógio falante? – Anika gritou no meu ouvido. — Muito legal!

³² *Escapar: ele fez um trocadilho, com a palavra “escape”, já que essa palavra quer dizer escapar.*

³³ *sanduíche de broodje: é um sanduíche recheado com uma espécie de croquete.*



Meu cérebro lento e que parecia afogado não conseguiu uma resposta, mas não importava. Anika tentou me arrastar para a pista de dança, mas eu recusei. Eu estava chapado, mas não tão chapado que estava prestes a dançar na frente de alguém.

Resisti ao puxão de suas mãos pequenas, mas fortes. — Eu quero sentar. Fumar.

A música estava muito alta e o lugar estava cheio de corpos. Muitas pessoas. Se houve um incêndio ou alguma outra emergência, eu já estaria morto.

Isso é apenas o baseado, deixando você paranoico. Você deveria ir.

Por quê? Charlotte não está aqui. Ela está segura.

E você?

Foda-se tudo. Estava cansado da rotina, do regime que me prescrevi. Eu estava indo para onde a noite me levava e sofreria as consequências depois. Minha maior ameaça, minha mente estúpida e confusa, era manter as mãos de Anika longe de mim sem irritá-la.

— Onde você está, Noah? — James perguntou.

— Nos bairros residenciais. — disse Schuyler. — Todos os turistas americanos ficam lá. Para ficar chapado. Trazer algumas garotas, não é?

— Não. Estou no Sir Albert.

Um silêncio e depois: — Sir Albert? Oh la la. — Schuyler riu. — Você é um príncipe? O Noah, aqui, é a realeza americana. O Príncipe Noah!



— Não, cara. Eu bem que gostaria. Só estou lá por uma noite. – eu falei, amaldiçoando minha língua solta.

Regra nº4: não anuncie que tem dinheiro quando é cego como um maldito morcego.

— Estou por apenas uma noite. – eu disse novamente.

— Claro, claro. – Schuyler riu. — Só por uma noite. – Interiormente, eu me xinguei. Eu os senti avaliando minha jaqueta de couro, meu relógio e meus óculos de sol - a marca que Ava comprou para mim. *Príncipe Noah?* perguntou o comentarista malicioso que se instalara em minha mente. *Sim, prepare-se, Alteza. Você está prestes a ficar fodido de verdade.*

Eu os ouvi conversando em holandês - até James, o britânico, sabia falar - e, com certeza, eu podia sentir o ar entre nós mudar.

De alguma forma ficou mais frio. Eventualmente, a gangue decidiu que era hora de pagar a conta, e eu fui empurrado para dentro do carro de Bram e fiquei entre Anika e James.

— Acho que chegou a hora de encerrar a noite. – eu disse.

— Não, meu chapa, vamos a uma festa na minha casa. – disse Bram do banco da frente. — Vista para o canal. – acrescentou com uma risada sombria. — Você vai adorar.

— Tenho certeza. – eu murmurei, tentando pensar em como sair dessa situação com todas as partes do meu corpo intactas. Mas o baseado tinha me deixado devagar, e Anika estava em cima de mim. Ela se virou de lado, para pressionar os seios contra o meu ombro, enquanto a mão dela se aventurava na minha perna.



Eu peguei o pulso dela e segurei. — Eu tenho uma namorada. — eu disse sério. — Isso não vai acontecer.

— O que? — Anika sussurrou e depois riu. — Isso não passa de um pouco de diversão, não é? Uma foda na caminhonete!

— Não. — eu disse com minha voz alta para frente do carro. — Bram. Pare. Eu voltarei por conta própria.

Ele não respondeu, e Anika não tinha mais nada a dizer para mim, aparentemente, mas ela tinha muito a dizer em holandês. Os quatro conversaram ao meu redor e não estavam mais rindo.

Você é um idiota, eu disse a mim mesmo, mas é claro que isso já era tarde demais.

O carro parou, o motor desligou e duas portas se abriram: a do passageiro da frente e da traseira esquerda. Schulyer e James saíram, deixando Bram ao volante e Anika ao meu lado.

Ela montou em mim de uma vez e tirou meus óculos escuros para passar as mãos pelos meus cabelos. — Aah, você é tão bonito, príncipe Noah. — ela murmurou. Seus quadris moviam, se esfregando contra mim. — Você e eu vamos brincar. Vamos falar francês bonito juntos, e então você me paga, não é? Por lhe dar um tempo tão bom.

Do banco da frente, Bram acendeu um cigarro. James e Schuyler estavam do lado de fora do carro em algum lugar, em guarda, eu supunha, onde quer que estivéssemos.

Suspirei.

Minha brisa sumiu com a gravidade dessa situação, mas esses quatro não sabiam que essa não era minha primeira vez. Fui assaltado no Queens depois de surfar no metrô e novamente no Hell's Kitchen, onde Charlotte perdeu o violino. Além disso,



essa jornada tinha me desgastado rapidamente. Eu não tinha mais nada para dar.

As mãos de Anika estavam no zíper do meu jeans, tentando descer o zíper. Agarrei os dois pulsos com força suficiente para fazê-la gritar e a tirei do meu colo. Ouvi a sua cabeça bater na janela do passageiro enquanto corria para a outra porta.

— Aiii! Bastardoo!

Ela me chutou enquanto eu tentava abrir a porta, mantendo um aperto firme no meu bastão branco.

— Bram! James! Hij mij pijn³⁴!

Saí do carro, ouvi pés movendo-se sobre o concreto e, em seguida, um punho acertando no meu olho direito. Parecia uma marreta e dez vezes mais forte, já que eu não podia ver isso chegando. Mas minha apatia de antes era uma arma agora. A dor parecia distante. Sem significado. Eu levantei meu bastão branco e senti que ele acertou a virilha de alguém para obter um efeito satisfatório. Schuyler, a julgar pelo gemido doloroso do patife. Ótimo.

Evitei um golpe que senti vir e me movi para a esquerda, para não ficar preso entre meus novos *amigos* e o carro. Mas Bram me atacou antes que eu pudesse dar um passo.

— Você tocou em Anika? – ele perguntou, me agarrando e me segurando pelas lapelas da minha jaqueta.

— Ele me tocou. – Anika gritou. — Suas mãos estavam sobre mim e quando eu disse que ele teria que pagar, ele bateu na minha cabeça!

³⁴ *Hij mij pijn!:* significa “ele me machucou!” em holandês.



Não conseguia imaginar a quem beneficiava essa pequena farsa, mas o ridículo dela me fez rir. — Pelo amor de Deus. Eu não quis te machucar...

— Você acha engraçado? — O tapa de Anika atingiu a minha bochecha – com pratos caindo de dor aguda que irradiava pelo meu rosto e o deixava queimando.

— Ah, Anika. – eu ri cansado. — Eu sabia que você era de tapas.

Não me lembro de muito depois disso.

Reagi bem, acho, mas estava em menor número e mais perspicaz. Consegui dar alguns bons golpes em James e Schuyler, mas Bram era uma pedra rolando ladeira abaixo, e eu fui esmagado abaixo.

Eles pegaram as duas carteiras - isca de ladrão e a verdadeira - meu relógio, meus malditos *óculos de sol*, meu bastão e - pior de tudo - minha bolsa de carteiro que tinha meu celular, meu leitor de dinheiro e meu scanner de texto com voz. Todas as minhas tábuas de salvação. Graças a Deus, tive o bom senso de deixar meu passaporte e dinheiro de emergência no hotel.

Eles me deixaram, encolhido e sangrando, em uma rua em algum lugar. Ouvi o canto dos pneus e tudo ficou quieto. Nenhum outro carro, perto ou longe. O único som era o barulho de algum poste da rua. Senti o cheiro de água salgada e meu próprio sangue, escorrendo do nariz, boca e queixo.

Por um longo tempo, fiquei deitado na calçada, com minha cabeça cambaleando e o chão girando embaixo de mim. Fechei os olhos com força e senti minha consciência desaparecer, como um sinal de rádio ruim.

— Apenas vá. – eu murmurei e finalmente fui.



Santa Marit

— Ei.

A voz de uma mulher. Uma mão tocou meu ombro gentilmente.

— Ei. Ben je oke³⁵?

Acordei completamente e a dor também. Sobre todo o meu corpo. Demorou um momento para lembrar o que aconteceu na noite passada, e depois as memórias - sons e golpes lembrados - sussurraram e me cutucaram como um poltergeist.

Eu me sentei devagar. — Onde estou?

— Você está no estacionamento do meu trabalho. – disse a mulher em voz baixa. Ela parecia jovem - mais ou menos da minha idade - e cheirava a sabonete e um pouco de óleo com cheiro de terra. — Você foi atingido na cabeça? Seus olhos estão um pouco desfocados.

— Eu sou cego. – murmurei. — Isso não é novidade.

— Ah. Eu sinto muito.

— Eu também. – eu estendi minha mão para o relógio para checar a hora, mas o relógio se foi. Tudo se foi. Eu não tinha dinheiro e celular. Nada. *Sim. Estava realmente fodido.*

³⁵ *Ben je oke?: significa “Você está bem?” em holandês.*



— Posso ligar para alguém para você? – A mulher perguntou e me ajudou a ficar de pé.

— Não. Hum... não, obrigado. – eu estremei. Cada parte do meu corpo doía e, pela maior das ironias, estava sem enxaqueca. Veja só.

— Você foi assaltado, não é? – A mulher disse. — Você precisa da polícia. E um médico.

Acenei minhas mãos. — Sem polícia. Sem médico. Eu só preciso voltar para o meu hotel. De alguma forma... onde é que estou?

— Do lado de fora da A-9 Graphika. Em Amsterdã Noord.

Pelo que me lembrei, Amsterdã Noord ficava do outro lado do rio, em frente ao centro da cidade, e um pouco mais industrial. Não é tão amigável para turistas. Eu cuidadosamente toquei uma mão no meu lábio inchado. *Ha. Você pode dizer isso de novo.*

— Você não vê um bastão por aí, não é? Ou uma bolsa...?

— Não. Não há nada disso.

Eu balancei a cabeça, percebendo que nada disso importava. Nada importava. Minhas tábuas de salvação estavam perdidas. Eu estava completamente acabado. Eu nem me incomodei em enviar um pedido de desculpas mental a Charlotte.

— Pensando bem, você se importaria de me chamar de táxi? – perguntei. — Eu tenho dinheiro no meu hotel...

— Não. Eu tenho carro. Vou te levar. – ela se moveu ao meu lado. — Meu nome é Marit, a propósito.

— Desculpe, claro, eu sou Noah. – eu disse secamente. — Obrigado pela carona, mas você não precisa trabalhar?



— Ainda não. Não são nem seis da manhã. Eu sempre entro muito cedo. Eu tenho tempo.

— Sim, eu também. – murmurei.

Minha jornada terminou. Eu não tinha nada além de tempo.



Marit tinha um carro minúsculo que eu tinha que me dobrar ao meio só para sentar, e ela dirigia como um maníaco. Dirigimos em silêncio, embora pudesse praticamente sentir a curiosidade irradiando dela.

Por fim, ela disse: — Sabe, quando perguntei o seu nome, tive a estúpida esperança de que você dissesse que era Matt Murdock.

— Quem?

Ela riu timidamente. — Matt Murdock é o nome do Demolidor. Da revista em quadrinhos?

— Nunca ouvi falar dele.

— Ah, é uma história incrível. Ele é cego, como você, mas luta contra o crime na cidade de Nova York.

— Como ele luta contra o crime se é cego?

— Os produtos químicos radioativos que lhe tiraram a visão lhe deram sentidos superaprimorados.

— Que sortudo.



— Então, quando vi você sentado no estacionamento, cego e todo espancado, como depois de um monte de bandidos, minha imaginação foi imediatamente para o Demolidor. — ela limpou a garganta. — Bobo, eu sei. Eu realmente amo quadrinhos. Sou uma nerd, como vocês americanos diriam.

— É isso que você faz no seu trabalho? Desenhar quadrinhos? — eu não me importava particularmente, mas conversar com Marit tirou minha mente da noite anterior e todas as noites pela frente.

— Ah, não. Sou artista gráfico, mas não de quadrinhos. Eu gostaria!

Fiz um som que teria passado por uma conversa decente entre grunhidos de porcos.

— Você quer falar sobre o que aconteceu? — ela perguntou depois de um minuto.

— Na verdade não.

— Ok. — Marit disse gentilmente. — Você não precisa conversar.

— Obrigado. — eu inclinei minha cabeça contra o frio da janela. Amsterdã passou do outro lado do vidro e do outro lado da minha escuridão impenetrável. Porra, mas eu estava cansado disso, e era óbvio que nunca deixaria de estar cansado disso. Qual foi a citação de John Milton que Harlan recitou para mim? Ser cego não é triste, ser incapaz de lidar com a cegueira isso que é triste.

Sim. Milton sabia das coisas.

Um barulho, e então o carro parou.

— Já chegamos. — disse Marit. — Eu vou estacionar e levá-lo para o seu quarto.

— Você não precisa.



— Você não tem seu bastão. E seu rosto... Hum...

Toquei meu nariz ensanguentado. — Está muito ruim?

— Não está bom.

Marit me levou para minha suíte, onde fui imediatamente para a cama e me deitei. Minhas costelas doíam, assim como meu estômago, como se eu tivesse feito mil flexões. Ouvi Marit mexer no banheiro.

— Você não precisa ficar. – eu disse.

— Eu sei. – ela disse. — Mas também não posso ir. Minha mãe me diz que sou a melhor de seus filhos. Meus professores também, na escola. Eu sempre limpei a bagunça. E você é uma bagunça.

Ela puxou uma cadeira ao lado da cama. — Isso pode doer. – eu estremeci quando ela limpou os cortes e machucados no meu rosto. — Alguma coisa quebrada? Seu nariz não está. É um milagre, isso. Como estão suas costelas?

— Elas estão doendo.

— Respire fundo.

— Dói mais.

— Mas nenhuma dor repentina e aguda?

— Não.

— Que bom. – ela limpou um corte no meu olho direito. — Ha! Eu me sinto como Claire. Ela é a enfermeira que cura o Demolidor depois que ele começa uma briga.

— Então esse cara perde muitas brigas, não é? – eu bufei. — Um herói.

— Ele geralmente vence. – disse Marit. — Ele só leva uma surra primeiro. Isso torna a



vitória ainda mais doce. — eu ouvi a cadeira em que ela estava sentada, como se ela se recostasse. — Então me diga, Noah. — disse ela em um tom excessivamente alegre. — O que te traz a Amsterdã?

Dei uma risada, depois gemi com minhas costelas doloridas. Eu cedi e contei a Marit uma versão resumida do motivo de eu estar aqui.

— Você sabe que isso é loucura, certo? — ela disse calmamente.

— *Foi*. — eu corriji. — Estava louco. Acabou agora. Minhas tábuas de salvação se foram. Não consigo ir até a próxima cidade, muito menos ir ao show de Charlotte hoje à noite. Para mim chega.

— OK. — A mão de Marit tocou o meu braço. — Para quem podemos ligar?

— Lucien Caron. — eu disse. — Ele ficará preocupado. Mas eu não tenho o número dele. Estava no meu celular.

Marit me fez uma dúzia de perguntas para ajudar a localizar Lucien, depois sentou-se à mesa e fez uma dúzia de telefonemas.

— Lucien Caron? — ela disse finalmente. — Olá. Estou ligando para o Noah Lake. Sim. Um momento.

Fui até a mesa e Marit me sentou na cadeira ainda quente da presença dela. Ela apertou o fone na minha mão. A angústia na voz de Lucien era difícil de ouvir.

— Noah? Você está bem? Você não fez check-in ontem à noite. Eu liguei para o seu celular. Só ouvi obscenidades e risadas, depois nada.

— Parece que você falou com meu bom amigo, Schuyler. — eu disse e segurei minha cabeça em minhas mãos, curvado sobre a mesa.



— Eu estava ao telefone com a companhia aérea neste momento para ir te encontrar. O que aconteceu?

Eu disse a ele, poupando o máximo de detalhes possível dos eventos da noite passada.

— Sinto muito, Noah. Vou reservar um voo para você esta noite. E um carro para levá-lo ao aeroporto.

Eu não sei se era a voz de Lucien, ou ouvir que tinha acabado de outra pessoa, mas a dormência que eu estava sentindo nos últimos dias começou a desmoronar, pedaço por pedaço, e meu coração doía como se eu tivesse sido atingido por um martelo. Apertei meus lábios, com as malditas lágrimas brotando nos meus olhos com uma dor repentina e terrível.

— Noah? Você ainda está aí, meu garoto?

— Eu falhei, Lucien. — eu respirei. — Não posso cumprir minha promessa a Charlotte. Não por causa do destino ou má sorte, mas porque eu continuo estragando tudo. — Meu peito estava tão apertado que eu tive que respirar fundo, falar enquanto mantinha a barragem desmoronando. — Eu falhei. — eu disse novamente, com a voz rouca. — Eu falhei com Charlotte... eu falhei com a gente.

— Você fez melhor do que qualquer um poderia esperar, meu garoto. A jornada em si foi muito difícil. O fato de você ter chegado tão longe é um milagre. Você deveria estar orgulhoso.

— Orgulhoso? Não senti nada, Lucien. — sussurrei. — Não ligo para o que aconteceu comigo. Eu estava no limite... apenas entorpecido. Mas agora... — eu respirei trêmulo. — Agora que estraguei tudo, me importo novamente. Eu me importo muito. Eu não quero desistir.



— Não. — disse Marit ao meu lado. — Não é da minha conta, eu sei, mas posso ajudar. Deixe-me ajudar.

Eu levantei minha cabeça, com esperanças e possibilidades lutando para voltar à vida. Então balancei minha cabeça. — Não, você já fez o suficiente. Não posso pedir...

— Você não está pedindo, eu estou me oferecendo.

Comecei a protestar, mas o desejo irresistível de não falhar com Charlotte era mais forte que meu desespero. Era possível eu continuar? Eu já estava à beira do fracasso tantas vezes, parecia que vivia lá. Pensei no resto da turnê: Copenhague, Varsóvia e Praga, depois a Alemanha e finalmente a Áustria... Cristo, eu poderia atravessar a Polônia ou a República Tcheca, onde a barreira do idioma seria ainda maior? No papel, não parecia um grande obstáculo, mas sem a minha visão, todas as desvantagens pesavam mil vezes mais. E eu já estava tão cansado...

— Deixe-me ajudar. Eu vou cuidar de tudo. — Marit pousou a mão no meu braço e disse gentilmente: — Se eu fosse Charlotte, não gostaria que você desistisse.

— Deus, eu ainda espero que seja verdade. — eu me preparei mentalmente nas próximas semanas e soltei um suspiro constante. — Sim. OK. Obrigado.

Eu disse a Lucien para me transferir dinheiro da minha poupança para que Marit pudesse me comprar um celular novo e descobrir como me enviar novos cartões de crédito. Ele parecia duvidoso no começo, mas seu desejo de eu ter sucesso era tão forte quanto o meu. — Eu farei o meu melhor.

— Você não vai me dizer para ter mais cuidado? — perguntei secamente. — Você deve. Claramente, preciso ouvi-lo novamente.



— Não tenho o hábito de culpar as vítimas pelos crimes cometidos contra elas... – eu podia ouvi-lo sorrir maliciosamente. — Embora eu peça que você escolha seus amigos um pouco mais sabiamente.

Ouvi Marit se mover atrás de mim, colocando meu terno na cama.
— Isso eu posso fazer.

Desliguei o telefone com Lucien e girei na minha cadeira.

— Você não vai ter problemas por faltar no trabalho?

— Eu posso aproveitar o dia. Eu nunca falto no trabalho. Nunca. Eu vou cedo, fico até tarde. – Sua voz se acalmou. — É bom sair para mudar.

— Bom. – eu disse. — Então deixe-me levá-lo para jantar também. Como agradecimento.

— Você está disposto a sair para jantar?

— Regra #2: Não se esconda em hotéis.

— Ok, bem... sim. Jantar seria bom. – ela disse, e eu a segui andando pelo quarto para pegar sua bolsa e chaves. — Você precisa de um banho - com bastante urgência - e depois uma soneca. E tenho coisas a fazer. Eu vou... tudo bem. Volto em breve.

A porta se fechou e de repente eu estava sozinho com meu quase fracasso. Eu estava no limite - de novo - e fui puxado de volta desde o outono.

— Pela última vez, caralho. – murmurei quando entrei no chuveiro. A água quente pareceu lavar-me de ontem à noite e me senti bem. Melhor. Quase como eu.

Como isso é possível? Você não sabe o que é você.



Isso era verdade. O acidente tinha me alterado para sempre. Esmagou-me e reorganizou todas as minhas partes para que eu não pudesse separá-las. Eu estava cego. Essa era a única verdade que eu tinha e se tornara minha identidade mais do que meu próprio nome.

E essa era uma maneira terrível de viver.

Fiquei no chuveiro até a água quente esfriar. Fria como a água da chuva que senti na pele de Charlotte na noite em Nova York, quando desapareci e ela me procurou em uma tempestade.

“Você merece mais do que sobrou de mim.”

“Há muita coisa.”

Mesmo assim, Charlotte tinha visto o que eu não podia. E então, sob a água que caía como chuva, eu me permiti pensar que talvez ela estivesse certa.



Marit encontrou uma agência com serviços para cegos. Ela comprou um novo bastão branco e um par de óculos de sol, enquanto eu cochilava. Eu estava vestindo meu traje quando ela voltou e a ouvi respirar fundo.

— Esse é um terno muito bonito, Noah. — disse ela.

— Obrigado, Marit. — eu respondi. — Tenho certeza de que você está muito bonita também.



Ela emitiu um som sem compromisso. — Então, isso é estranho. — disse ela depois de um momento.

— O que?

— Bem... não é todo dia que garotas como eu conhecem homens como você.

— Bastardos cegos, deitados em estacionamentos, sangrando por toda parte? Sim, somos uma raça rara.

Ela riu, mas parou rapidamente. — Noah, antes de sairmos juntos em público, acho que você deve saber que não sou do tipo que gosta de jantares e shows. Quero dizer, enquanto eu estava fora, fui para casa e me vesti. E por 'vestir', quero dizer, que uso calça preta em vez de jeans e uma camisa que não tem um personagem de quadrinhos. Tenho cerca de dezoito quilos acima do peso, tenho dreadlocks e piercings. Tatuagens nos meus braços...

Eu parei e olhei para ela. — O que isso tem a ver?

— Apenas... achei justo avisar.

— Bem, obrigado pelo *aviso*. — eu disse levemente. — Mas eu nem sei o que é um quilo.

— Quero dizer, parecemos o mais incompatíveis possíveis, você e eu, e acho justo que saiba disso. Eu sei que isso não é um encontro. — ela acrescentou seriamente. — Eu não estou colocando essa pressão em você. Você ama Charlotte e não vou ficar me perguntando por que você não me ligou amanhã. Mas você é... muito bonito, Noah. E bondoso. E não é todo dia que uma garota como eu conhece um homem que são ambos e passa o dia com ele. É um pouco... estranho. Tenho medo de me envergonhar.

— Antes de tudo, Marit, você não me *conheceu*. — eu disse, com meu pescoço esticado



para amarrar minha gravata. — Você me achou desmaiado em um estacionamento. Se um de nós vai ficar envergonhado nesse pequeno cenário, com certeza não será você.

Ela zombou com uma risada. — Bem, desde que você coloca dessa maneira...

— Em segundo lugar, você salvou minha vida esta manhã. Você salvou minha viagem inteira. Não sei como lhe pagar, mas posso lhe pagar o jantar e levá-la para ouvir Charlotte. E até isso é mais um favor para mim. Estive em dezesseis shows no mês passado, sozinho. Seria bom compartilhar o talento dela com alguém... ter alguém que a apreciasse um pouco, como eu.

— Isso parece adorável. — disse Marit, e eu podia ouvi-la sorrir.

— Então... estamos bem?

— Estamos. — ela concordou, e eu sabia que isso era verdade.

— Está certa? — perguntei, indicando minha gravata.

— Não. — ela se aproximou e os seus dedos puxaram e a endireitaram. O cheiro de terra e qualquer óleo ou perfume que ela usava era forte, mas não desagradável. — Pronto. Vamos, Noah Lake. Vamos antes que cheguemos atrasados ao seu encontro com Charlotte.

Estendi a mão e ela colocou a dobra do braço nos meus dedos.

E sim, havia muito dela para segurar, mas, porra, e daí? Marit era um anjo de misericórdia e não importava como ela era. Ela era linda em minha mente e poderia ter sido tão linda quanto Valentina na vida real, mas nenhum desses fatos a aproximou mais do meu coração.

Charlotte era a minha dona. Inferno, ela possuía tudo meu, coração e alma, mas graças a Marit, em vez de ir para o aeroporto derrotado, eu estava de volta naquela longa estrada escura



para onde Charlotte estava esperando. *Santa Marit*, era isso que ela era, e sempre seria.



Chegamos ao *Koninklijk Theatre Carré* e sentamos no canto, na fileira mais alta.

— Meu nariz está sangrando. – brincou Marit. — É aqui que você sempre se senta? Tão longe?

Eu sorri. — Não comprei os assentos para assistir. E não posso deixar Charlotte me ver.

— Bem, vou pegar um par desses óculos chiques para poder vê-la. Os violinistas estão todos reunidos. Como ela se parece?

— Você tem uma programação?

— Sim.

— Se ela estiver fazendo um solo hoje à noite, você a verá. – eu disse, e desejei poder pegar emprestados os olhos de Marit apenas por uma noite.

— Ela está tocando o compasso da *Sonata de Mozart em A* para piano e violino. – Marit se virou para mim. — Essa é boa?

Eu sorri. — Você vai ver.

O show começou e não falamos novamente até Charlotte subir ao palco. Então, Marit agarrou meu braço. — Ah, Noah. – ela sussurrou. — Ela é tão bonita. Eu posso ver daqui. Ela brilha.



Balancei a cabeça e apertei minha mandíbula, agradecido por ter óculos novos para esconder os meus olhos. Mas quando Charlotte começou a tocar, não pude segurar. Quanto perto eu estava de arruinar isso? Sua música era tão bonita, seu talento tão rico e vibrante. Senti Marit segurando meu braço, fungando de vez em quando, e o gelo em mim que começara a quebrar no hotel quebrou completamente.

Peguei a mão de Marit e a apertei, com minha outra mão segurando minha cabeça enquanto me inclinava, tremendo por soluços. Tentei o meu melhor para ficar quieto.

Eu me abri, desabei e deixei toda a raiva, dor e amargura passarem. Era muito difícil segurar, e não aguentava mais. Eu pensei que estava segurando minha antiga vida, mas não havia mais nada. Apenas um resíduo feio, e que, finalmente percebi, não valia a pena segurar.

Tudo o que eu pensava que sabia sobre o que significava ser um homem foi arrancado. O que restou foi o que significava ser um homem que amava uma mulher tanto quanto eu. Para ser um ser humano experimentando esta vida com toda sua feiura, sua beleza, sua dor e ódio; o bem e o mal; amor e morte.

Então, sim, eu chorei como um maldito bebê, mas nunca me senti mais como eu - o que quer que fosse ou o que ia ser - do que naquele momento.



Depois, Marit me levou de volta ao hotel. Tentei obter o número de telefone ou e-mail dela para manter contato, mas ela recusou.



— Você é como um avistamento de OVNI. — disse ela. — Você caiu no meu estacionamento e tivemos uma aventura, mas agora você tem que voltar. — ela riu timidamente. — Eu poderia contar às pessoas o que aconteceu, mas ninguém acreditaria em mim.

Peguei meu novo bastão branco e senti o peso tranquilizador do meu novo celular no bolso. — Obrigado, Marit. Não posso agradecer o suficiente.

— Então... lembra quando eu te disse que era loucura, o que você estava fazendo?

— Convencendo você?

— Não. — ela riu. — Mas isso é meio heroico, Noah. Acho que você não vê dessa maneira, mas talvez devesse.

Eu sorri. — Eu acho que você lê muitos quadrinhos.

— Provavelmente. — disse ela, e eu pude ouvir sua voz recuando pelo corredor. — Mas eu os amo porque, no final, o herói sempre pega a garota.





Metamorfose

Nas próximas cidades, notei a mudança. Copenhague, Varsóvia, Praga... Nada disso foi fácil. Nem um minuto. Mas as frustrações não me pesaram até me enterrarem. Fiquei irritado de vez em quando, mas a raiva não me consumiu. Deixei as experiências entrar e levei as melhores comigo, descartando o resto e começando de novo a cada novo dia. Eu falei com as pessoas agora. Eu conversei, ri; almoçamos e tomamos café.

Em Praga, um jovem casal suíço em lua de mel caminhou comigo pela Ponte Charles, descrevendo a beleza da cidade em francês e inglês, com a esperança de que eu a visse ainda mais claramente em dois idiomas.

Em Varsóvia, uma velhinha *me* ajudou a atravessar a rua e depois me levou para o apartamento dela para comer borsch³⁶ e pão. Eu não falei uma palavra de polonês e ela nem uma palavra de inglês, mas ela ficou tagarelando comigo o tempo todo. Quando chegou a hora de eu partir, ela me deu um beijo de despedida nas duas bochechas, e senti meu peito apertar. Aparentemente, eu me tornei um grande idiota e fiquei feliz por Ava não estar lá para me ver piscar meus olhos secos ou nunca teria ouvido o fim.

³⁶ *Borsch: é uma sopa russa de beterraba.*



Em Berlim, pedi ao porteiro do meu hotel um lugar tranquilo para me afastar da multidão, e ele fez uma lista de marcos famosos.

— Espere, diga o último novamente. — eu disse.

— Palácio de Charlottenburg?

Eu sorri como um idiota. — Sim aí. Vou tentar esse.



A turnê estava a semanas do fim, mas senti a paz inchar em meu coração, removendo toda a amargura e raiva. Mas não pensei em encontrar Charlotte até o fim, em Viena. Eu tinha que garantir que essa paz não fosse transitória, que eu não acordasse uma manhã e me sentisse tão zangado quanto em Roma, ou entrando em pânico como em Barcelona, ou o horrível nada de Amsterdã.

Eu não senti.

A única mancha negra foram as enxaquecas. Elas vieram com mais frequência do que o normal, mas eu as controlei. Eu controlei tudo em vez de lutar e, embora ainda fosse incrivelmente difícil e estressante, eu sabia que ia conseguir.

E então, eu acordei uma manhã para sentir o nascer do sol atravessando meu quarto de hotel em Munique. Senti o dourado e o laranja do sol na minha pele. Um novo dia. A turnê foi para Salzburgo neste dia e depois iria para Viena para concluir a turnê. Mas mal podia esperar. Eu não precisava. Chegara a hora. Hoje à noite, em Salzburgo,

Eu assistia ao show de Charlotte e depois...



Fechei os olhos e sorri enquanto o sol aquecia meu rosto, subindo
alto e dispersando a noite para sempre.





Salzburgo

Depois da curta viagem de trem de Munique naquela manhã, fui para o hotel em Salzburgo, fiz a barba, tomei um banho e me vesti. Pedi serviço de quarto e comi sem pressa, tomando o melhor café que já provei. Escovei os dentes, juntei minhas coisas e saí.

O GPS do novo celular que Marit encontrou para mim em Amsterdã me disse onde eu poderia comprar um terno novo. Eu estava cansado dos dois que usava o verão inteiro. Queria algo novo e elegante para Charlotte. Cinza claro com um colete, porque eu sabia que ela gostava de coletes em mim. Deixei a vendedora escolher a gravata. Roxo, disse ela, e pensei que Charlotte também gostaria dela.

Mande o terno para o hotel e continuei a passear. O almoço foi em um pequeno e aconchegante bistrô, também a uma curta caminhada. O distrito do centro de Salzburgo era muito pequeno. A preocupação que eu poderia esbarrar em Charlotte aumentou, mas então lembrei que estava perfeitamente bem. Se eu não a encontrei hoje, então seria hoje à noite.

Eu vou estar com Charlotte hoje à noite.

Antes de ir para o show dela, comprei flores para ela em uma floricultura próxima. Uma dúzia de rosas vermelhas. O funcionário colocou-os na minha mão e minha ansiedade não desagradável aumentou um pouco. Cada minuto que passava



me aproximava dela. O pensamento fez meu coração bater loucamente; ansiedade percorreu sobre minha pele. Em um ataque de extrema ilusão - ou talvez previsão cautelosa - enfiei um pouco de preservativos no bolso do terno no último minuto.

Ei, você nunca sabe.

Lucien me ligou enquanto eu estava no táxi a caminho do local do show.

— Noah, a notícia mais surpreendente. — disse ele, excitado. — Entrei na página da Vienna Touring Orchestra's. O show deles hoje à noite apresenta o Concerto para Violino Nº 5. de Mozart. Nossa garota será a solista.

Uma risada veio de dentro de mim; uma bolha de felicidade estourando. — Devo dizer a ela que você disse olá? Eu vou estar com ela hoje à noite, Lucien. Acabou.

— Ah, meu querido garoto. Eu estou tão feliz por você. E por ela. E orgulhoso de vocês dois.

Limpei minha garganta e tentei parecer mais cavalheiro. — Sim, bem, espero que ela não me odeie.

— Não é possível para Charlotte odiar. Ela não tem capacidade.

Isso era verdade. Minha Charlotte estava muito cheia de amor. Mas ela tinha algum para mim? Ou o tempo a alterou para que ela não fosse a mesma coisa - para que nós não fôssemos iguais?

Ela esperou por mim?

Na sala de concertos Mozarteum, meu assento ainda era na fileira de trás, no canto. Dei ao assessor uma nota de dez euros, o buquê de



rosas e instruções para entregá-lo a solista após o show.

Apertei os braços da cadeira até meus dedos doerem. O show começou e Charlotte subiu ao palco; a multidão deu seus aplausos educados. Eles não a conheciam, ou sabiam do que ela era capaz. Até que ela começou a tocar.

Eu a ouvi tocar com o violino que comprei com a venda do meu Camaro. Eu já pensei que isso era um sacrifício? Droga, mas eu daria novamente. Eu daria mais. Tudo. Cada respiração. Cada batida do meu coração era por ela.

E ela deu tudo para nós, seu público extasiado. Eu podia sentir isso - a sensação de reverência ao meu redor que dizia que estávamos experimentando o início de algo extraordinário.

Quando terminou, levantei-me do meu lugar com a vaga ideia de ir até ela, mas quando me levantei, a plateia também se levantou. Uma ovação estrondosa encheu o salão e meu coração se apertou com tanta força que coloquei minha mão sobre ele.

Absorva tudo o que puder, baby. Isso é tudo para você.

Eu tive que deixá-la ter o momento. Se ela estivesse com raiva ou chateada comigo, minha aparição repentina só a arruinaria. Levantei e saí para tomar um ar e me acalmar. Eu voltaria assim que a multidão fosse embora e a encontraria.

Eu fui para fora. O ar da noite estava fresco, mas não frio, e fiquei agradecido pela brisa sobre minha pele que parecia estar queimando. Encontrei uma parede e me encostei nela, e então, ouvi a voz que estava morrendo de vontade de ouvir nas últimas seis semanas...

— Noah!

Ela estava lá. Aqui. Poderia estender minha mão e tocá-la...



— Ei, querida.

Ela ofegou, e meu coração parou, esperando.

— Eu vou abraçar você. — ela chorou.

— Deus, sim. — eu respirei.

Seu corpo colidiu com o meu e eu a peguei em meus braços e a levantei do chão, segurando-a com tanta força, respirando-a. Ah, Cristo, minha Charlotte. Eu tinha imaginado esse momento mil vezes, mas nada poderia me preparar para o que era abraçá-la, ou ouvir o suave e doloroso choro dela enquanto ela me abraçava.

Ela era tão bonita quanto eu me lembrava. Linda em meus braços e sob minhas mãos, e na batida feroz de seu coração pressionado contra o meu.

Eu afrouxei meu poder sobre ela o suficiente para deixar seus pés tocarem o chão e depois beijei seus olhos, nariz, bochechas molhadas de lágrimas, inalando-a e provando-a, até que as nossas bocas se encontraram em um beijo que se infiltrou em todas as partes de mim. Eu a beijei com tudo o que tinha, pensando que a dor da nossa separação e as dificuldades da minha jornada aqui se apressariam para me inundar, mas não senti nada além de pura alegria.

E amor. Acima de tudo, amor.

— Deus, baby. — eu disse de qualquer jeito contra sua bochecha.

— Eu sei. — ela sussurrou baixinho. — Eu sei, eu sei...



Ficamos lá por muito tempo. Eu a segurei, e ela me segurou, até que a plateia do concerto saiu e passou ao nosso redor, e finalmente deixamos o mundo real voltar. E com isso, a proximidade de nossos corpos despertou outra necessidade em nós.

Ela nos levou a um hotel a um quarteirão de distância. Parecia pequeno, cheirava a antigo. Histórico. Muito histórico para nossos propósitos.

— Você terá que pagar. — disse Charlotte na recepção. — Não tenho nada. Eu pulei do palco para te encontrar antes que você desaparecesse novamente.

— *Você pulou do palco?* — eu não esperei uma resposta, mas coloquei meu cartão de crédito em cima da mesa e peguei Charlotte em meus braços novamente para beijá-la com força, com minha língua passando por cada canto de sua boca, querendo provar *tudo agora*. Senti sua falta nas profundezas da minha alma, mas meu corpo também sentia. Urgentemente.

Subi um lance de escadas rangentes, uma chave na porta e tudo que eu sabia era Charlotte. Sua pele, seu cabelo, seu corpo pressionado contra mim, o cheiro dela... tudo isso, era *meu*.

Suas mãos em volta do meu pescoço me puxaram para baixo para beijá-la, e no segundo em que as nossas bocas se encontraram, literalmente tropecei na luxúria e no desejo que me invadiram. Eu gemi e beijei Charlotte com tanta força que temi tê-la cortado com os dentes, mas ela era tão impiedosa. Senti o desejo nela antes mesmo que suas mãos abrissem meu cinto.

— Espere, espere. — eu respirei. — Quando lhe contar onde estive, o que fiz, você pode não gostar. — disse, deixando escapar as palavras entre beijos. Meu Deus, ela cheirava tão bem, tinha um



gosto tão bom. — Você pode ficar com raiva. Você pode me odiar.

— Você matou alguém? — ela perguntou, empurrando o meu paletó dos meus ombros.

— Não. — eu respirei e a beijei novamente, gemendo porque, Jesus, suas mãos pareciam estar em toda parte.

Ela tirou meu colete; botões abriram e caíram no chão. — Você me traiu?

Ela estava sendo divertida, mas o simples pensamento disso me deu um soco no estômago como um punho. — Porra, não.

— Então eu vou me arriscar.

Ela me puxou para perto novamente, e eu podia senti-la sorrir nos meus lábios antes de nos beijarmos novamente, arrebatando a boca um do outro.

— Você quer ir devagar? — perguntei. Meus pensamentos estavam desmoronando sob o ataque de seu toque, mas eu tinha que ter certeza de que isso era bom e bom para ela. — Charlotte... eu amo você. Eu te amo, mas quero você. Com força. Diga-me que está tudo bem.

— Quero você também. *Precisava* de você... tanto. — ela respirou. — Está bem. Está tudo bem. — ela parou bruscamente com um pequeno gemido. — Mas ah... Deus, não temos nada...

— Bolso esquerdo do paletó. — eu disse.

— Você está brincando. — ela riu, sem fôlego, *aliviada*.

— O que posso dizer? Eu sou um maldito escoteiro³⁷.

Ela me deixou para tirar um preservativo do meu paletó e, em seguida, retomamos exatamente

³⁷ *Eu sou um maldito escoteiro: é uma forma de dizer que ele é prevenido.*



onde havíamos parado - uma enxurrada de beijos e toques doloridos contra a parede daquele pequeno hotel.

Cristo, eu ainda não conseguia acreditar que isso era real. Depois de tanto tempo, não apenas separados, mas sofrendo por falta dela. Ela se esforçou para encontrar minha boca com a dela para que ela pudesse me beijar do jeito que apenas Charlotte poderia. Eu senti sua respiração quente primeiro, tão doce, e então sua boca aberta tocou a minha, sua língua movendo e depois recuando. Agarrei os seus quadris e aproximando-a de mim, esticando a mão para mais, mas ela se afastou, fora de alcance, e então senti seus dentes morderem meu lábio inferior. Ela chupou, passou a ponta da língua ao longo dela e depois soltou.

Esse beijo. Eu perdi minha cabeça com esse beijo.

Eu queria arrancar o vestido dela, mas ela não tinha mais nada para vestir. Coloquei-a sobre os quadris e passei um braço em volta da cintura. Ela estava usando uma calcinha fio dental; Eu podia sentir a pele nua debaixo da minha mão e gemi. Eu senti o pouco do tecido delicado em seu quadril e o rasguei.

— *Sim.* — Charlotte respirou contra o meu pescoço, desenrolando a camisinha. — Por favor, Noah...

Levantei suas pernas e ela as envolveu em volta dos meus quadris. — Com força, baby.

Suas pernas apertaram, me agarrando, segurando-se e me puxando para ela. Suas unhas cravaram na minha pele na parte de trás do meu pescoço. Sua boca estava tão quente, macia e molhada quanto o seu corpo enquanto eu deslizava dentro dela.

Minha garota. Meu amor. Minha Charlotte.

Nós movemos um contra o outro para que eu pensasse que o pequeno hotel antigo poderia cair ao nosso redor, mas ainda mais que o êxtase da



luxúria, o amor que eu tinha por ela me estimulou. Isso me levou profundamente dentro dela, para fazê-la minha - não como uma possessão, mas como uma conclusão de mim.

Minha vida. Ela é minha vida.

— Noah. — ela respirou, depois gritou, agarrando-se a mim como se nunca tivesse me deixado ir.

Nunca deixe. Nunca me deixe ir...

Pensamentos dispersos, deixando nada além de sensação. No meu mundo sombrio, havia suavidade, calor, gritos e suspiros quebrados, e sua pele, mãos, boca e o doce aperto de seu corpo, e o prazer e o amor que nos uniam, tudo isso chegando e depois fundindo em algo suave e profundo.

Nós saciamos aquela primeira fome violenta de estarmos juntos novamente, e eu abaixei seus pés no chão. Nossos toques mordazes se tornaram doces e longos beijos; um abrandamento da paixão em algo longo, lento e desatento. Eu a beijei tão minuciosamente e com ternura que eu esqueci de respirar. Eu tinha minha Charlotte de volta e, naquele momento, não precisava de mais nada no mundo. Nem uma coisa maldita.

Minha mão procurou sua bochecha e afastou as mechas perdidas de seus cabelos que haviam se soltado por causa de algum penteado. Eu me senti decepcionado agora, com a aspereza do que havíamos feito. Tirei a camisinha, eu fechei minhas calças e abaixei o vestido dela. Ela merecia ser amada lentamente, mas eu a senti sorrir contra a minha mão.

— Você foi... inacreditável esta noite. — eu sussurrei e sorri.

— No concerto, quero dizer. Surpreendente.



— Não acredito que você ouviu. Não acredito que você está aqui. — disse Charlotte. Suas mãos deslizaram no meu peito e para os botões da minha camisa, desabotoando-os um por um. Ela empurrou a camisa dos meus ombros e tirou a camiseta para pressionar os seios no meu peito nu. Seus lábios tocaram minha pele, sobre meu coração, em um beijo suave.

— Estou tão apaixonada por você. — ela suspirou. — E eu senti sua falta.

— Senti sua falta. Deus, como eu senti. E sinto muito. Mas eu tive que...

Ela me silenciou com outro beijo, com sua boca macia e molhada na minha. — Ainda não. Conte-me tudo, mas ainda não.

Minhas mãos deslizaram pelas costas dela, até o zíper do vestido entre as dobras aveludadas. Eu abaixei minha boca na pele macia de seu ombro enquanto puxava a alça para o lado. O vestido, aberto agora, caiu facilmente. Eu beijei sua boca, seu queixo e me inclinei para beijar seu pescoço enquanto minhas mãos deslizavam para cima e para baixo na pele nua de suas costas. Seu cabelo cheirava a baunilha e lilás³⁸. Sua respiração, cheirava hortelã e sua própria doçura. Suas lágrimas tinham gosto de sal, e eu as beijei, lambi-as dos meus lábios antes de beijá-la novamente. Saí de minhas calças, tirei meus sapatos e meias e a envolvi em meus braços. Ela era tão leve; Eu a levantei do chão para que ela fosse mais alta que eu, com seus antebraços apoiando em meus ombros e seus dedos passando pelos meus cabelos.

— Eu gosto daqui de cima. — ela sussurrou. — Vista deslumbrante.

— Cama?

— Três passos para trás.

³⁸ *Lilás: além de uma cor, também é o nome de uma flor.*



Minhas pernas encontraram a colcha, e eu me virei e gentilmente a deitei. Nós nos beijamos e nos tocamos sem palavras por um longo tempo e isso me assustou o quanto isso significava para mim. Quanto eu a amava. Mas eu fui triunfante. Eu matei os dragões que estavam entre nós, e agora estava livre para amá-la tanto, sabendo que raios me partam se eu a machucasse novamente.

— Encontrou o que procurava? – ela murmurou.

— Sim, baby. Eu encontrei.

Ela conteve o choro e eu a abracei, eu me envolvi ao seu redor e ela ao meu. Seus seios pressionaram contra o meu peito e com nossas pernas entrelaçadas. Outro preservativo foi adquirido, e depois nos juntamos em um movimento fácil. Eu enterrei o meu rosto em seu pescoço quando a sensação dela me envolvendo me fez estremecer.

— Como isso pode ser tão bom? – eu respirei, com meu rosto perdido na cortina de seda de seus cabelos.

— Ah, Noah. – disse Charlotte, com a boca na cavidade da minha garganta. — Meu Noah...

Sim. Eu era dela e de mais ninguém, até o dia em que morresse. E com essa certeza veio a maior paz que eu já conheci.





Intervalo

Na manhã seguinte, eu acordei com Charlotte acariciando o meu pescoço e colocando beijinhos suaves no meu queixo. Ela parecia tão quente e macia, e muito, muito nua.

— Por favor, me diga que não estou sonhando. – eu murmurei.

— Eu sei o que você quer dizer. – Charlotte se aconchegou mais perto. — Sinto que estou sendo recompensada por algo, mas não sei o que poderia ter feito para merecer essa felicidade.

— Você está feliz, baby? De verdade?

— Mais do que eu pensaria ser possível.

— Você esperou por mim. – eu disse, com minhas mãos vagando sobre seus ombros, seu pescoço e seus excelentes seios; olhando para ela da única maneira que pude.

— Claro que eu esperei por você. Achou que eu não esperaria?

— Esta viagem não foi a coisa mais fácil do mundo. – eu disse suavemente. — Eu tive muito com que me preocupar.

Ela se moveu e pude senti-la me observando. — Aconteceu alguma coisa com você, Noah? Conte-me. Ontem à noite você disse que foi difícil, mas isso não parece suficiente.



— Não, mas é o suficiente por enquanto. Agora, eu só quero estar com você, Charlotte. Eu vou lhe contar um dia, mas não hoje. OK?

Senti sua relutância, mas ela assentiu e me beijou, e o beijo começou a se tornar mais quando uma batida bateu na porta. Estávamos muito juntos para que um de nós quisesse se mover, e com certeza não queria deixá-la ir. Mas a batida veio novamente, acompanhada por uma voz.

— Zimmerservice? Serviço de quarto?

— Você pediu? – Charlotte perguntou.

Encolhi os ombros. — Não fui eu.

Ela saiu dos meus braços e do calor da cama.

— Nossa aventura amorosa não me deixou com nada para vestir. – disse ela. — Estou pegando emprestado a sua camisa, se você não se importa.

Ela estava brincando de novo, mas eu não conseguia dizer nada espirituoso. Eu a imaginei vestindo apenas minha camisa e nada por baixo, e respirei fundo. Mais do que isso, sua presença ainda era extraordinária para mim depois do que pareciam eras de solidão.

Ouvi a porta se abrir e um funcionário do hotel entrou com um carrinho - pude ouvir o rangido suave de suas rodas. Uma nuvem de cheiros deliciosos pairou com ela.

— Nós não pedimos isso. – dizia Charlotte. — Hum, wir nicht... hum, *pedimos*... eu não sei essa palavra, die Frühstück.

— Sim, Sra. Foram os hóspedes britânicos no quarto ao lado. Há um bilhete ali. – disse o funcionário em inglês perfeito e depois saiu.



— Um bilhete... — Charlotte disse, e depois soltou uma gargalhada.
— Ah meu Deus, ouça isso. — ela caiu ao meu lado na cama. — “*A julgar pelos sons de ontem a noite, vocês provavelmente poderiam querer repor as forças. Aproveitem! Seus vizinhos cansados - mas divertidos - ao lado. PS, hoje à noite, talvez um filme e um abraço?*”

Eu caí nos travesseiros, rindo muito e alto com naturalidade, até meus lados doerem.

— Não é engraçado! — Charlotte murmurou, tentando ficar séria e falhando miseravelmente. — Ah meu Deus, estou com vergonha!

— Você deveria estar. — eu disse. — É tudo culpa sua; você é tão barulhenta.

Ela me deu um tapa no braço com o bilhete. — Isso é tudo culpa *sua*, eu ser barulhenta!

Agarrei-a e a joguei rindo, na cama ao meu lado, e cobri seu corpo com o meu.

— Espero que nossos vizinhos britânicos saiam para um passeio matinal agora. — disse Charlotte com um suspiro enquanto dava beijos em seu pescoço.

— Espero que não. — eu mordi a pele macia sob sua orelha.

— Não? — ela respirou, arqueando em meu toque.

Eu sorri. — Almoço grátis.



Algum tempo depois, naquela manhã, finalmente vestimos nossas roupas e Charlotte telefonou para Sabina Gessler, diretora da Vienna Touring Orchestra.

— Não preciso voltar até mais tarde esta noite. — disse-me Charlotte. — Quero que você venha comigo e conheça todos antes do show. Sabina e Herr Steckler e - ah! Annalie! Minha melhor amiga aqui. Ela é adorável. Eu disse a ela tudo sobre você. Exceto que você é cego. Engraçado, isso nunca me ocorreu. Só não penso em você dessa maneira.

— Nem eu. — eu disse. — Não mais.

Charlotte ofegou. — Sério? Ah, Noah... — eu ouvi a cama fazer barulho quando ela ficou de pé e passou os braços em volta do meu pescoço. Eu respirei o perfume de sua pele. — Essa é a melhor coisa que eu já ouvi.

Deus, essa mulher. Eu pressionei um beijo entre seus seios, sobre seu coração. Esse som, o coração dela acelerando sob o meu toque... era a melhor coisa que eu já ouvi.

— Temos um problema. — disse Charlotte, deslizando os braços em volta da minha cintura. — São nove horas da manhã e estou usando um vestido de veludo preto. As imagens da Caminhada da Vergonha³⁹ que eu tenho aqui são bem épicas.

— Ei, eu estou no mesmo barco. Quantos botões você arrancou do meu colete?

— Talvez um ou dois.

³⁹ *Caminhada da Vergonha: essa expressão, normalmente é usada quando alguém sai escondida da casa de alguém que conheceu na noite anterior depois de fazer sexo com ela.*



Levantei uma sobrancelha em sua direção geral.

— Ou todos eles. — ela riu. — Então, o que fazemos?

— Vamos voltar para o meu hotel... — eu inclinei minha cabeça. — A menos que este seja o meu hotel. Este é o meu hotel? Onde estamos?

Charlotte riu de novo, com um som alto, e segurou a minha bochecha. — Ah, Noah. Você parece tão... feliz. Mas cansado. Você parece cansado, querido.

Segurei a mão dela. — Estou bem, baby. Sério. Nunca me senti melhor, agora que estou com você.

— Você promete que vai me contar o que aconteceu? Quero dizer, tudo isso. Toda a sua viagem?

Eu beijei suas mãos. — Eu prometo. Agora, preciso de um banho. Ou, mais especificamente, preciso levá-la ao banho. No meu quarto de hotel.

— Você é insaciável. — ela riu. — Isso não resolve minha situação atual de roupas. Você rasgou minha calcinha, senhor.

— Em minha defesa, um fio dental não é realmente uma calcinha. É mais um dispositivo de tortura para enlouquecer os homens. E funcionou.

— Eu amei como funcionou. — ela sussurrou, com seus lábios tocando os meus.

— Você tem algo para eu vestir no seu hotel?

— Deixe isso comigo. Eu vou cuidar de você, baby.

— Mmm. — ela apoiou a cabeça no meu peito. — Eu gosto disso.





No andar de baixo, ficamos na fila de um movimentado saguão de hotel, saindo no meio da manhã em roupas formais de noite, embora, honestamente, eu não pudesse nem pensar no que alguém pensava de nós. Outra vítima da minha jornada solitária pela Europa foi a paranoia narcísica de que todo mundo estava olhando para mim e julgando ou rindo ou sentindo pena de mim. Fiquei angustiado e ausente. Charlotte ficou decepcionada, mas eu usava a evidência de nossas atividades noturnas como um distintivo de honra. Estive com minha mulher a noite toda, levando-a ao prazer de novo e de novo - em voz alta - e a *última* coisa que senti foi vergonha ou arrependimento.

Charlotte devolveu o cartão-chave e o funcionário digitou no computador por um minuto. Ouvi uma impressora suavemente.

— Aqui. – Charlotte apertou uma caneta nos meus dedos e guiou minha mão para que eu pudesse assinar o recibo do cartão de crédito no lugar certo.

É assim que assinarei nossa certidão de casamento, pensei. A mão dela sobre a minha, mostrando-me onde assinar.

O pensamento entrou pelos recessos escuros da minha mente e se iluminou como uma labareda. Isso levou meu desejo por ela a um nível estratosférico, quando eu pensei que não poderia amá-la mais.

Pegamos um táxi para o meu hotel que não era mais novo do que o que passamos a noite, mas maior e mais luxuoso. Eu ouvi a diferença entre ooh e o ahh de Charlotte.



— Você viaja com estilo. — ela riu, passando os braços em volta do meu pescoço. — O chuveiro é tão bom quanto o resto deste quarto?

Minha mão já estava no zíper do vestido dela. — Vamos descobrir.



Depois de um intervalo sob água quente com sabonete, e depois eu de joelhos diante dela, em uma busca pessoal para ver o quanto alto eu podia fazer os ecos de Charlotte, finalmente emergimos da nuvem de vapor. Vesti jeans e uma camisa de mangas compridas, enquanto Charlotte se enrolava na minha cama, vestindo apenas o lençol.

— Você tem certeza que pode fazer isso? — ela perguntou. — Quero dizer, eu sei que você pode, mas...

— Eu entendi. — eu disse, colocando meus óculos de sol. — Um vestido, chegando logo.

— *E roupas íntimas, não se esqueça.*

— Claro, claro. — eu disse, e me virei para pegar o meu bastão branco.

— Você não precisa me perguntar meu tamanho? — ela perguntou timidamente.

Eu bufei. — Como se eu não conhecesse todas as suas dimensões.

— Droga, mas você é sexy.

— Fique aqui. — eu disse a ela, carregando minha bolsa de carteiro. — Quero imaginar você como você está: nua e esperando por mim.



— Um homem das cavernas. — ela brincou, mas quando fui dar um beijo de despedida, ela passou a língua pelo contorno dos meus lábios antes de enfiar a língua. — Volte depressa. — ela respirou.

Como se eu precisasse do incentivo.



O porteiro me deu o endereço de uma boutique a uma curta distância do hotel. Falei no celular, coloquei um fone de ouvido e segui as instruções. O sol estava lá fora, mas uma brisa fresca aliviou a tensão. Encontrei a boutique facilmente: as lojas de roupas femininas têm um perfume distinto e essa loja cheirava caro.

Eu sorri. *Ótimo.*

— Kann ich Dir helfen⁴⁰? — disse uma vendedora. — Ou... americano? Posso ajudar?

— Sim, obrigado. — eu disse. — Você vende vestidos de mulher?

Fiquei espantado com o quanto fácil era perguntar, e o único embaraço era como tudo poderia ter sido muito mais fácil se eu tivesse me soltado antes. Mas acho que aprendemos coisas - coisas que alteram a vida - em nosso próprio tempo, através de nossas próprias experiências e nada mais. A reabilitação me *disse* que eu poderia fazer isso. A Europa provou isso para mim.

A vendedora me levou a vários vestidos e descreveu sua forma e cor, todas com uma cortesia simples e profissional.



⁴⁰ *Kann ich Dir helfen?: significa "Eu posso te ajudar?" em alemão.*

Parecia sedoso e elegante; o tecido escorregou por meus dedos como manteiga derretida.

— E este? Quero que seja bonito para ela, mas não muito chique.

— Este é perfeito, então, para um passeio por Salzburgo ou um bom jantar, talvez. — disse a mulher.

— Sim ambos. Exatamente.

— Um padrão floral de bom gosto em violeta pálido e amarelo, até o tornozelo.

— Eu vou levar.

— Mas... devo lhe dizer o preço, senhor?

Eu sorri e encolhi os ombros. — Se você precisar.



Voltei para o quarto de hotel e sorri como um louco quando Charlotte suspirou pelo vestido.

— É lindo. — ela sussurrou. — Ah, Noah, mas é demais! Tanta seda... — Uma pausa. — Espere. Onde está a calcinha?

Levantei minhas mãos, como o garoto propaganda de inocência e virtude. — Eu olhei por todo lado, mas não vi nenhuma.

Ela começou a rir. — Você. É. Terrível.

Passei um braço em volta da cintura dela e a puxei para perto. — Você não tem nada por baixo



desse vestido, mas ninguém vai saber, além de mim.

— Maldito seja, Noah Lake. — disse Charlotte, me puxando para a cama. — Nós *nunca* vamos sair deste quarto de hotel.



Mas nós saímos. Eventualmente. Pedimos serviço de quarto, e comemos, conversamos e rimos, e nos beijamos até o beijo levar a outras atividades, e uma *segunda* rodada no chuveiro.

Por fim, mantivemos nossas mãos por tempo suficiente para vestir algumas roupas. Eu usava meu jeans e uma camisa de botão preto. Charlotte vestiu seu vestido novo e eu deslizei minhas mãos sobre seus contornos para ver como estava.

— Você é deslumbrante. — eu disse a ela.

— Fale por si. — ela murmurou. — Você não deve usar nenhuma cor além do preto. Nunca.

Quando finalmente saímos para a rua, eram quase quatro horas da tarde.

— Eu tenho que voltar às seis horas. — Charlotte me disse enquanto caminhávamos pelas ruas do pequeno centro de Salzburgo. — Vamos jantar, então eu a levarei para conhecer todos antes do show. Ah! Você tem um ingresso para o show de hoje à noite?

— Claro. Não perdi nenhum.

— Nem sei como você fez isso. — ela se maravilhou e pigarreou timidamente. — Mas a razão pela qual pergunto é que Sabina me disse



que o show de hoje esgotou logo de manhã. A notícia do meu solo na noite passada meio que... se espalhou.

Eu parei de andar. — Você está falando sério?

— Sim. — ela murmurou. — E um local - e muito exigente - o crítico de música esteve na plateia ontem à noite. Ele parou Sabina na noite passada para dizer a ela que... ele escreveria uma resenha para o jornal de hoje e que ele gostava de mim. Bastante.

— *Gostou* de você. — eu ri, com meu coração explodindo de orgulho. — Você quer dizer que ele estava hipnotizado por você, certo? Todos nós estávamos. Toda a plateia ficou encantada. Eu senti.

Ela pressionou o rosto no meu ombro. — Bem, talvez. Mas ele provavelmente não usará sua linguagem explícita no artigo dele.

— Ele pode muito bem. — eu disse, pegando Charlotte pelos ombros. — É isso, baby. Sua carreira vai disparar após esta turnê.

— Vamos ver. — disse ela, mas podia ouvir a emoção queimando por trás de suas palavras. E porque não? Ela era um gênio e já era hora de o mundo saber disso.

Comemos em um pequeno bistrô onde Charlotte pediu seu prato austríaco favorito para mim: um peito de frango assado com um espesso medalhão de calabresa por cima e seus molhos encharcando o frango.

— Caramba, isso é incrível. — eu disse.

— Incrível é ver você comer e beber, comprar roupas e caminhar por uma cidade lotada com tanta facilidade. — Lágrimas sufocaram as palavras de Charlotte. — Estou tão orgulhosa de você, Noah. E tão feliz em vê-lo assim... você não tem ideia.



Estendi a mão sobre a nossa pequena mesa e ela colocou a mão na minha. Eu não sabia o que dizer, exceto *eu te amo*, e essas palavras começaram rapidamente a parecer insuficientes. *Casar com você. Eu vou casar com você, baby...*

Na rua, passeamos sem pressa em direção ao hotel da Vienna Touring Orchestra, onde Charlotte estava hospedada.

— Toda loja tem Mozartkugeln. – Charlotte me disse, descrevendo a pequena cidade enquanto caminhávamos. — E logo à frente está a Geburtshaus. Foi lá que ele nasceu.

— E outra loja de roupas? Você tem algo para vestir hoje à noite?

— Tenho no meu quarto de hotel. – disse ela, e apertou meu braço. — E *calcinha*. É bom e sexy andar ao redor *ao natural* para você agora, mas não vou comandar a apresentação desta noite. Uh, uh, de jeito nenhum.

— Você está nervosa? – perguntei, porque eu tinha certeza. Um zumbido agradável no meu peito dizia que ela teria a casa lotada esperando por *ela*.

— Na verdade não. – disse ela. — Só que agora eu sei que você estará lá. Mas isso torna melhor, não pior. E você sempre esteve lá, não estava?

— Sim, baby. Sempre.

Paramos e me inclinei para beijá-la. O vento trouxe uma promessa de inverno naquela noite e eu esqueci de colocar meus óculos de sol depois do jantar. Senti uma rajada de vento frio arder nos meus olhos. Meus olhos *abertos*. Eu me afastei.

— Charlotte, eu estou te beijando de olhos abertos?



Ela fez um som perplexo. — Uhum, eu acho.

— Faço muito isso? Te beijar com meus olhos abertos? Ou quando nós... quando estamos na cama juntos? E quando estamos fazendo amor? Quando eu me perco... estou apenas olhando para você? Ou...?

— Às vezes. Não é grande coisa.

— Ah, Cristo, por que você não me contou? Por que você *não* me conta?

— Estou com os *meus* olhos fechados. Nem sempre percebo, você sabe.

— Bem, olhe, sim? Deus, isso não é assustador? Eu não sei dizer se meus olhos estão abertos ou fechados, porra.

— E daí? Você é quem você é. Eu nunca diria algo assim. Nunca.

— Vou começar a usar meus óculos de sol, vinte e quatro por dia. — eu tirei-os do bolso do paletó e comecei a colocá-los.

Charlotte me parou. — Você não vai. Eu amo seus olhos. Adoro olhar para eles, admirá-los. Conto as pequenas manchas douradas neles. Oito no seu olho esquerdo. Seis o seu direito.

— Muito matemático. — eu disse, com minha ira desaparecendo sob seu toque e suas palavras.

— Estou apaixonada por seus olhos. Estou apaixonada por todo você, incluindo sua cegueira, então não me importo se você me beijar com os olhos abertos ou fechados, desde que me beije.

Ah porra, essa mulher. Eu a beijei e esqueci de me preocupar com o que meus malditos olhos estavam fazendo.

Charlotte se afastou com uma risadinha. — Deus, Noah. Eu te amo. Apenas... todo você. Amo que você ainda esteja de mau humor e



xingue como um marinheiro... eu amo tudo sobre você. E não é como qualquer coisa que eu já senti. Mas isso não me assusta. Eu me sinto tão segura.

— Você está segura, baby. — eu disse, pressionando um beijo em seus cabelos. — O que sinto por você... não vai desaparecer. Nunca. Isso está nos meus ossos. Está nas minhas malditas *moléculas*.

Ela se aconchegou mais perto. — Senti tanta falta de você algumas noites que mal conseguia comer ou dormir. Meu coração doía. Mas eu entendo agora, Noah. Eu realmente entendo. E estou tão feliz por você. E por mim e por nós.

Certeza e paz. Ela sentiu isso agora e eu sorri.

— Eu também, baby. — murmurei contra o seus cabelos macios como a seda. — Eu também.





Paris

A carreira de Charlotte decolou depois de Salzburgo. O crítico de música que a ouviu naquela primeira noite não era apenas o colunista de uma cidade pequena que ela imaginara ser. Ele era Viktor Peltzer, um renomado ex-maestro, violinista, historiador de Mozart e excêntrico notoriamente impossível. Sua resenha do Concerto nº 5 de Charlotte não foi menos que um milagre, de acordo com Sabina Gessler, que leu para mim na primeira noite em que a conheci.

O vibrato⁴¹ de Conroy é ressonante. Sua musicalidade é vital e agressiva. Cada nota e nuance cai com tremendo impacto. Seu sotaque, reverência, balbuciar e ondulações são altamente individualizados; como se estivesse tocando essas notas de duzentos anos, muitas vezes. O próprio Mozart provavelmente nunca esperou que um solista de violino tocasse como a Conroy, mas acredito que ele ficaria tão encantado com ela quanto eu. Dá-me um grande prazer e - se me permite - não uma pequena quantidade de orgulho, ser o primeiro a experimentar esta solista e recomenda-lá, pois tenho certeza de que haverá um coro muito alto e muito vociferante em um futuro próximo.

⁴¹ A técnica denominada vibrato (expressão de origem italiana, literalmente traduzida como vibrado) consiste na oscilação de uma corda de um instrumento musical, utilizando-se um dedo, produzindo assim um som diferenciado, "vibrante", como sugere o nome. Esta técnica é também utilizada com a família do violino



E houve. Um coro, não apenas de críticos em êxtase, mas um excesso de convites. As maiores e mais prestigiadas orquestras do mundo pediram que ela se apresentasse sozinha, e a Sony Music queria gravá-la o mais rápido possível. Ela era imediatamente grande demais para a Vienna Touring Orchestra, e Sabina Gessler, sendo a profissional que era, deixou Charlotte ir para a turma e deu uma recomendação para um agente respeitável que Charlotte de repente precisava desesperadamente. Ela deixaria o VTO após uma apresentação final e triunfante em Viena, com lágrimas de alegria e aplausos de pé, que eu sei que soaram mais alto para mim do que para ela. Seu foco era ser tão fiel à música quanto seu coração e alma permitiriam. A minha foi a pura alegria que veio ao saber que seu talento não estava mais preso pela dor, mas tocando para o mundo inteiro ouvir.

— A Filarmônica de Paris tem uma vaga na temporada na próxima semana e eles me convidaram para o solo. — Charlotte me disse em nosso quarto de hotel em Viena no último dia. — Você está pronto para outra viagem? Ou talvez você queira voltar para Nova York...?

Paris mal havia se registrado em minha própria jornada solo. A cidade deveria ter sido mais fácil para mim, já que eu falava a língua, mas a perdi no atoleiro de apatia e depressão. E Charlotte estava animada com Paris. Ela se apaixonou pela cidade em sua turnê e, começando a próxima fase de sua carreira, parecia ser um acaso.

— Claro que estou pronto para isso. Vamos para Paris.

— Você tem certeza? — eu podia senti-la me observar. — Você ainda parece tão cansado, Noah. Se precisar de uma pausa, devemos fazer uma.

— Não preciso de um descanso. — assegurei a ela. — *Eu preciso que você seja feliz.*



E com certeza não passei pelo inferno das últimas seis semanas aprendendo a funcionar às cegas só para que eu pudesse me virar e pisar em sua carreira. Foda-se isso. *Durma quando estiver morto*, como dizia o ditado. Teria muito tempo para descansar depois de Paris.

Seu beijo foi doce e eletrizante; cheio de otimismo, e não me arrependo. Mas naquela noite, depois de fazer amor com ela e adormecer calmamente, tive outra enxaqueca - minha quinta em duas semanas, a julgar pelo número de comprimidos que me restavam no frasco. Isso me acordou com um sobressalto, brilhando na parte de trás do meu crânio. Sentei-me no banheiro, segurando minha cabeça, esperando o Azapram funcionar enquanto Charlotte dormia, inconsciente.

O medo - como um parasita escavador - roeu meu interior. Isso não era normal. Tive que enfrentar esse fato. Mas na manhã seguinte, recebi um telefonema de Yuri Koslov. Eu estava enviando para o meu antigo editor da PX pedaços das minhas memórias enquanto viajava, e ele assumiu o papel de meu agente literário com gosto.

— Noah, bratishka⁴². Eu tenho notícias. Enviei suas páginas para um amigo editor que conheço na cidade de Nova York. Len Gordon, da *Underhill Press*. Já ouviu?

— Não me soa familiar.

— Ele dirige uma agência pequena. Muito *ooh la la*, se entende o que quero dizer. Ele tem grandes nomes E ele gostou do seu trabalho.

— Sério? – eu deixei essa informação tomar conta de mim, sem saber o que fazer com ela.

— Ja⁴³, sério, Sr. Cool. – Yuri riu. — Mas você precisa terminar. Você terminou?

⁴² *Bratishka*: significa “maninho” em russo.

⁴³ *Ja*: significa “Eu sou.” em russo.



— Ainda não. Eu ainda preciso do final.

— Tic-tac, bratishka. Vou lhe dar um prazo porque Len Gordon não quer esperar. Ele é um amigo para mim, sim, mas também é conhecido. Excelente e importante! Então não estrague tudo.

Contei a Charlotte sobre o interesse de Len no meu livro e ela pegou meu laptop. — Ele é grande, não é? — ela disse, digitando. — Vamos ver se Yuri está exagerando ou... Ah. Meu. Deus.

— O que?

— *Underhill Press?* — A mão de Charlotte apertou meu braço. — Esse é o editor de Rafael Mendón.

Eu me sentei na cama. — Ah. Tão importante?

— Importante! — Charlotte jogou os braços em volta do meu pescoço. — Noah! Len Gordon leu o seu trabalho e quer se encontrar com você! — ela pulou na cama. Eu ri e me senti tocado pelo entusiasmo dela, mas não consegui demonstrar muita coisa.

— Não está pronto. — eu disse. — Ele está vago. Eu ainda estou escrevendo todas as noites agora. Ele nem sequer tem um título.

— E não li uma palavra. — disse Charlotte secamente. — Quando eu vou ter a oportunidade?

— Eu não quero que você leia até terminar, baby.

Não quero que você se preocupe com enxaquecas, esgotamentos e tonturas...

Mas Charlotte não precisava ler meu livro. Ela me ouviu.

— Aconteceu alguma coisa com você, Noah? Enquanto acompanhava minha turnê? — Suas mãos eram macias no meu peito e sua voz suave. — Sei que não foi fácil para você. Não poderia



ter sido. Mas você pode me dizer. Aconteceu algo *ruim*?

— Tive alguns problemas em Amsterdã. – eu disse, e contei a ela sobre meus quatro novos amigos e Santa Marit que salvaram minha bunda. Eu contei a Charlotte sobre Amsterdã para não precisar contar mais nada a ela. Ela suspirou quando eu terminei e me abraçou.

— Eu pensei que poderia ser algo assim. Você está bem? Quer conversar com alguém sobre isso?

— Não, querida, eu estou bem. Eu só não queria te preocupar... ou incomodá-la com a coisa toda. Foi estúpido da minha parte ser tão descuidado.

— Você não pode se culpar quando um bando de criminosos se comporta como um bando de criminosos. – ela me beijou forte. — Estou muito agradecida pela Marit. E que você está comigo agora e em segurança. — Naquela noite, voamos para Paris e estávamos ocupados explorando a cidade, nos reunindo com o diretor da Philharmonie de Paris e organizando os detalhes da apresentação de Charlotte. Foi fácil para eu desviá-la da leitura das minhas memórias. E eu ainda estava escrevendo.

Toda noite. Sentei-me à mesa do nosso quarto de hotel e falei, cada palavra me levando ao final do livro. Pedir para Charlotte se casar comigo seria o final. Eu pude sentir isso. Um ponto culminante de tudo o que passamos e o final exato das memórias. O único final que pude ver.

Paris era a cidade mais romântica do mundo. Eu faria aqui; Apenas tinha que apresentar um pedido digno para Charlotte.

Algo para fazê-la desmaiar e se derreter; para fazê-la sentir-se querida e adorada. Algo grande, elegante e especial. Um grande gesto. Mas o meu



cérebro cansado não conseguiu inventar nada remotamente próximo disso. Eu nem tinha anel.

Eu precisava de ajuda nessa. Reforços. E eu sabia exatamente para quem ligar.



A performance da Charlotte na Philharmonie foi espetacular em todos os sentidos, tanto que pediram um bis dois dias depois. O mundo musical de Paris lançou uma conexão sobre ela, e nos encontramos envolvidos em um turbilhão de entrevistas e reuniões que a teriam dominado se Oliver Sanner - o agente que Sabina recomendou - não aparecesse para salvar o dia. Ele organizou a agenda de Charlotte e organizou uma turnê por dez cidades em lugares longínquos, de Cingapura a São Paulo até o final de Outubro, e uma sessão de gravação com a Sony em Los Angeles após as férias.

— Isso parece muito. — disse Charlotte enquanto almoçávamos em um café na Left Bank. — Dez cidades?

Oliver - que parecia loiro, elegante e magro para mim, como um lápis n ° 2 - riu suavemente.

— Esta é a temporada, Charlotte. — disse ele com um sotaque americano. — Você sabe disso. Devemos atacar enquanto o ferro está quente, como vocês americanos dizem. Você será bem famosa quando terminar, disso eu tenho certeza.



A mão de Charlotte segurando a minha apertou. — É que estivemos em turnê o verão inteiro. Noah especialmente...

— Não, não. — eu disse. — Ele tem razão. Você tem que fazer isso, Charlotte. Além disso, ouvi na voz dela que ela *queria* fazer isso. Ela era uma bola de fogo de energia e esse tipo de viagem era um sonho dela desde que ela era criança.

— Dê-nos um segundo, Oliver. — Charlotte esperou até o agente sair para fazer algumas ligações e se virou para mim. — Quero estar com você mais do que ser *famosa*. — disse ela, como se a palavra tivesse um gosto ruim.

— Eu não me importo se isso quebrar todo tipo de regra feminista do livro, não vou me separar de você agora. Acabamos de voltar. Chame-me de egoísta ou louca, mas se você quiser voltar para os Estados Unidos, eu vou com você.

— Charlotte, eu não quero voltar para os Estados Unidos. Eu quero estar lá quando você dar volta ao mundo com seu talento. Eu não perderia.

Eu praticamente podia ouvi-la mordendo o lábio. — E o seu livro? Você não precisa ter a chance de realmente sentar e terminar?

— Tenho escrito o que faço. — eu disse. — É assim que é, e é assim que vai ser até o fim.

Eu beijei sua preocupação, e ela disse a Oliver Sanner muito feliz que a turnê foi aprovada.

Depois do almoço, enquanto passávamos pelo Sena sob as sombras de Notre Dame, Charlotte apertou minha mão no braço dela. — Estou tão feliz por você, Noah. E por mim. Meus sonhos estão se tornando realidade mais rápido do que jamais pensei ser possível. Só que é um milhão de vezes melhor



do que jamais imaginei, porque tenho que compartilhar com você.

— Obrigado, baby. — eu disse. — Estou feliz por você também. Estou feliz que o mundo vai ouvir você. Você merece ser ouvida.

— Você também, Noah. — ela disse seriamente. — Eu sei que Len Gordon vai assinar com você e, mesmo que não, você encontrou outra vida depois da revista. Isso é incrível para mim. — ela riu e me cutucou com o cotovelo. — Agora, se eu pudesse ler seu livro...

Meu livro. Ainda parecia estranho a rapidez com que cheguei a isso. Lembrei-me do piquenique que Charlotte me levou, onde lemos o último lançamento de Rafael Mendón e Charlotte me disse que eu deveria escrever o meu. E como parecia impossível. Sua crença em mim, mesmo então, tinha sido tão sólida e inabalável. Até o próprio piquenique só aconteceu porque ela insistiu em me tirar da casa...

E assim, eu soube como pediria para Charlotte se casar comigo.

Um piquenique. Em Paris. Sob a Torre Eiffel. Clichê? Talvez. Mas o piquenique é o que eu pensei que o tornaria especial. Uma atenção ao esforço de Charlotte para me tirar da escuridão sufocante e entrar no mundo iluminado. Para mostrar a ela quanto longe chegamos e quanto importante ela era para mim. Que eu morava fora das quatro paredes daquela casa por causa dela.

Estava perdido no sonho quando senti a mão quente de Charlotte na minha bochecha.

— Meu deus, Noah, esse sorriso. Em que diabos está pensando que poderia fazer você parecer tão bonito?

Você, baby. Quem mais, além de você?





Um anel

Meus reforços chegaram no dia seguinte. Fui ao aeroporto para encontrar o avião de Ava, sozinho.

— O que...? Onde está... Como você está aqui? — Minha irmã gêmea perguntou por cima da multidão barulhenta. — Onde está Charlotte?

— Ensaio. — eu disse. — Como foi seu voo?

— Como foi meu...? Como você fez isso?

Eu ri. — Passei o verão inteiro *fazendo* isso, lembra? Agora eu recebo um abraço, ou não? — ela se moveu para meus braços, e eu a segurei firme. — Senti sua falta, Ava.

Ela saiu do meu abraço para segurar meu braço. — Sentia a sua também, Noah. Acho que seu plano maluco funcionou, afinal. Eu sabia que voce poderia fazer isso.

— Sim, você sabia. E isso significou muito para mim.

— Sim, sim, então vamos sair dessa bagunça. Temos muito o que conversar. Primeiro como vai você? Você parece exausto. Como está a enxaqueca?

— As enxaquecas estão ótimas. Melhores, na verdade.



Ela bateu no meu braço. — Estou falando sério.

— Elas estão bem. Sobcontrole.

E também muito frequente. Tive uma na noite anterior. O Azapram funcionou antes que ficasse muito ruim, mas o fato de outra ter surgido estava começando a me assustar. Fiquei agradecido por meus óculos escuros esconderem meus olhos. Não sei mais o quanto ou se pensei em alguma coisa, mas não queria me arriscar. Ava saberia que eu estava mentindo, mas eu não estava prestes a assustá-la.

Começamos a andar, eu segurando o braço da Ava, para fora do aeroporto, e soltei um suspiro que ela estava me levando. Sim, cheguei ao aeroporto e a encontrei no desembarque, mas não era exatamente uma caminhada no parque. Seria sempre difícil. O fato de não me irritar nem me deixar entrar em pânico foi a vitória. — Ok, então conte-me sobre as coisas divertidas. Você realmente vai fazer o pedido para Charlotte?

— Sim. — eu disse, sorrindo como um idiota. — Tenho certeza que sim.

Pegamos um táxi para o hotel e, no caminho, contei a Ava sobre minha proposta de piquenique e o que isso significava, dada a nossa história. A ponta do cinismo que tingiu todas as palavras de Ava suavizou-se.

— Isso parece ótimo, Noah. Realmente. Então, qual é o meu trabalho? Compras de supermercado? Por favor, diga-me que não voei todo o caminho de Londres...

— *Todo* o caminho? É quase um voo de uma hora...

— ...para que eu pudesse fazer suas compras.



— Você pode comprar sim, mas não a comida. Amanhã, preciso que saia com Charlotte de manhã - faça compras ou brunch ou o que for - enquanto eu pego as coisas do piquenique. Quando ela estiver no ensaio da tarde, me ajude a escolher o anel.

Eu ouvi a respiração de Ava prender e depois ela pigarreou. — Sim, isso... eu posso fazer isso.

Eu sorri para ela, pois, embora não pudesse vê-la, conhecia minha irmã; Eu podia sentir o quanto emocionada ela estava, mesmo tendo dificuldade em expressar isso.

Coloquei o meu braço em volta dos ombros dela. — Você é o meu segundo par de olhos, Ava. Exceto Charlotte, ninguém me conhece melhor que você. Sei que você vai me ajudar a encontrar o anel perfeito para ela. — eu sorri. — Ou, pelo menos, me impeça de ser levado a gastar uma pequena fortuna em zircônia.

Ela riu, e a senti voltar em terra firme, com os escudos levantados. Eu esperava que um dia ela encontrasse um homem que a amasse tanto quanto eu amava Charlotte, alguém com quem ela pudesse estar e com quem pudesse ser feliz.

— Eu amo você, Ava. — eu disse. — Estou feliz por você estar aqui.

— Eu também, maninho. — disse ela, e sei que ela estava respondendo aos dois.



Charlotte ficou emocionada ao ver Ava e fiquei emocionado por elas parecerem tão próximas. Ava contou uma mentira branca suave sobre voar para nos surpreender antes de deixarmos Paris. Jantamos fora e, na manhã seguinte, ela e Charlotte saíram para fazer “coisas de meninas”, enquanto eu saía para mercados e padarias locais para mantimentos do piquenique.

A dúvida é o destruidor da alegria. Questionei meu plano enquanto fazia compras. Comprei queijo, pão, frutas, água com gás e pequenas trufas de chocolate em um mercado local, e a cesta parecia tão leve na minha mão. Este pedido não seria um grande gesto. Seria só... um piquenique.

— Me ajude, Ava. — implorei depois que Charlotte foi ao ensaio e minha irmã e eu partimos por conta própria. — Eu preciso de um anel para que minha pequena ideia de piquenique não pareça tão óbvia.

— O que? Você estava tão animado com isso ontem. O que mudou?

— Não parece suficiente. O que sinto por Charlotte... sinto que preciso de fogos de artifício ou um show de laser. E um daqueles aviões que puxam mensagens em um banner pelo céu...

Ava riu. — Ah meu Deus, você está em pânico. Relaxe. Charlotte não precisa nem quer nada disso.

— Como você sabe?

— Como é que você *não* sabe? — Ava colocou a mão sobre a minha no braço. — Charlotte está louca de amor por você. Ela não quer pompa, confie em mim.

— Ela é romântica. Quero fazer algo grande por ela. Algo que ela se lembrará para sempre. Um grande gesto...



— Noah, você atravessou a Europa cego por ela. Eu acho que isso se qualifica.

Eu fiz um som cauteloso.

— Ouça. — Ava continuou. — Charlotte é romântica, sim. Então, o que ela quer é algo *significativo*. Não grande. Ela irá amar se você apenas... contar a ela o que está queimando em seu coração por ela. Você não precisa pintar o céu.

— Eu sei. — eu disse. — Eu sei que você está certa. Mas depois de tudo o que ela fez por mim...

— E o que você fez por ela? — Ava parou de andar. — Ei. Sua ideia de piquenique é perfeita, porque é perfeita para vocês dois. Você está pedindo que ela se case com você, que passe o resto da *sua* vida com ela. Faça algo que você lembrará para sempre também.

Eu sorri. — Ava. Eu nunca imaginei que você fosse romântica.

— Eu não sou. — disse ela rindo, quando voltamos a andar. — Eu apenas gosto de dizer às pessoas o que fazer.



Ava e eu caminhamos pela *Place de Pont Neuf*, até uma joalheria que vendia peças modernas e antiguidades.

— Você tem alguma ideia do que Charlotte gostaria? — Ava perguntou enquanto examinava as joias debaixo da vitrine para mim.



— Algo pequeno. Brilhante. Leve o suficiente para não atrapalhar enquanto ela toca, mas também não uma merda qualquer.

— Não uma merda qualquer. Entendi. — Ava disse. — Antigo ou novo?

Pensei no violino Cuypers, de duzentos anos, de Charlotte, na música que ela fez com ele e em seu amor por compositores há muito tempo mortos.

— Antigo. Algo com história.

— Aí garoto.

Olhamos as vitrines - ou Ava olhou. Ela era tão fluente quanto eu em francês, e ela e uma vendedora me descreveram vários anéis. Logo ficou claro para mim como era inútil; Eu não conseguia entender os estilos dos anéis, e os que a vendedora colocou em minhas mãos pareciam errados, de alguma forma.

— Tente uma visualização mental. — disse Ava, notando a minha frustração. — Feche seus olhos.

— Isso não é necessário. — eu disse com um sorriso.

— Ha! Quase esqueci. — disse ela, e eu não acho que ela tenha percebido o enorme elogio que foi. — Visualize a mão de Charlotte, com a palma para cima. Você vê isso?

Eu assenti.

— Agora imagine que ela vira a mão e que anel existe em seu dedo?

— Redondo. Pequeno, mas brilhante. Mais de um diamante, mas não pesado ou incomodo.



Ava disse a vendedora o que eu disse e ela puxou várias opções, nenhuma delas parecendo bom para mim ou para Ava.

— Espere, Noah. — Ava disse depois que o décimo anel foi rejeitado. Ela apertou meu braço. — Esse.

— Ah, sim. Este é lindo. — disse a vendedora. — Projetado em 1909, é ouro de 14K com um conjunto de diamantes de um quarto de quilate em torno de um centro de meio quilate, como uma flor. Oito diamantes no total, bastante brilhantes.

Ela colocou o anel na minha mão e senti seus contornos e forma.

Era leve, mas parecia que eu podia sentir sua idade na minha mão. Na minha opinião, os diamantes eram explosões de estrelas contra o ouro antigo. Imaginei no dedo de Charlotte - imaginei colocá-lo no dedo dela, deslizando-o sobre sua pele macia e pedindo que ela fosse minha esposa.

— Este. — eu disse, e tive que limpar minha maldita garganta. — É esse.



Naquela noite, deitei na cama de cueca e camiseta, preparando mentalmente meu pedido. Eu tinha o anel. Apenas o fato de existir no meu universo - um passo em direção ao meu futuro com Charlotte - me deixou ridiculamente feliz.

Charlotte caminhava pelo quarto do hotel, enquanto ela esvaziava as sacolas de seu passeio de compras com Ava mais cedo naquela manhã.



— Eu amo muito sua irmã. Ela é uma das melhores pessoas de todos os tempos. — disse Charlotte. — Tão forte e elegante, mas superdoce também, logo abaixo da superfície. E estou tão feliz que você passou o dia com ela. O que você fez?

— Nada de mais. Saímos.

— Ah, é? Bem, nós fizemos coisas de meninas. O que significa principalmente fazer compras. Comprei um vestido novo para o show de amanhã à noite. Quer ver?

— Claro.

Levantei-me da cama e esperei enquanto ela o vestia, e então ela ficou diante de mim para que eu pudesse ver. Comecei a minha investigação, minhas mãos demorando mais tempo em seus seios sob a seda.

— Está vendo tudo isso? — ela riu.

— Apenas sendo completa. — eu disse com um sorriso. Minhas mãos vagavam por todo lado e então encontrei o zíper nas costas. — É legal. — eu disse, puxando para baixo. — Mas nua é melhor.

Ela riu suavemente e se afastou do meu toque. — Espere, eu tenho mais uma coisa para mostrar a você. Vá. Sente-se. Tem uma cadeira atrás de você. Vou demorar apenas um minuto.

Eu respirei fundo para esfriar meu sangue que já estava correndo, e esperei com uma paciência gigantesca que ela se trocasse para que ela pudesse me mostrar qualquer roupa bonita que ela sentisse que precisava que eu visse.

Ela saiu do banheiro. — Estou pronta.

Sua voz soou diferente; ofegante e trêmula. Eu me sentei na cadeira francesa antiga, provavelmente era mais velha que o Napoleão



Bonaparte, e ouvi quando ela se aproximou. Seu perfume veio primeiro - algo suave, como lilases sobre seu próprio perfume de baunilha. Então suas mãos estavam nos meus joelhos, deslizando para cima e para baixo nas minhas coxas.

Ela se inclinou sobre mim, tocou os lábios nos meus suavemente e depois me beijou.

— Gostaria de ver o que estou vestindo?

Eu assenti, mudo. O sangue fluiu do meu cérebro, para o sul, mesmo antes de minhas mãos encontrarem a tira rendada em torno de seus quadris, ou as ligas e meias sobre a pele macia de suas coxas. Minha respiração ficou presa quando minhas mãos subiram, encontrando a seda de suas costas nuas e depois um pouco de sutiã; seus seios estavam escapando quando ela se inclinou sobre mim.

— Cor? – eu consegui dizer.

— Rosa claro. – ela respirou, e com cuidado, gentilmente, apoiou o joelho na minha virilha dolorida e esfregou. — Você gosta disso?

— Sim. – eu sussurrei, com minhas mãos por todos os seus seios lindos.

— Você consegue ver?

Balancei a cabeça, colocando um mamilo com renda na boca e chupando.

— Ótimo. – ela conseguiu dizer, com suas palavras saindo em pequenas respirações ofegantes. — Porque quero que você me veja, vestindo isso para você, Noah. Lembre-se disso, enquanto eu estou montando você nesta cadeira. Imagine isso, quando você está gozando profundamente dentro de mim.



Caramba.

Eu fiz o meu melhor. Imaginei minha linda mulher naquela lingerie sexy enquanto ela me montava e fazia exatamente o que disse que faria, me montando com as mãos agarradas ao meu pescoço, e ela gritou por toda o quarto. Colocamos à prova o artesanato francês dos móveis do século XVIII, pois acho que nunca experimentei sexo assim na minha vida. Surpreendente. Amor e luxúria, em perfeitas partes iguais.

Mas não pude admitir para ela que não pensei duas vezes sobre o que ela usava. Isso nem sequer me ocorreu. Charlotte nunca saberia - como eu nunca conseguia explicar direito - que quando ela e eu fazemos amor, não havia mais nada no meu mundo escuro além do sentimento dela.



Quando chove...

O grande dia chegou. Ava não podia faltar muito no trabalho, então voou de volta para Londres. Ela se despediu com um abraço, um beijo e um sussurro de "boa sorte", e então estava quase na hora.

— Vou sentir falta dela. — Charlotte suspirou, quando pegamos um táxi de volta ao nosso hotel. — Então. O que deveríamos fazer? Eu tenho o dia todo antes do show.

Eu disse a ela que havia planejado um piquenique na área gramada abaixo da Torre Eiffel, e ela ficou encantada. Mas ela fez um som de lamentação quando saímos do hotel.

— Está nublado. — ela disse — Parece que irá chover.

Meu coração apertou e eu levantei a cesta pendurada no meu braço direito. — Está muito mal?

— Não está ruim. Ah, há um pouco de azul! Deveremos ficar bem.

Eu assenti. Jesus, já estive tão nervoso em toda a minha vida? Eu duvidava disso. Nem mesmo a primeira vez que pulei na base, minhas entranhas se torceram em nós. Fiquei feliz por meus óculos escuros, escondidos atrás deles, quando pegamos um táxi para a Torre Eiffel.

Lá, montamos nosso piquenique, e Charlotte me descreveu a imensa torre sobre nós, e o céu



encoberto além. Então, ela pegou minha mão nervosa e se contorcendo.

— Isso me lembra do nosso primeiro piquenique no Central Park. Você se lembra? Foi no dia seguinte à enxaqueca forte. — ela se aproximou de mim na toalha. — Você me beijou naquela noite. Nosso primeiro beijo. Foi quando eu soube que estava me apaixonando loucamente por você. Aquele beijo...

Ela tocou seus lábios nos meus, e o meu nervosismo se acalmou. Esta era Charlotte, afinal. E o amor que eu tinha por ela acalmou minha ansiedade.

— Eu também me apaixonei por você naquela noite. — disse a ela. — Você era a única coisa doce e boa no meu mundo miserável.

— E você estava trazendo minha música de volta à vida, Noah. Pouco a pouco. — ela sorriu contra os meus lábios. — Mas naquele piquenique, você me disse que não poderia me beijar novamente.

— Sim, eu tinha um hábito fabuloso de dizer exatamente o oposto do que realmente sentia.

— Ah, é? Você também queria me beijar? — Sua voz era suave e calorosa, e tão cheia de amor.

— Sim, baby. Eu queria te beijar com a luz do sol quente no meu rosto, e o ar fresco do qual eu estava encarcerado, e te beijar. E nunca parar. — eu me virei para ela, com uma mão estendendo atrás de mim até minha jaqueta, onde estava a pequena caixa de veludo. — Eu nunca quero parar de beijar você, Charlotte. Todo dia, toda hora da minha vida, quero estar com você.

As primeiras gotas de chuva começaram a cair, mas eu quase não as senti.

Ela tirou os meus óculos de sol e passou as pontas dos dedos pelas minhas bochechas. —



Beije-me agora. – ela sussurrou, e a beijei, completamente consumido por ela. Sua boca, seus lábios, o veludo de sua pequena língua...

E então um *boom* cruzou o ar tão alto que senti no meu peito. O céu se abriu e a chuva caiu em lençóis, como se uma represa tivesse estourado.

Charlotte gritou de medo, e eu não poderia culpá-la. Os raios provavelmente estavam cruzando no céu e estávamos sentados sob o maior para-raios do mundo.

Ficamos de pé e juntamos o máximo possível de nosso piquenique arruinado, e Charlotte me levou através da rua, sob o abrigo de um toldo.

— Ah meu Deus, isso me assustou muito. – Charlotte riu nervosamente. — E estamos encharcados. Eu me pergunto o quão difícil será encontrar um táxi...? – ela colocou a mão no meu braço. — Ei. Você está bem? Sinto muito, a chuva arruinou seu piquenique, querido. Mas adorei cada minuto. Mesmo que tivemos apenas alguns.

Eu assenti. Deus, ela era tão generosa. E tão cheia de amor. Talvez eu possa salvar alguma coisa. Um pedido na chuva em Paris. Mas essa chuva não era romântica. Estava gelada e fria, e Charlotte já estava tremendo.

Voltamos ao hotel e tomamos um banho quente juntos, o que acalmou minha frustração e decepção, mas não muito.

Sentei-me naquela noite para trabalhar no meu livro. Um livro que ainda não tinha um final.





Peru

A mini turnê de Charlotte nos levou para São Paulo, Brasil, e de lá, ela me levou para o Peru no meu aniversário. Lá, no Huayna Picchu, ela tocou no amanhecer, pintando-o em cores vibrantes com o seu violino, descrevendo-o com a música que vivia em sua alma.

Eu deveria ter trazido o anel. Eu deveria ter pedido a ela naquele momento, quando beijei os seus lábios e a segurei em meus braços trêmulos. Mas qualquer sofrimento e amargura que estivesse no meu coração desde o acidente desapareceu e não deixou espaço para o arrependimento.

Voltamos ao hotel em Sacred Valley e fiz amor com ela com todo o meu coração e alma guiando meus movimentos. Dei a ela tudo o que tinha e senti que ela fazia o mesmo. Cada respiração que ela exalava, cada gemido e súplica, cada toque de seus dedos sobre minha pele e minhas cicatrizes, meu nome em seus lábios... ela me deu tudo. Nós estávamos imersos um no outro. O prazer que veio no final foi apenas uma recompensa adicional.

Ela dormiu depois, como havíamos acordado cedo para estar no topo de Huayuna antes do amanhecer, e me preparei mentalmente para pedir ela em casamento quando ela acordasse. Pode não ter sido um grande gesto - mas depois do presente extraordinário que me deu naquela montanha, eu estava pronto. Eu não podia me sentir mais completo do que naquela manhã, e



Charlotte concordando em ser minha esposa me colocaria no limite.

Eu cochilei ao lado dela, com um sorriso bobo pairando no meu rosto... que logo se transformou em uma careta de dor. Fui até o banheiro, peguei um Azapram e caí contra a parede do banheiro para esperar a enxaqueca que me atingiu como um tsunami, rezando para que Charlotte não acordasse.

Mas ela acordou.

— O que está acontecendo? Noah...

— Eu estou bem. — eu disse, com a mudança na minha voz tornando a mentira óbvia. — Tive uma enxaqueca, mas está indo embora. Volte a dormir, baby. Estarei lá em breve. Isso... está quase acabando. Quase...

— Ah querido. — ela se ajoelhou ao meu lado e embalou minha cabeça em seu peito. — Está ficando melhor? Você tomou um comprimido? — ela tirou o frasco de Azapram da minha mão frouxa e seu peito sob o meu queixo moveu com um suspiro. — Noah... Este frasco teve sete comprimidos na semana passada. *Sete*. Eu sei porque fiz as malas antes de partirmos para São Paulo. Você tem apenas dois sobrando?

— Charlotte...

— Você teve *cinco* enxaquecas em uma semana? Ou talvez... Lucien me disse que essas coisas eram potentes. Você está... viciado? — ela respirou fundo. — Noah, o que está acontecendo?

Seu medo e preocupação eram terríveis de ouvir, e é exatamente por isso que tentei esconder isso dela em primeiro lugar.



— Eu não sou viciado em comprimidos. — eu disse enquanto a dor batia forte e intensa na parte de trás do meu crânio. — Ou talvez eu esteja. Talvez eles não estejam mais funcionando...

— Há quanto tempo elas estão assim? Tão frequentes? — As mãos de Charlotte protegeram meu rosto, forçando-me a olhá-la, se pudesse. — Noah, *por que você não me contou?*

— Eu não queria assustar você.

Ou eu assustei. Agora que ela sabia, o medo de que algo estivesse realmente errado comigo aumentou. Como se admitir em voz alta lhe desse poder.

— Não é nada. — eu disse, tentando levar as coisas na calma. — Estou estressado, cansado. Não vale a pena se preocupar.

Mas é claro que Charlotte não estava tendo nada disso.

— Você não faz isso, Noah. — disse ela, com sua voz trêmula, mas firme também. — *Nós* não fazemos isso. Não *poupamos* nada um do outro.

— Eu estou *bem*. — eu disse, virando minha cabeça.

— Não. — disse ela, com a voz embargada. — Você não está. E tenho estado muito ocupada viajando com minha turnê para realmente ver que você não está. Ah meu Deus, como eu não pude ver...?

Sua culpa era como um chicote, me esfolando. Outra razão pela qual eu mantive isso escondido.

— Porque não há nada para ver, Charlotte. Por favor, não se culpe. Os medicamentos não estão funcionando. Uma resistência ou algo assim. Isso é tudo.

— OK, tudo bem. — ela fungou. — Isso é tudo? Ótimo. Em seguida, vamos levá-lo para



casa e em uma médica e ela pode alterar sua prescrição. Dar-lhe um remédio melhor. Mas você não pode continuar sofrendo...

— Eu não posso voltar. — eu disse, com minha frustração com toda essa bagunça superando a dor da enxaqueca. — Eu não quebrei minha cabeça, ou quase perdi minha perna, ou me esforcei na fisioterapia... eu não andei cegamente pela Europa para poder voltar para... — eu disse as palavras, balançando a cabeça.

— Voltar para onde? — ela respirou. — Um hospital? Você acha que precisava ir lá?

— Deus, eu só estou assustando você, e é por isso que não queria dizer nada. — Levantei-me com as pernas trêmulas e passei por ela, de volta ao quarto. Peguei um travesseiro da cama para me deitar. Em vez disso, joguei de volta no chão. — Eu só... pensei que tinha acabado, só isso. Passado o medo e dor, com o cheiro da morte pairando sobre mim. Balancei a minha cabeça. — Estou bem. *Ok*. Vou ver um médico. Para obter uma receita melhor, mas não quero mais falar sobre isso. Eu só preciso dormir um pouco.

Eu me arrastei para a cama para tentar salvar algo da manhã, tentando não pensar em mais um pedido arruinado, ou em como Charlotte não era a única que estava assustada.

A enxaqueca estava recuando, mas eu podia sentir a presença de Charlotte, a energia quente dela, enquanto ela se levantava em minha direção.

Finalmente, senti-la deitar na cama ao meu lado. Sem palavras, ela se aproximou, me envolveu em suas pernas e braços e me puxou para ela, de modo que minha cabeça estava apoiada em seu peito. Ela acariciou meu cabelo gentilmente, massageando a última dor. Fiquei tenso no começo... depois suspirei e me aproximei dela.



— Sinto muito, baby... sinto muito.

— Sssshh, não. – ela beijou minha têmpora. — Desde quando?

— Eu não sei. Desde Roma, eu acho. Então isso foi...

— No início de Julho. – disse ela, engolindo em seco. — Quase quatro meses, Noah.

— Sim. Eu estava estressado, baby. Isso é tudo.

Eu a senti balançar a cabeça. — Estamos indo para casa. De volta à cidade de Nova York. Amanhã.

— Caramba. Você trabalhou duro para planejar esta viagem para nós...

— Não importa. Você é a única coisa que importa. Chega de viajar por um tempo. E você vai direto ao médico.

Fechei os meus olhos em derrota. *Eu estraguei tudo. Com minha chance de pedir ela em casamento a ela, arruinado. E agora ela está assustada.*

— Durma agora, Noah. Durma um pouco. – ela me beijou de novo, me abraçou e me senti envolvido por ela, por seu corpo e seu amor, e me aconcheguei mais perto.

— Estamos indo para casa.



Retorno para Nova York

De volta à cidade de Nova York. No sobrado. Parecia e cheirava da mesma forma que quando eu o deixei, eras atrás, mas parecia diferente agora. Charlotte estava de volta e, portanto, o lugar parecia uma casa em vez da prisão escura em que eu me tranquei depois do acidente.

Tivemos uma consulta com o meu antigo neurologista em Lenox Hill na manhã seguinte. No telefone, ele parecia preocupado. Ele deixou escapar por trás de suas palavras profissionais quando não deveria, e então o medo se instalou no meu peito como um peso de chumbo. Estrondosas enxaquecas implacáveis. Tontura. Náusea. Não precisava ser um médico do Google me dizer para que minha mente chegasse à pior conclusão.

— Venha para a cama. — Charlotte me chamou naquela primeira noite. — Descanse um pouco. Você pode continuar isso novamente mais tarde.

Eu estava escrevendo. Escrevendo estas palavras. Falá-las no computador onde elas saíam de mim, mas também foram escritas para que outros possam lê-las. Então, Charlotte finalmente pode lê-las e saber o que ela significa para mim. Eu podia falar até ficar rouco e nunca ter ficado sem meios de dizer o quanto a amava, mas naquele momento, à beira de um amanhã desconhecido, lutei para encontrar as



palavras certas, para colocá-las no lugar para todo o tempo.

— Charlotte. — finalmente sussurrei para o computador. — Obrigado. Obrigado por me amar como você me ama.



Na manhã seguinte, chamamos um táxi para me levar ao consultório do meu neurologista em Lenox Hill. Enquanto estávamos no meio-fio do lado de fora do sobrado, esperando o táxi, o chão abriu debaixo de mim. Minha mão escorregou do braço de Charlotte e eu tropecei de lado, para cair de joelhos com força. E ainda assim, o chão sob minhas mãos tentou escapar.

Um som rápido encheu meus ouvidos, e a voz de Charlotte veio de uma grande distância, assim como o som de um motor de carro. Mãos me levantaram, mãos mais suaves me seguraram, e então a escuridão generalizada caiu sobre meus pensamentos também, e eu não sabia de nada...

Um velho terror me agarrou com as duas mãos e me sacudiu para acordar. Os cheiros - produtos de limpeza e látex - encheram meu nariz. Os aparelhos e monitores, as vozes e os passos no corredor do lado de fora ecoaram em meus ouvidos.

Tudo veio à tona. O acidente. Minha cabeça e pescoço estavam pesados, revestidos de metal e pesados, e estava tão escuro. Eu estava ancorado na cama e agarrando as ataduras nos meus olhos que não estavam lá, antes de implorar, com uma voz martirizada de terror, para alguém acender as luzes. *Por favor. Por que está*



tão escuro? Por quê...?

Respirei fundo e sentei. Fiquei lá. Sem dor. No escuro, sim, mas depois a memória, como é para mim agora, voltou. Uma mão deslizou na minha.

Charlotte. Isso não aconteceu depois do acidente, isso era novo. Novo e assustadoramente semelhante aos meus sentidos restantes.

Uma enxurrada de testes, familiares preocupados e mais testes marcaram o primeiro dia e Charlotte tentou me passar por essas horas em que esperávamos que os médicos nos dissessem o que havia de errado comigo. Eu estava com medo, mas odiava que Charlotte estivesse com mais medo.

Eu dormi com ela de guarda em cima de mim e acordei novamente, para ouvi-la chorar. Eu a ouvi fungar e cheirei o sal de suas lágrimas.

— Ei. — eu murmurei, pegando sua mão. — O que há de errado? Por que você está chorando, baby?

Eu me perguntei se o médico havia puxado Charlotte para o lado e dito a ela: *sim, podemos explicar o aumento da enxaqueca e tontura, e sentimos muito...*

— Estou chorando porque estou brava com você, Noah! E brava comigo mesma. Por ser tão ignorante de como você está realmente exausto. Quão difícil tem sido para você... — ela suspirou. — Eu li o seu livro hoje à noite.

— Está tão mal assim? — provoquei, mas ela não estava ouvindo.

— Li sobre a Europa e não acredito no que você fez por mim. O que fez por nós. Fazer algo assim, cego e sozinho... E isso foi tão perigoso, solitário e exaustivo... Deus, Noah.



Ela caiu em soluços e eu estendi meus braços para ela. — Venha aqui, baby.

Charlotte voltou para a cama comigo, frente a frente. Enxuguei suas lágrimas, mas mais caiu.

— Eu não sabia dizer, Charlotte, e não queria. — falei, acariciando seus cabelos. — Isso não é importante.

Ela levantou a cabeça. — É importante para mim! Quando penso - quero dizer, realmente penso - como foi para você... é surpreendente e me sinto tão idiota. Naquela primeira noite, em Salzburgo, você me contou sobre sua viagem, mas não ouvi. Eu ouvi, mas não ouvi. Fiquei muito feliz em vê-lo, e você ... você quase não descreveu.

— De propósito. — eu disse.

— Mas por quê?

— Porque, Charlotte, eu senti como se estivesse tirando vantagem de você. Eu tive que deixá-la, e isso foi horrível. Mas não queria que você me perdoasse só porque a viagem foi difícil. Eu queria que você me perdoasse porque era a coisa certa a fazer. Charlotte... — eu segurei seu rosto em minhas mãos. — Foi minha prova de fogo. Não preciso lhe dizer o quanto isso queimou. Não importa. O que importa é que você sabe que valeu a pena. Eu faria isso cem vezes, se fosse necessário. Por você.

— Você não precisa, Noah. — ela sussurrou. — Você não precisa trabalhar *tanto*. E, meu Deus, não há absolutamente *nada* a perdoar. Você não sabe quanto me deu? Mesmo antes de minha turnê começar? Noah, a turnê *só aconteceu* por sua causa. Seu amor e crença em mim trouxeram minha música de volta à vida.

— Você a teria encontrado sem mim, baby.



— *Não*. Quando? Depois de mais um ano conseguindo sobreviver? Outro ano de ensaios sem brilho e audições ignoradas? – Suas mãos apertaram as minhas. — Foi você quem me fez realmente olhar para o que estava se perdendo. Você pegou e estendeu para mim e disse: “Pegue, é seu. Agora é sua vez.” E eu tive que ir e desenterrar isso em mim mesma. Eu tive que fazer isso sozinha da mesma maneira que você enfrentou sua cegueira. Só que eu não era forte o suficiente para deixar você. Mas *você* era forte o suficiente. Forte e corajoso.

— Não me senti corajoso. – eu murmurei contra seus cabelos. — Eu queria ir embora todos os dias. Todo minuto.

— Mas você não foi. – disse ela. — Estou muito grata a você por fazer a coisa certa para nós dois, não importa o quão difícil foi. – ela se aproximou mais de mim. — Você é corajoso, Noah. Tão corajoso...

Eu a abracei e a beijei até que sua respiração ofegante se acalmou. Eu pensei que ela poderia ter adormecido, mas ela fungou e se afastou para se deitar no travesseiro de frente para mim.

— Você tem isso com você? – ela perguntou.

— Tenho o que comigo?

— O anel.

Abri minha boca e a fechei novamente. — Você leu sobre Paris.

— Eu li tudo.

— Então você sabe que continuei tentando encontrar o momento certo e não consegui.

— Agora. – ela disse suavemente. — Agora é o momento certo.



Zombei. — Deus não. Aqui? Essa seria o pedido menos romântico da história do matrimônio.

— É por isso que é perfeito. — ela insistiu. — Sem grandes gestos. Se você me perguntasse qual seria o meu pedido dos sonhos, é só você e eu, em qualquer lugar, começando o resto de nossas vidas juntos.

Deus, essa mulher. Eu queria levantar e fazer o que ela pedisse. Para perguntar a ela, finalmente, a única pergunta que resta entre nós. Mas o som do meu próprio pulso voltou para mim em uma máquina, lembrando-me exatamente de onde estávamos e o que isso poderia significar.

— Os médicos vão entrar neste quarto a qualquer momento e Deus sabe o que eles vão dizer. Isso parece egoísta.

— Seja egoísta, então. Pela primeira vez, seja egoísta, Noah.

— E se são más notícias? O que fazemos então?

— Nós casamos. — eu senti suas mãos macias no meu queixo. — Eu sou sua, Noah. Na saúde e na doença, e nada vai mudar isso. *Nada*.

O carinho me percorreu, levando de volta o frio do hospital e meu medo e dúvidas. Eu a beijei ferozmente, e segurei seu rosto depois, com meus olhos procurando e depois cedendo. Charlotte estava lá, do lado do escuro, e ela sempre estaria.

— Bolso da jaqueta. Lado esquerdo.

Ela saiu da cama e voltou rapidamente. Ela subiu de volta àquela velha e estreita cama de hospital comigo e pressionou a pequena caixa de veludo preto na minha mão.

— Você leu o livro. Você já sabe como é. — murmurei, virando a caixa várias vezes.



— Eu tenho uma ideia. Isso não é o mesmo que realidade.

Eu balancei a cabeça e abri a caixa. Sua respiração nítida soou tranquilizadora e caramba, de repente eu estava uma pilha de nervos.

— Não achei que você gostaria de algo chamativo. — eu disse. — E é antigo como o inferno, o que achei que você gostaria. — eu limpei minha garganta. — Então... você gosta?

— Ah, Noah. É a coisa mais linda que eu já vi.

— Parecia ser o certo... para você.

Peguei o anel e o tirei da caixa, e o hospital sumiu: os aparelhos, o ar estéril, tubos e os fios. Somos apenas Charlotte e eu neste momento, porque ela estava absolutamente certa. Era a hora e o lugar, por mais improvável que parecesse.

Estávamos dividindo o meu travesseiro, frente a frente, e eu me aproximei. — Venha aqui. — eu a puxei para mim e pressionei minha testa na dela. — Quero perguntar uma coisa, baby, e quero te olhar nos olhos quando eu fizer isso.

Com nossas testas juntas, eu fechei meus olhos, e quando os abri, sabia que estava olhando diretamente para ela. Meus olhos encontraram os dela precisamente, porque senti o seu corpo reagir e a sua respiração.

Sem quebrar o contato, encontro a mão esquerda dela e a pego. — Eu te amo, Charlotte. Você me deu tudo. Você me mostrou que eu podia andar sozinho pela terra, no escuro, mas eu não quero. Quero você ao meu lado, agora e para sempre. — eu respirei fundo, com o meu coração batendo forte como uma marreta. *Minha Charlotte...* — Quer se casar comigo?

— Sim, Noah. — ela sussurrou, e sua voz está cheia de lágrimas felizes. — Claro que sim. Sim.



Coloquei o anel em seu dedo e a beijei, e de todos os milhares de beijos entre nós, nenhum era tão doce ou bom quanto esse.

Depois, eu a puxei em meus braços e a segurei, jurando que, se o médico tivesse más notícias, eu lutaria o máximo que eu precisasse. Tanto quanto eu fiz na primeira vez em que as pedras me quebraram. E eu não tinha medo. Agarrei aquele momento perfeito, com a sensação daquela mulher extraordinária em meus braços, e a deixei entrar, para mantê-la o tempo todo.

Foi surpreendente para mim que pudesse conhecer tanta felicidade. Mesmo no meio do desconhecido, eu senti e entendi o que era. É o nascer do sol que vi com meus olhos no Peru e o nascer do sol que vi em meu coração com a música de Charlotte para dar cor para mim. É a possibilidade infinita de vida. A dor parece inevitável. Ou esperada. Acho que aceitamos isso como algo inevitável, e a felicidade é um presente que está fora de alcance; um privilégio que apenas alguns de nós temos a sorte de ter.

Mas isso não. Está bem ali, à nossa volta, se tivermos a coragem de esticar nossas mãos no escuro e pegá-las.

Pegue. Agarre. E nunca deixe ir.



Epílogo

Charlotte

3 anos depois...

Andei pelos corredores do prédio da faculdade de Artes Liberais da Universidade de Nova York, embora *gingado* seja provavelmente mais preciso. Eu parecia - e senti - como se tivesse engolido uma bola de boliche. *Sou muito pequena para estar grávida*, pensei. E ainda tinha doze semanas pela frente. A mera ideia de que eu ia ficar ainda maior era muito cansativa para imaginar.

Parei no banco do lado de fora do escritório de Noah e me sentei agradecida. Um relógio na parede de painéis de madeira do lado oposto dizia que tinha dez minutos até a turma dele sair. Eu soltei um suspiro, com a minha mão alisando distraidamente sobre a minha barriga arredondada. O bebê se mexeu e eu sorri. Eu sorri mais amplamente. Eu não parei de sorrir o dia todo e ansiava por pegar a pequena caixa que estava na minha bolsa, para olhar o conteúdo pela centésima vez naquele dia. Mas a deixei em paz e fechei os olhos, só por um minuto...

E cochilei imediatamente.

Acordei com um sobressalto quando o corredor se encheu com as vozes ecoantes e os passos de dezenas de estudantes. No meio da



multidão, vi Noah segurando o braço de um colega e vindo em minha direção; óculos de sol, bastão branco batendo de um lado para o outro.

Meu coração bateu loucamente só de ver meu lindo marido. Agradei silenciosamente ao código de vestimenta da NYU que até os instrutores convidados eram obrigados a usar um terno. Hoje, Noah usava um cinza claro - o meu favorito - com uma gravata de cobalto e estampas douradas. Ele parecia devastador, e eu pude perceber pelos olhares roubados de algumas das alunas que eu não estava sozinha nessa estimativa.

O professor que o guiou - Harry Albright, se bem me lembro - me viu e sorriu brilhantemente sob o bigode grisalho. Ele falou algumas palavras para Noah, informando que eu estava aqui, imaginei. A maneira como o rosto de Noah se iluminou foi como uma sacudida de pura felicidade diretamente no meu coração.

— Chegamos ao seu escritório. — disse Harry Albright ao se aproximarem. — Onde sua esposa espera, como prometido. Charlotte, você parece radiante.

— Obrigada, Harry. Não me sinto radiante. Eu me sinto como uma morsa.

— Uma morsa? Ontem foi um peixe-boi. — Noah soltou o braço de Harry e estendeu a mão para mim. — Calma, baby. Ainda temos três meses e você ficará sem animais marinhos inchados para se comparar.

— Ah, você não é hilário. — eu disse, quando Noah deu um beijo suave na minha bochecha, com sua mão indo imediatamente para a minha barriga. Ele sempre nos cumprimentava ao mesmo tempo.

— Posso dizer isso. — disse Noah a Harry. — Porque isso é uma balela total. Ela está linda e isso é um fato.



— De fato ela está. — Harry disse, com um brilho nos olhos. — E Charlotte, você está ganhando um menino ou uma menina?

— Menina. — Noah disse automaticamente, infundindo aquelas sílabas com feroz orgulho e amor. — Estamos tendo uma menina.

Harry riu. — Claro que sim, Sr Lake! Você me disse e ao resto do departamento aproximadamente dezesseis vezes por dia. — ele se virou e piscou para mim. — Síndrome do pai orgulhoso de primeira viagem. Típico.

— Você não tem um compromisso, Harry? — Noah perguntou, com um sorrisinho contraindo seus lábios.

— Verdade. Charlotte, foi bom vê-la, e parabéns novamente pelo seu... o que? Ah sim, uma menina.

Com uma piscadinha para mim, Harry voltou aos estudantes que corriam pelo corredor. Alguns eram provavelmente os próprios alunos de Noah que fizeram o curso de Literatura Comparativa: Memória Escrita. Ele foi um professor convidado durante o ano - o sucesso de suas memórias permitindo isso -, mas acho que ele gostava de ensinar mais do que imaginava. Eu acho que ele gostou o suficiente para fazer disso uma carreira. Por um tempo, de qualquer maneira. Eu não conseguia imaginar que ele seguisse esse caminho por muito tempo; ele tinha muita vontade de viajar nele. Nós dois tínhamos. Estávamos viajando pelo último ano quase sem parar, até que uma pequena marca rosa em um teste de gravidez, seis meses atrás, freou nossas viagens.

— Se tivermos que parar. — disse Noah quando lhe contei a notícia, — Esse é o melhor motivo possível.

Agora, ele me beijou novamente, sorrindo como o pai orgulhoso que Harry descreveu que ele era. — Essa é uma ótima surpresa. O que você



está fazendo aqui, querida? – O sorriso dele vacilou. — Você está bem? O bebê está bem...?

— Todo mundo está perfeitamente bem. – eu disse gentilmente.

Nunca ri de sua preocupação. Isso já era bastante difícil, pensei, ser um futuro pai. Ainda mais difícil, quando você teve que percorrer aquela estrada incerta no escuro.

A cara fechada de preocupação de Noah voltou a sorrir, com sua mão gentil na minha barriga sobre o meu vestido florido. O bebê chutou ou rolou ou fez o que quer que as ginastas façam: socando minhas costelas e batendo na bexiga ao mesmo tempo.

— Ela está acordada. – Noah disse calmamente, com um sorriso suave e doce em seu rosto. Que tenho certeza que ninguém nunca viu além de mim.

— Você pode dizer isso de novo. – eu ri, estremecendo. — Ela não parou de se mexer o dia todo. Eu estava pensando que você e eu poderíamos dar um passeio, acalmá-la. Você está saindo, certo?

— Sim. – disse Noah. — Deixe-me pegar as minhas coisas e sairemos daqui.

Ele abriu a porta atrás de mim e eu o observei, com meu próprio orgulho feroz queimando em meu coração, enquanto ele percorria seu escritório com facilidade. Estava escuro - ele nunca se incomodava com luzes, a menos que tivesse alunos. Ele pegou o teclado e o laptop em Braille e os guardou na bolsa de carteiro, junto com o último livro que estava lendo: um romance amplo e grosso, impresso em Braille. Ele estudou muito na *Fundação Helen Keller* e, em nove meses, estava lendo livros de verdade novamente, e sei que era como se um mundo totalmente novo se abrisse para ele. Eu nunca estive tão orgulhosa.



Voltamos para o corredor que estava mais silencioso agora, embora não muito. Um aluno passou, deu uma segunda olhada na minha barriga e gritou: — Aaah! Muito bem, Sr. Lake!

Eu ri enquanto Noah fingia estar irritado, quando pude ver que ele também estava orgulhoso.



Eu estava bem em pegar o metrô, mas Noah não quis. Ele não gostava das multidões ou da ideia de alguém esbarrar em mim ou me assediar, e ele não ser capaz de evitar isso. Sua proteção era doce, mas intensa também. Depois do assalto onde perdi meu violino e depois de Deacon no elevador todos esses anos atrás, Noah fez um voto para me manter a salvo o melhor que podia. Talvez eu devesse me sentir ofendida por isso - Melanie ou Ava poderiam pensar assim - mas eu me senti amada. E estimada. E segura. Eu sempre me senti segura com Noah.

Nós pegamos um táxi para o que era agora o nosso sobrado.

Em nosso casamento, há três anos, insistimos que, em vez de presentes, os convidados fizessem uma doação à *American Cancer Society*. No hospital, Noah recebeu as melhores notícias sobre suas enxaquecas e crises de tontura: era uma reação severa à própria medicação indicada para aliviá-las. Seus remédios foram trocados e, desde então, ele só teve um pouco de dores de cabeça fortes e sem mais tonturas. Fomos abençoados além de tudo o que poderíamos esperar. Mas em todo o hospital - em todo o país



- outros pacientes não ouviram as mesmas boas notícias.

Os pais de Noah, no entanto, não podiam deixar de fazer algo grande. Nosso casamento foi um belo evento em Bozeman, Montana, em uma pequena capela com vista para o Vale Gallatin. Pequena e simples - mas também elegante - apenas com a nossa família e amigos mais próximos. Foi perfeito e pensei que não poderia estar mais feliz.

Mas quando voltamos para Nova York, o meu novo sogro pressionou uma chave e uma escritura na mão de Noah e disse que o sobrado era nosso agora, e ele não aceitava *não* como resposta. Então minha alegria transbordou, e eu sabia exatamente o porquê. O sobrado foi onde a minha vida recomeçou. Onde o meu *coração* recomeçou; trazido de volta à vida pelo beijo ressuscitador de Noah. Eu não conseguia imaginar ficar na cidade de Nova York e não morar lá.

Pensei que Noah se sentiria estranho ou desconfortável, considerando todos os longos e solitários meses que ele passou lá. Mas ele me disse que estava feliz. Comigo lá, ele disse, parecia diferente. Parecia um lar. Quaisquer demônios remanescentes foram expulsos quando redecoramos para melhor atender sua cegueira e nossos gostos, e depois passamos as duas semanas de nossa lua de mel em casa a batizando em todos os cômodos do sobrado.

Isso também ajudou muito.

Agora, eu esperei no hall de entrada no primeiro andar, enquanto Noah vestia sua roupa e vestia sua habitual calça esportiva e camiseta. Olhei para o que tinha sido meu quarto quando eu era uma empregada aqui. Agora era o quarto de hóspedes. O quarto de hóspedes no terceiro andar agora era o quarto do bebê.

O quarto do bebê.

Eu sorri e levantei minha bolsa que continha a pequena caixa que me foi dada hoje. Mantive a



bolsa do meu lado esquerdo, o que foi estranho para mim, mas eu não queria que Noah a sentisse e me perguntasse por que a trouxe na nossa caminhada. Ele saberia em breve.

Ele desceu as escadas de dois em dois, e eu apenas... observei.

Ele era tão alto. Tão malditamente alto e sexy; ele nunca deixou de me tirar o fôlego, mesmo depois de três anos e meio consumindo ele todos os dias.

Eu esperava sempre me sentir assim.

Eu sabia que sempre sentiria.

Noah sentiu meu olhar nele. Como sempre. — Tem algo nos meus dentes?

— Não. É só você.

Ele sorriu de lado e se inclinou para me beijar. E não é um beijo gentil e superficial. É um beijo intenso que senti na minha barriga que ainda queimava por ele, com um bebê a bordo ou não. Noah nunca me beijou como se eu fosse uma mulher grávida delicada e frágil. Nunca.

— Para onde estamos indo? – ele perguntou, desdobrando seu bastão branco. — Apenas uma caminhada? Você não precisa descansar para sua sessão de gravação amanhã?

— Eu cancelei. – eu disse, levando-o para o belo crepúsculo da primavera em Nova York. — Ou adiei, devo dizer. Eu os avisei que poderia ser o caso. O Caprice de Paganini é insano, e eu simplesmente não consigo o movimento de que preciso. – eu olhei com carinho para minha barriga. — Apenas uma das muitas interrupções ou mudanças no cronograma que essa pequena vai nos impor.

Noah fez um som evasivo com sua expressão ficando séria. Eu sabia que ele estava pensando em todas as outras coisas que um bebê exige, e



em seu profundo medo de que ele não seria capaz de fornecê-las. Ou pior, que a cegueira dele a machucaria de alguma forma ou a colocaria em perigo. Eu não podia insultar sua inteligência e negar que tivéssemos desafios, mas também não tinha a menor dúvida de que ele não seria nada menos que maravilhoso com nosso bebê.

Atravessamos a sempre movimentada Columbus Avenue e, em seguida, começamos o caminho curto para o que eu considerava "nosso banco". Coloquei minha bolsa no meu lado esquerdo e soltei um suspiro de alívio por não estar de pé.

— Eu me lembro deste banco. — disse Noah, esticando-se e colocando o bastão branco de lado. Ele virou em minha direção. — Sentindo-se nostálgica?

— Algo assim. — eu disse, reprimindo um sorriso. — Você se lembra do que aconteceu aqui?

O rosto dele se suavizou. — Como se eu pudesse esquecer. É aqui que eu vi você pela primeira vez.

— Sim. E você me disse que não via nada. Mas isso não era verdade, era?

— Não. — ele respondeu. — Eu vi você. Você era tão bonita. Eu não esperava isso... ou o que senti ao vê-la. Também não esperava isso.

— Ah? Você sentiu algo por mim? Mesmo assim? — eu provoquei gentilmente. — Parece que me lembro de uma decisão muito decisiva: não consigo ver nada com as mãos.

— Eu posso ter sido propenso a exageros. — disse ele tossindo.

— Eu pensei assim. — eu me aproximei dele, e ele colocou o braço em volta de mim. — Mas você disse que não esperava sentir o que sentiu. E



o que foi isso, eu posso perguntar três anos depois?

Noah virou o olhar cego para frente por um momento, como se tentasse colocar seus pensamentos em palavras.

— Você é radiante, Charlotte. Eles disseram isso sobre você no dia do nosso casamento e, novamente, quando você está grávida, mas sempre foi radiante. E a primeira vez que vi essa beleza em minhas mãos, senti como me sinto ao abrir um livro novo. Você sabe como é isso? Onde você só precisa ler as primeiras páginas e já pensa: 'Essa pode ser um bom. Um dos melhores. Uma das raras descobertas que fica com você para sempre.

Ele se virou para mim, com um pequeno sorriso suave nos lábios. — Foi assim que eu me senti, mas estava muito empolgado e pronto para explodir para dizer algo assim.

— Ah. — eu respirei, com o meu coração batendo forte como se estivéssemos em um primeiro encontro, em vez de estarmos casados três anos e esperando um filho. — Ah, Noah. — eu funguei e enxuguei as lágrimas.

Graças aos meus hormônios, chorei em um piscar de olhos, mas essas lágrimas não eram hormonais. Não esperava que Noah continuasse me procurando, mas de alguma forma ele sempre conseguia fazer isso.

Ele se virou para mim e tirou os óculos escuros, com os olhos castanhos passando sobre mim. Eu não disse uma palavra, mas me inclinei perto do meu marido e o deixei me encontrar com os lábios. Ele me beijou lentamente, antes de interromper suavemente para afastar um fio de cabelo da minha bochecha.

Peguei e segurei sua mão. — Como eu estou agora?



Ele tocou meus olhos, minhas bochechas, meus lábios, sentindo delicadamente os contornos do meu rosto.

— Você parece... feliz. — ele sussurrou.

— Sim. — eu respirei. — É exatamente como estou. Eu te amo e estou muito feliz com você. E... eu tenho algo para você.

— Ah, é?

— Sim. — Mordi o meu lábio, com a excitação pela minha surpresa aumentando no meu peito. — Antes do seu acidente, você já viu um desses ultrassons 3D que eles podem fazer agora? Em vez de preto e branco granulado, você pode realmente ver os contornos e os detalhes do rosto do bebê. Isso é incrível.

Noah assentiu. — Acho que me lembro de ter visto algo assim. Há muito tempo. — ele disse, sem expressão. — Você quer um? Podemos procurar um lugar que os faça.

Ele parecia casual, mas seus dedos tamborilaram na parte de trás do banco, e meu coração apertou um pouco. Machucou-o que ele não podia ver seu bebê crescendo dentro de mim. Em nossa consulta regular de ultrassom, Noah apertou a minha mão e perguntou repetidamente ao técnico: — Como ela está? — ele estava preocupado com a saúde do bebê em primeiro lugar, mas eu também sabia que ele se sentia impedido desde o momento especial. Ele não podia ver o que o técnico, meu médico, e eu todos pudemos ver - seu bebê no meu ventre, mexendo e chutando, seu coração batendo rápido e forte. Isso partiu meu coração.

Por isso, mais cedo naquele dia, eu voltei para outro.

— Bem, já encontrei um lugar que faz isso e fiz um novo ultrassom.



— E ela está bem, certo? — ele perguntou, automaticamente tenso de preocupação. — Tudo parece bem?

— Sim, querido. — eu disse suavemente. — Ela é perfeita. E bonita. As imagens foram bastante impressionantes. Tão nítidas. Este lugar tinha o equipamento mais recente... até uma daquelas novas impressoras 3D. — eu enfiei a mão na minha bolsa, puxei a caixa quadrada branca e a abri. Peguei o molde - um quadrado de gesso - e o pressionei na mão de Noah. Minha voz abaixou em um sussurro. — É incrível o que eles podem fazer com a tecnologia hoje em dia.

— O que...?

Eu assisti, com meu coração na garganta, enquanto ele passava os dedos longos sobre o molde, o sentindo. Ele parou no centro com um pequeno suspiro e sua mão começou a tremer. Ele encontrou a curva de uma pequena bochecha gordinha, depois no queixo uma covinha e dois olhos fechados.

— Essa é...? — ele limpou a garganta e tentou novamente. — Essa é a minha bebê?

Meus olhos ficaram borrados de lágrimas ao ver os dele. Eu me inclinei para perto, beijei sua orelha e sua bochecha. — Essa é a sua bebê.

Ele passou as pontas dos dedos sobre ela novamente e novamente. — Eu posso vê-la. Essa é ela. Nossa bebê...

Ele ficou muito quieto por um momento, mas pelos dedos que olhavam a filha porque seus olhos não podiam. Um som abafado explodiu do fundo de seu peito, e ele se curvou sobre os joelhos, com uma mão cobrindo os olhos e a outra segurando a impressão 3D. Segurei seus ombros enquanto eles tremiam, e me aproximei de seu pescoço e o beijei, com minhas lágrimas caindo no ombro de



sua camisa.

— Deus, Charlotte. — disse ele com voz rouca, e então me puxou para perto, com seus lábios tocando os meus cabelos. — Obrigado...

— Não. — eu balancei minha cabeça, interrompendo-o antes que ele pudesse me agradecer pelo que já era dele. — Ela é nossa bebê, Noah. Sua e minha. Nós a fizemos juntos. Isso... — eu toquei a impressão. — É exatamente isso que você merece. Como pai dela. E eu sei que você vai ser um pai incrível.

Ele assentiu, enxugou os olhos na dobra da manga, desgostoso com a perda de controle. — Farei o meu melhor.

Seu melhor. Isso de um homem que passou seis semanas viajando pela Europa cego por mim. Por nós. O *melhor* de Noah significava seu coração e alma, sangue e coragem, suor e lágrimas, e meu coração estava cheio de tanto amor por ele que eu mal conseguia conter.

— Ela se parece com você. — disse Noah, ainda olhando para o bebê.

— Humm, ela tem seu queixo, e Deus, espero que ela tenha seus olhos.

— Meus olhos. — Noah murmurou.

Ele não terminou seu pensamento e eu não perguntei. Noah me puxou para ele, segurando a impressão 3D com força em uma mão - como se ele não quisesse a largar - e colocou a outra na minha barriga. Ouvimos Nova York ao nosso redor e sentimos nosso bebê se mexer sob nossas mãos.

Parecia que sempre tinha sido assim, ele e eu juntos. Incrível pensar que houve um tempo em que não tivéssemos sido. Viajamos tão longe para



chegar aqui - através de continentes e grandes extensões do desconhecido escuro.

Pensei no homem zangado e amargo que se escondeu em um quarto, ouvindo outra pessoa ler e a jovem com o coração partido que só precisava de um emprego decente e um pouco de paz. Nós dois fomos destruídos pela vida e alterados até que nenhum de nós se encontrasse. Mas de alguma forma nos encontramos, nos ajudamos a juntar nossos pedaços para criar algo novo e completo. E algo ainda mais que isso. Esfreguei minha barriga arredondada e sorri. Nós começamos com um talvez, e esse talvez se transformou em um milagre.

A última luz de tom caramelo começou a desaparecer e nós nos levantamos do nosso banco. A mão de Noah encontrou a dobra do meu braço sem precisar procurá-la, e suspirei ao sentir seu forte aperto ali. Tudo estava onde deveria estar.

— Vamos, baby. — disse Noah, inclinando-se para me beijar. — Vamos para casa.

Fim

